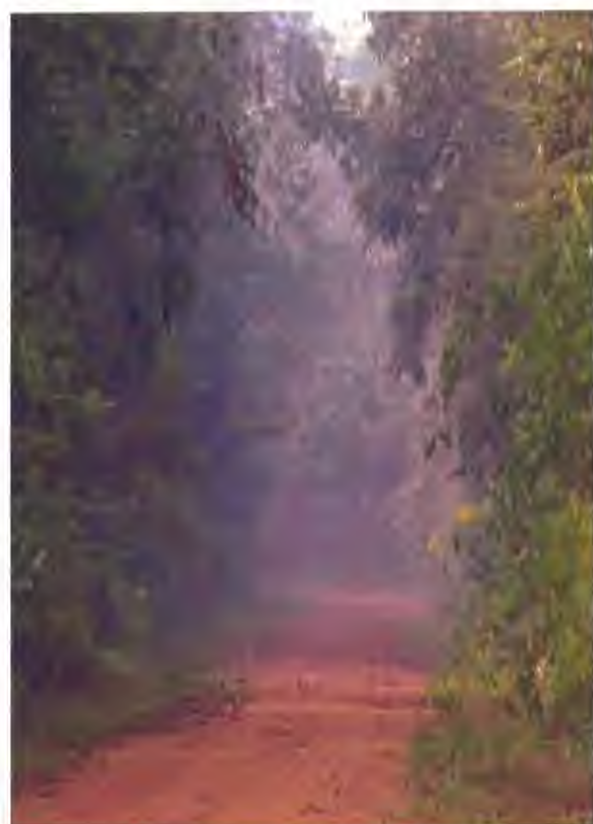




Plano de Manejo



Floresta Nacional do Jamari – Rondônia

volume V
anexos



MMA/IBAMA

Plano de Manejo da
Floresta Nacional do Jamari – Rondônia

Volume V
Anexos

Diretoria de Florestas

Antonio Carlos Hummel

Coordenação Geral de Florestas Nacionais

Adalberto da Costa Meira Filho

Coordenação de Planejamento de Florestas Nacionais

Adalberto Iannuzzi Alves

Gerência Executiva I do Estado de Rondônia

Oswaldo Luiz Pittaluga e Silva

Chefe da Floresta Nacional do Jamari

Carlos Renato de Azevedo

Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari – Rondônia

Volume V Anexos



.....
Brasília – 2005

Equipe Responsável pela Elaboração do Plano de Manejo

Coordenação

Coordenação Geral – Adalberto Iannuzzi Alves
Coordenador Técnico – Verusca Cavalcante

Equipe técnica

Carlos Renato de Azevedo – FLONA Jamari
Helio Vieira Porto – FLONA Jamari
Lúcia Guaraldo – FLONA Jamari
Roberto Fernandes Abreu – FLONA Jamari
Saskia Ferreira Lima – Consultora
Verusca Cavalcante – IBAMA/DIREF/CGFLO

Equipe de Apoio

Deuzalina Ferreira de Brito – FLONA Jamari
Antônio Magalhães – FLONA Jamari
Ângela Maria Leite – FLONA Jamari

Pesquisadores

Avaliação Ecológica Rápida

Vegetação

Rogério Gribel – INPA

José Ferreira Ramos – INPA

José Guedes de Oliveira – INPA

Carlos Alberto Cid Ferreira – INPA

José Lima dos Santos – INPA

Mastofauna e Avifauna

Carlos Yamashita – IBAMA/São Paulo

Luiz Sanfilippo – Consultor

Herpetofauna

Matheus Godoy Pires – Consultor

Ictiofauna

Rosana Cristina Pezzi d'Arrigo – IBAMA/Acre

Avaliação Socioeconômica

Rafael Pinzón Rueda – Consultor

Plano de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais

Roberto Fernandes Abreu – FLONA Jamari

Guanadir Gonçalves da Silva Sobrinho – IBAMA/DIREF/CGFLO

Paulo Amozir Gomes de Souza – IBAMA/DIPRO/PrevFogo

Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo

Experimental

Randolf Zachow – IBAMA/DIREF

Produção Cartográfica

Alessandra Luiza Gouveia – Consultora

Organização do texto

Verusca Cavalcante – IBAMA/DIREF/CGFLO

Carlos Renato de Azevedo – FLONA Jamari

Revisão do texto final

Márcio Luiz Quaranta Gonçalves – FLONA Ipanema

Oscar Rensburg Willmersdorf – FLONA Ipanema

Ofélia Gil Willmersdorf – FLONA Ipanema

Eduardo Antonio Matos Monteiro – FLONA Ipanema

Projeto Gráfico e Diagramação

Denys Márcio

Capa e Rótulo do CD-ROM

Fátima Feijó

Foto da Capa

Felipe de Oliveira

Este Plano de Manejo foi realizado com recursos do Projeto de Fortalecimento do Manejo Florestal na Amazônia – Gestão de Florestas Nacionais – Manejo Sustentável em Florestas Nacionais / PPG-7 – Cooperação Holandesa

Agradecimentos

Aos Técnicos da Gerência Executiva do IBAMA no estado de Rondônia e aos servidores da Floresta Nacional do Jamari, pela ativa participação na viabilização da logística necessária para a realização dos estudos.

Ainda aos técnicos da Floresta Nacional do Jamari, pela colaboração nos programas e normas constantes neste documento.

Aos técnicos da Coordenação de Gerenciamento de Florestas Nacionais, que contribuíram com informações sobre a exploração mineral na Unidade, especialmente o Analista Ambiental Jaime Tadeu França, que por sua experiência na Floresta Nacional do Jamari, trouxe clareza a muitos questionamentos.

Ao Geólogo Adalberto Soares da Silva pela colaboração na elaboração do texto de geologia e mineração.

Ao Analista Ambiental Randolf Zachow, por sua enorme dedicação à parte florestal deste documento. Tanto na fase de diagnóstico, quanto de planejamento. Suas contribuições no campo e na elaboração do documento foram valiosas e imprescindíveis.

Ao Coordenador Geral de Florestas Nacionais, Adalberto da Costa Meira Filho, por todo apoio prestado. A confiança por ele depositada na equipe deu ritmo e "incentivo" para vencer todas as dificuldades.

À Analista Ambiental Ana Lúcia das Graças Amador Chagas por todo o trabalho desenvolvido junto ao Conselho Consultivo da Unidade, para que este se estabelecesse e consolidasse de fato e de direito.

Ao consultor Rafael Pinzón Rueda que, juntamente, com os Analistas Ambientais da FLONA, Carlos Renato de Azevedo, Lúcia Guaraldo e Hélio Porto, desenvolveram um excelente trabalho no entorno da FLONA e junto ao Conselho Consultivo, fazendo da construção deste Plano uma atividade com participação real e efetiva da sociedade.

Aos membros do Conselho Consultivo da Floresta Nacional de Jamari pelo envolvimento efetivo na construção deste documento e nas questões relacionadas à Unidade.

À ERSa (antiga CESBRA) pela colaboração e informações prestadas.

Agradecimento especial aos moradores do entorno da FLONA e à sociedade organizada dos municípios de Itapuã do Oeste e Cujubim, pela participação na construção do Plano de Manejo oferecendo sugestões, prestando informações, mobilizando a sociedade, mediante o trabalho de associações, sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas, organizações não-governamentais, grupos de jovens, equipes de docentes e grupos religiosos.

Agradecemos ainda, a colaboração dada pelos municípios abrangidos pela Unidade e em especial, à sociedade de Itapuã do Oeste pela acolhida e confiança prestadas à equipe técnica e consultores envolvidos em todas as fases de construção deste documento.

Os Coordenadores

Na fase final de construção deste Plano de Manejo, a CESBRA cedeu e transferiu à Estanho de Rondônia S.A. – ERSÁ, as concessões de lavra integrantes do grupamento mineiro nº 131/92, com prévia anuência do Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM. Portanto, a CESBRA não mais atua na Floresta Nacional do Jamari. Entretanto, o nome CESBRA é citado inúmeras vezes neste documento pelas atividades que desenvolveu na FLONA. Decidiu-se não mudar todas as palavras CESBRA por ERSÁ para que se evidenciasse a questão temporal em que os assuntos foram tratados, uma vez que a ERSÁ iniciou suas atividades, após o fechamento do Diagnóstico, constante no Volume I – Informações Gerais da Floresta Nacional do Jamari.

Sumário

Volume I

Informações Gerais sobre a Floresta Nacional

1. Histórico do Planejamento	25
2. Contexto Nacional	25
2.1. Sistema Nacional de Unidades de Conservação	26
2.2. Localização das Unidades de Conservação	28
2.3. Enquadramentos Ecológicos da Floresta Nacional Tendo como Base o Mapa do Brasil	28
3. Informações Gerais da Floresta Nacional do Jamari	39
3.1. Ficha Técnica da Floresta Nacional	39
3.2. Acesso à Sede Floresta Nacional	40
3.3. Histórico e Antecedentes Legais de Criação da Unidade	40
3.4. Origem do Nome	41
3.5. Situação Fundiária	41
3.6. Programas que Envolvem a Floresta Nacional	42
3.7. Atividades em Desenvolvimento, Potenciais, Restringíveis e Conflito de Uso	43
3.7.1. Atividades em Desenvolvimento	43
3.7.2. Atividades Potenciais	47
3.7.3. Atividades Restringíveis	47
3.7.4. Conflitos de Uso	52
4. Caracterização dos Fatores Abióticos	56
4.1. Clima	57
4.2. Relevo / Geomorfologia	57
4.3. Geologia	61
4.4. Solos	65
4.5. Hidrografia / Hidrologia	72



Diagnóstico

5. Caracterização dos Fatores Bióticos da Floresta Nacional do Jamari	75
5.1. Vegetação	75
5.1.1. Caracterização das Formações Vegetais	76
5.1.2. Aspectos Gerais de cada Fitofisionomia	79
5.1.3. Táxons da Flora Raros e de Interesse para a Conservação	85
5.1.4. Principais Problemas Encontrados	85
5.2. Fauna	87
5.2.1. Mastofauna	87
5.2.2. Avifauna	93
5.2.3. Ictiofauna	104
5.2.4. Herptofauna	110
6. Caracterização Socioeconômica da Unidade.....	116
7. Aspectos Históricos e Culturais	117
8. Ocorrência de Fogo e outros Fenômenos Excepcionais	118
9. Aspectos Institucionais	118
9.1. Pessoal	118
9.2. Infra-estrutura e Equipamentos	119
9.3. Estrutura Organizacional	121
10. Identificação da Zona de Amortecimento	123
10.1. Definição da Zona de Amortecimento	123
10.2. Caracterização dos Ecossistemas da Zona de Amortecimento	124
11. Socioeconomia da População Residente e do Entorno de Amortecimento	127
11.1. Caracterização da População do Entorno e do Interior	127
11.2. Família Benjamim	145
11.3. Características Culturais	146
11.4. Infra-estrutura Disponível de Apoio à Unidade	146
11.4.1. Candeias do Jamari	147
11.4.2. Cujubim	148
11.4.3. Itapuá do Oeste	148
11.5. Apoio Institucional	149
11.6. Visão da Comunidade sobre a Floresta Nacional do Jamari	150
11.7. Análise dos Problemas	154



12. Declaração de Significância	155
13. Referências Bibliográficas	157

Volume II

Planejamento da Floresta Nacional do Jamari

1. Objetivos Específicos da Floresta Nacional	22
2. Zoneamento	23
2.1. Objetivos	23
2.2. Metodologia	23
2.3. Identificação e Conceituação das Zonas	23
3. Normas Gerais de Manejo da FLONA do Jamari	47
3.1 – Trânsito	47
3.2 – Trânsito Interno Durante a Ocorrência de Incêndio	47
3.3 – Lixo	47
3.4 – Uso Público	47
3.5 – Administração	47
4. Normas Gerais de Manejo da Zona de Amortecimento	49
4.1 Uso de Agrotóxico	49
4.2 Licenciamento de Empreendimentos	49
4.3 Estrada	52
4.4 Uso da Terra	52
4.5 Reserva Legal	53
4.6 Queima Controlada	53
5. Programas de Manejo	53
5.1. Programas de Pesquisa	53
5.2. Programa de Monitoramento Ambiental	59
5.3. Programa de Geração de Tecnologia	62
5.4. Programa de Uso Público	63
5.5. Programa de Interpretação e Educação Ambiental	66
5.6. Programa de Incentivo a Alternativas de Desenvolvimento	68
5.7. Programa de Manejo Florestal	72
5.8. Programa de Recuperação de Ambientes Degradados	74
5.9. Programa de Manejo de Fauna	75



5.10. Programa de Regularização Fundiária	76
5.11. Programa de Administração	77
5.12. Programa de Proteção e Fiscalização	84
5.13. Programa de Cooperação Interinstitucional e Relações Públicas	85
5.14. Programa de Mineração	86

Volume III

Sumário Executivo

1. Apresentação	23
2. As Florestas Nacionais	23
3. Informações Gerais da Flona do Jamari	24
4. Acesso à Sede da Flona	25
5. Questões Fundiárias	25
6. Caracterização da Floresta Nacional do Jamari	26
6.1. Clima	26
6.2. Relevo, Geomorfologia e Geologia	26
6.3. Solos	26
6.4. Hidrografia e Hidrologia	27
6.5. Vegetação	27
6.6. Fauna	28
6.7. Aspectos Históricos e Culturais	31
7. Ocorrência de Fogo e outros Fenômenos Excepcionais	32
8. Aspectos Institucionais	32
8.1. Pessoal	32
8.2. Infra-estrutura e equipamentos	32
8.3. Estrutura Organizacional	32
8.4. Recursos Financeiros	33
9. Zona de Amortecimento	34
9.1. Caracterização dos Ecossistemas da Zona de Amortecimento	34
9.2. Socioeconomia da População da ZA	37
9.2.1. Caracterização da População	37
9.2.2. Estrutura Fundiária	38
9.2.3. Aspectos Econômicos	39



9.3.	Acesso à informação	40
9.4.	Organização Social	40
9.5.	Características Culturais	40
9.6.	Infra-estrutura Disponível de Apoio à Unidade nos Municípios	41
9.6.1.	Infra-estrutura do Município de Candeias do Jamari	41
9.6.2.	Infra-estrutura do Município de Cujubim	41
9.6.3.	Infra-estrutura do Município de Itapuã do Oeste	42
9.7.	Apoio Institucional	42
9.8.	Visão da Comunidade sobre a FLONA do Jamari	42
9.9.	Análise dos Problemas	43
10.	Declaração de Significância	44
11.	Planejamento da Floresta Nacional do Jamari	45
11.1.	Objetivos específicos da Floresta Nacional do Jamari	45
11.2.	Zoneamento	46
11.2.1.	Identificação e Conceituação das Zonas	46
11.3.	Normas Gerais de Manejo da FLONA do Jamari	49
11.4.	Normas Gerais de Manejo da Zona de Amortecimento	51
11.5.	Programas de Manejo	53
11.5.1.	Programa de Pesquisa	54
11.5.2.	Programa de Monitoramento Ambiental	56
11.5.3.	Programa de Geração de Tecnologia	57
11.5.4.	Programa de Uso Público	58
11.5.5.	Programa de Interpretação e Educação Ambiental	59
11.5.6.	Programa de Incentivo a Alternativas de Desenvolvimento	60
11.5.7.	Programa de Manejo Florestal	61
11.5.8.	Programa de Recuperação de Ambientes Degradados	62
11.5.9.	Programa de Manejo de Fauna	63
11.5.10.	Programa de Regularização Fundiária	63
11.5.11.	Programa de Administração	63
11.5.12.	Programa de Proteção e Fiscalização	67
11.5.13.	Programa de Cooperação Interinstitucional e Relações Públicas	68
11.5.14.	Programa de Mineração	68

Volume IV

Encarte Cartográfico

- Mapa das Unidades de Conservação Federal do Brasil
- Mapa de Vegetação do Brasil
- Mapa de Solos do Brasil
- Mapa de Bacias Hidrográficas do Brasil
- Mapa de Biomas do Brasil
- Mapa das Províncias Biogeográficas do Brasil
- Mapa de Ecossistemas do Brasil



- Mapa de Domínios Morfoclimáticos do Brasil
- Mapa da Divisão Fitogeográfica do Brasil
- Mapa de Alvarás de Pesquisa Mineral e Portarias de Lavra
- Mapa Geomorfológico da Área onde a Floresta Nacional do Jamari está Inserida
- Mapa Geológico da Área onde a Floresta Nacional está Inserida
- Mapa de Solos da Floresta Nacional do Jamari – Rondônia
- Mapa das Bacias Hidrográficas, Floresta Nacional do Jamari
- Mapa da Floresta Nacional do Jamari com a Localização dos Sítios Pesquisados e Área Temática
- Mapa de Vegetação da Floresta Nacional de Jamari
- Limites da Zona de Amortecimento
- Mapa de Uso e Ocupação do Solo
- Mapa do Zoneamento (parte A)
- Mapa do Zoneamento (parte B)
- Carta-Imagem de Satélite Landsat de 2002
- Carta-Imagem de Satélite Landsat de 2003
- Carta-Imagem de Satélite Landsat de 2004
- Carta-Imagem de Satélite CBERS de 2004

Volume V

Anexos

Anexo 01 – Histórico do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari Enfatizando o Aspecto Participativo	23
Anexo 02 – Decreto nº 90.224, de 25 de setembro de 1984	34
Anexo 03 – Pontos Pesquisados na Avaliação Ecológica Rápida e suas Localizações ..	37
Anexo 04 – Famílias Botânicas, Nomes Científicos, Dap's e Nomes Vulgares dos Indivíduos Coletados na Floresta Nacional do Jamari, nas Parcelas de Inventário Intensivo e de Espécies Comerciais dos Levantamentos da AER	41
Anexo 05 – Lista da Ictiofauna da Floresta Nacional do Jamari, Baseada em Dados Secundários	69
Anexo 06 – Registros Herpetológicos Secundários Assinalados para a Floresta Nacional do Jamari	75
Anexo 07 – Regimento Interno do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari – RO	81
Anexo 08 – Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo Experimental	91
Anexo 09 – Apropriação do Espaço e Uso de Recursos pela População Tradicional da Floresta Nacional do Jamari	106

Anexo 10 – Plano de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais – Ano de 2005	124
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Volume I – Diagnóstico

Figura 01 – Mapa das Unidades de Conservação Federal do Brasil, Destacando-se a FLONA do Jamari	29
Figura 02 – Mapa de Vegetação do Brasil	31
Figura 03 – Mapa de Solos do Brasil	33
Figura 04 – Mapa de Bacias Hidrográficas do Brasil	35
Figura 05 – Mapa de Biomas do Brasil	37
Figura 06 – Mapa de Alvarás de Pesquisa Mineral e Portarias de Lavra	49
Figura 07 – Três Frentes de Lavra Situadas em Drenagens no Limite Sudoeste da Unidade	53
Figura 08 – Mapa Geomorfológico da Área onde a Floresta Nacional do Jamari está Inserida	59
Figura 09 – Mapa Geológico da Área onde a Floresta Nacional está Inserida	63
Figura 10 – Mapa de Solos da Floresta Nacional do Jamari - Rondônia	67
Figura 11 – Mapa das Bacias Hidrográficas, Floresta Nacional do Jamari	73
Figura 12 – Mapa da Floresta Nacional do Jamari com a Localização dos Sítios Pesquisados e Área Temática	77
Figura 13 – Mapa de Vegetação da Floresta Nacional do Jamari	83
Figura 14 – A estrutura organizacional da Floresta Nacional do Jamari	121
Figura 15 – Limites da Zona de Amortecimento	125
Figura 16 – Tempo de Moradia no Local	129
Figura 17 – Moradia Anterior dos Entrevistados	130
Figura 18 – A Situação Fundiária dos Moradores do Entorno da Floresta Nacional do Jamari	131
Figura 19 – Média da Renda Mensal	135
Figura 20 – Despesa Mensal da Família	136
Figura 21 – Coleta de Água	139
Figura 22 – Iluminação Utilizada	140
Figura 23 – Existência de Telefone	141

Volume II – Planejamento

Figura 01.a – Mapa de Zoneamento	25
Figura 01.b – Mapa de Zoneamento – Área da Sede do Ibama	28
Figura 02 – Limite da Zona de Amortecimento	47



Volume III – Sumário Executivo

Figura 01 – Zona de Amortecimento	35
Figura 02 – Zoneamento	47
Figura 03 – Organograma Funcional para a Unidade	65

LISTA DE QUADROS

Volume I – Diagnóstico

Quadro 01 – Ficha Técnica da Floresta Nacional do Jamari	39
Quadro 02 – Concessões Arrecadadas pela Empresa Metalmig	52
Quadro 03 – Correlação entre a Classificação de Solos Apresentada pelo Mapa de Solos e o Sistema de Classificação de Solos da Embrapa/1999	65
Quadro 04 – Relação dos Sítios e Pontos Visitados na Realização do Levantamento dos Fatores Bióticos	76
Quadro 05 – Lista das Espécies de Mamíferos Registrados no Levantamento da AER da Floresta Nacional do Jamari	87
Quadro 06 – Listagem das Espécies de Aves Encontradas na Floresta Nacional do Jamari Durante os Levantamentos da AER	93
Quadro 07 – Lista da Ictiofauna Registrada Durante a AER da Floresta Nacional do Jamari	105
Quadro 08 – Registros Herpetológicos Primários Assinalados durante a AER para a Floresta Nacional do Jamari	111
Quadro 09 – Produção de Estanho no Município de Itapuã do Oeste	116
Quadro 10 – Servidores Lotados na Floresta Nacional do Jamari	119
Quadro 11 – Infra-Estrutura e Equipamentos Existentes na Floresta Nacional do Jamari	120
Quadro 12 – Recursos Orçados, Recebidos e Gastos pela Floresta Nacional do Jamari entre os Anos de 2001 e 2003	122
Quadro 13 – Relação das Instituições Passíveis de Licenciamento Corretivo, Empreendimentos e Respectivas Localizações	122
Quadro 14 – Ambientes, Naturais ou Antropizados, que Compõem a Região do Entorno da Floresta Nacional e seu Respectivo Percentual de Ocupação	124
Quadro 15 – População Residente no Município de Candeias do Jamari	147
Quadro 16 – Número de Estabelecimentos de Ensino e Alunos Matriculados no Município de Candeias do Jamari	147
Quadro 17 – População Residente no Município de Cujubim	148



Quadro 18 – Número de Estabelecimentos de Ensino e Alunos Matriculados no Município de Cujubim	148
Quadro 19 – População Residente no Município de Itapuã do Oeste	148
Quadro 20 – Número de Estabelecimentos de Ensino e Alunos Matriculados no Município de Itapuã do Oeste	149

Volume II – Planejamento

Quadro 01 – Pessoal Necessário para a Unidade	79
---	----

Volume III – Sumário Executivo

Quadro 01 – Ficha Técnica da Floresta Nacional do Jamari	24
Quadro 02 – Correlação entre a Classificação de Solos Apresentada pelo Mapa de Solos do ZSEE e o Sistema de Classificação de Solos da Embrapa/1999	27
Quadro 03 – Recursos Orçados, Recebidos e Gastos pela Floresta Nacional do Jamari entre os Anos de 2001 e 2003	33
Quadro 04 – Relação das Instituições Passíveis de Licenciamento Corretivo, os Empreendimentos e Respectivas Localizações	34

LISTA DE TABELAS

Volume I – Diagnóstico

Tabela 01 – Posição Dentro da Família	127
Tabela 02 – Profissão/Atividade dos Entrevistados	128
Tabela 03 – Tempo de Moradia no Local	129
Tabela 04 – Moradia Anterior	129
Tabela 05 – Moradores da Residência na Área Rural	130
Tabela 06 – Situação Fundiária	131
Tabela 07 – Fontes de Renda Familiar dos Moradores de Cujubim e Itapuã do Oeste	134
Tabela 08 – Média da Renda Mensal	135
Tabela 09 – Despesa Mensal da Família	136
Tabela 10 – Famílias Rurais que Recebem Ajuda Econômica Urbana	137
Tabela 11 – Famílias Rurais que Auxiliam Economicamente Pessoas Urbanas	137
Tabela 12 – Área das Propriedades (ha) e sua Utilização	137
Tabela 13 – Infra-Estrutura das Propriedades	138
Tabela 14 – Materiais Utilizados nas Casas Rurais	138
Tabela 15 – Coleta de Água	139
Tabela 16 – Utilização de Filtro/Tratamento para Água de Beber	139



Tabela 17 – Destino do Lixo	139
Tabela 18 – Iluminação Utilizada	140
Tabela 19 – Existência de Telefone	140
Tabela 20 – Alunos Matriculados - 2002	141
Tabela 21 – Organizações Sociais Existentes na Área Rural de Cujubim	142
Tabela 22 – Organizações Sociais Existentes na Área Rural de Itapuã do Oeste	143
Tabela 23 – Participação em Organizações Sociais	143
Tabela 24 – Existência de Local para Reunião na Área Rural	143
Tabela 25 – Problemas de Saúde Mais Comuns	144
Tabela 26 – Assuntos Conhecidos pelos Entrevistados	150
Tabela 27 – Conhecimentos Específicos sobre a Unidade	151
Tabela 28 – Animais e Plantas que Estão Desaparecendo (Citações)	152
Tabela 29 – Problemas Dentro da Floresta Nacional	152
Tabela 30 – Outros Problemas Ambientais	153
Tabela 31 – Principais Problemas	153

LISTA DE FOTOS

Volume I – Diagnóstico

Foto 01 – Área da Serra da Onça que está sendo recuperada	46
Foto 02 – Lago do Duduca	46
Foto 03 – Mina Taboquinha	48
Foto 04 – Mina Taboquinha	48
Foto 05 – Garimpo Cachoeirinha com risco de acidente por rompimento da barragem instalada, sem condições técnicas adequadas	55
Foto 06 – Processo de desmonte hidráulico para efetuar a sucção e posterior concentração do minério	55
Foto 07 – Draga abandonada na margem do igarapé Queimado	55
Foto 08 – Borda do igarapé Olhos d'Água degradada pelo garimpo	55
Foto 09 – Novas instalações para lavra aluvionar garimpeira sendo instaladas na borda do igarapé Olhos d'Água	55
Foto 10 – Barragem chinesa instalada no leito do igarapé Olhos d'Água	55
Foto 11 – Aspecto da degradação causada pelo garimpo	56
Foto 12 – Práticas de desmatamento e uso do fogo	56
Foto 13 – Barragem construída sem seguir recomendações técnicas e ambientais	56
Foto 14 – Pegada de cervídeo encontrada no Sítio Duduca	90
Foto 15 – Pegada de cateto encontradas próximo ao Sítio Viveiro	90
Foto 16 – Sagüi <i>Callithrix emiliae</i> , encontrado próximo ao Sítio Viveiro	90



Foto 17 – Área de represamento de água utilizada para lavagem de minério de cassiterita	91
Foto 18 – Andorinha-serrador <i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	100
Foto 19 – Ninhos de Japim-guaxe <i>Cacicus haemorrhous</i>	100
Foto 20 – Bando de Marreca-cabocla <i>Dendrocygna autumnalis</i>	100
Foto 21 – Urubu-rei <i>Sarcoramphus Papa</i> , um dos representantes da guilda de decompositores	100
Foto 22 – Canção-de-anta <i>Daptrius ater</i> , espécie amazônica dependente de clareira de floresta	100
Foto 23 – Arara-piranga <i>Ara macao</i> , espécie exclusivamente amazônica	100
Foto 24 – Policia-inglesa <i>Leistes militaris</i> , icterídeo de área campestre	101
Foto 25 – Gavião-preto <i>Buteogallus urubitinga</i> , predador de área aberta próximo à água	101
Foto 26 – Agulha-parda <i>Brachygalba lugubris</i> , Galbulidae de sub-bosque de Floresta Amazônica	101
Foto 27 – Vestígios de caça no interior da Floresta Nacional do Jamari	102
Foto 28 – Presença de grande quantidade de Cabeça-seca <i>Mycteria americana</i> em vegetação morta de área de represamento	102
Foto 29 – Material mineral inerte de antiga mineração localizada no Sítio Potosi	103
Foto 30 – Desbarrancamento causado por corte nas margens de corpo d'água e supressão de APP	103
Foto 31 – Grande lago formado em cava de mineração por deposição de água pluvial no Sítio Potosi	104
Foto 32 – Lago Duduca – Ambiente lântico resultado do represamento dos dois braços do igarapé Forquilha e o São Pedro	104
Foto 33 – Canal de drenagem associado ao lago Duduca	106
Foto 34 – Lago gerado a partir da lavra Potosi	106
Foto 35 – Alto Jacundá	107
Foto 36 – <i>Bufo</i> sp., encontrado no Sítio Potosi	112
Foto 37 – <i>Bufo</i> sp. encontrado no Sítio Potosi	112
Foto 38 – <i>Leptodactylus</i> gr. <i>Pentadactylus</i> , encontrada no Sítio Potosi/Benjamin	112
Foto 39 – <i>Leptodactylus</i> gr. <i>Pentadactylus</i> , encontrada no Sítio Potosi/Benjamin	113
Foto 40 – <i>Bufo</i> gr. <i>margaritifer</i> - Sítio Potosi/Benjamin	113
Foto 41 – <i>Bufo</i> gr. <i>margaritifer</i> - Sítio Potosi/Benjamin	113
Foto 42 – <i>Bufo</i> gr. <i>margaritifer</i> - Sítio Potosi/Benjamin	113
Foto 43 – <i>Bufo</i> gr. <i>margaritifer</i> - Sítio Potosi/Benjamin	113
Foto 44 – Desova de <i>Bufo</i> , encontrada no Sítio Santa Bárbara/Tabocão	113

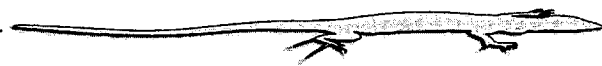
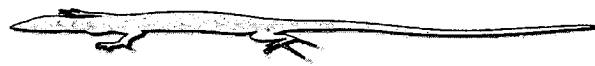


Foto 45 – <i>Gonatodes Hasemanni</i> - Sítio Buritizal/Carreiro de Madeira	114
Foto 46 – <i>Gonatodes Hasemanni</i> - Sítio Buritizal/Carreiro de Madeira	115
Foto 47 – <i>Phrynops raniceps</i> , encontrado no Sítio Potosí/Benjamin	115
Foto 48 – <i>Uranoscodon Superciliosus</i> , encontrado no Sítio Rio Jamari.....	115
Foto 49 – <i>Cnemidophorus</i> sp., encontrado no Sítio Santa Bárbara/Sede IBAMA.....	115
Foto 50 – <i>Eunectes Murinus</i> , encontrada no Sítio Duduca	115

SIGLAS

- AER – Avaliação Ecológica Rápida
- AREF – Associação Rondoniense de Engenheiros Florestais
- BNDS – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- BRASCAN – Grupo Empresarial Mineiro Brasil/Canadá
- CAERD – Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia
- CENAFLO – Centro Nacional de Apoio ao Manejo Florestal
- CERON – Centrais Elétricas de Rondônia
- CESBRA – Companhia Estanífera do Brasil
- CGFLO – Coordenação Geral de Florestas Nacionais
- CGLIC – Coordenação Geral de Licenciamento Ambiental
- COGER – Cooperativa de Garimpeiros do Estado de Rondônia
- CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
- DICOF – Divisão de Controle e Fiscalização
- DIREC – Diretoria de Ecossistemas
- DNIT – Departamento Nacional de Infra-estrutura de Trânsito
- DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral
- ELETRONORTE – Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- ERSA – Estanho de Rondônia S.A.
- ETP – Evapotranspiração Potencial
- EUCATUR – Empresa União Cascavel de Transporte e Turismo LTDA



- FENAG – Federação Nacional dos Garimpeiros
- FERUSA – Ferrusa Ferro União S/A
- FIERON – Federação das Indústrias de Rondônia
- FIMAIO – Fundação Instituto do Meio Ambiente de Itapuã do Oeste
- FLONA – Floresta Nacional
- FNMA – Fundo Nacional do Meio Ambiente
- FUNBIO – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
- FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
- GEREX-RO – Gerência Executiva I do Estado de Rondônia
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDARON – Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- ITERON – Instituto de Terras de Rondônia
- NEA – Núcleo de Educação Ambiental
- ONG – Organização Não-Governamental
- ONG RIOTERRA – Centro de Estudos e Pesquisas do Mergulho e do Meio Ambiente da Amazônia
- PDA – Projetos Demonstrativos Ambientais
- PLANAFLORO – Plano Agropecuário Florestal de Rondônia
- PM – Plano de Manejo
- POA – Plano Operativo Anual
- PPG7 – Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
- PRAD – Programa de Recuperação das Áreas Degradadas
- PREVFOGO – Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais
- PRONABIO – Programa Nacional da Diversidade Biológica
- PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- SEDAM – Secretaria de Meio Ambiente do Estado de Rondônia



- SIG – Sistema de Informação Geográfica
- SINGRO – Sindicato dos Garimpeiros de Rondônia
- SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
- SPU – Secretaria do Patrimônio da União
- TAC – Termo de Ajustamento de Conduta
- TC – Termo de Compromisso
- TELERON – Telecomunicações de Rondônia S/A
- TNC – The Nature Conservancy
- UC – Unidade de Conservação
- UHE – Usina Hidrelétrica
- WWF – Fundo Mundial para Natureza
- UNICAMP – Universidade de Campinas
- ZA – Zona de Amortecimento
- ZEE – Zoneamento Econômico-Ecológico
- ZSEE – Zoneamento Socioeconômico-Ecológico

Anexo 01

Histórico do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari Enfatizando o Aspecto Participativo

Hélio Porto¹
Lúcia Guaraldo¹

O levantamento socioeconômico para a construção do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari em muito se deve à contribuição das entidades organizadas do município de Itapuã do Oeste e Cujubim. Especialmente Itapuã do Oeste, pois 95,4% da FLONA esta inserida neste município.

Antes mesmo da aplicação dos questionários do levantamento socioeconômico em campo foram levantados documentos junto a algumas instituições presentes nos municípios, quais sejam, EMATER, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, FUNASA, Prefeituras Municipais, Igrejas Católica e Evangélica e IDARON.

Especialmente com a EMATER, escritório local de Itapuã do Oeste, logramos acompanhar sua programação de visitas a campo e ter acesso ao documento Projeto Executivo Municipal, o que em muito contribuiu para apreensão da realidade rural do município.

Com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuã do Oeste, a parceria foi prolífica, com o acompanhamento dos técnicos do IBAMA envolvidos nos trabalhos com os pequenos produtores rurais da região e do entorno da FLONA.

Projeto PADEQ

Esse acompanhamento foi de fundamental importância na consecução dos resultados, pois não só os técnicos do IBAMA, em sua maioria novos na localidade, não conheciam bem a região, como tivemos contato direto com as várias associações que representam os produtores rurais, nas várias localidades ou linhas do município.

A parceria com o STR - Itapuã do Oeste prosseguiu e se intensificou quando o IBAMA foi convidado para a elaboração do PADEQ - Projeto Alternativas ao Desmatamento e às Queimadas, no qual o STR é proponente e o IBAMA figura como parceiro.

O projeto está em fase de aprovação e se tornou um instrumento a mais no trabalho de conscientização ambiental, construção do Plano do Manejo e Agenda 21 do município de Itapuã do Oeste.

¹ Analista Ambiental, Floresta Nacional do Jamari



Na sua elaboração, que precedeu de 18 reuniões e dois meses de trabalho com as comunidades/ associações, envolvendo cerca de 200 produtores familiares de Itapuã do Oeste, levamos a mensagem da importância da Floresta Nacional do Jamari na manutenção das condições climáticas favoráveis e na utilização dos seus recursos por meio de manejo sustentável.

O PADEQ visa promover a sustentabilidade da propriedade rural e propõem reduzir ou eliminar o uso do fogo na produção agropecuária e integrar a floresta no processo produtivo pela prática da gestão participativa que deve construir um relacionamento de “confiança e parceria com as diversas entidades da sociedade civil”.

Dessa forma, criou-se o lastro para que o IBAMA participasse e promovesse ações no sentido do fortalecimento das organizações representativas da comunidade, em especial das associações do entorno da FLONA.

A mensagem no conteúdo desses contatos enfatizava a criação de uma sensibilização ambiental na construção de uma parceria IBAMA e produtores rurais para a preservação da Floresta.

Unidades Demonstrativas

O conhecimento da realidade socioeconômica nos levou, juntamente com os produtores, a identificarmos eixos produtivos e trabalharmos a idéia das Unidades Demonstrativas indicadas no Plano Operativo Anual, atividade 10, tarefa 3.

Assim sendo, resolvemos reativar um laboratório de sementes e essência florestais e frutíferas que estava desativado, originado de um convênio entre SUFRAMA e Prefeitura Municipal de Itapuã do Oeste.

A proposição dessa Unidade de Pesquisa, Produção e conservação de Recursos Florestais, no seu projeto original, era “o desenvolvimento sustentado como princípio, promoção de ações integradas entre o meio ambiente e economia regional, envolvendo a pesquisa, produção e preservação dos recursos florestais. Estas ações serão desenvolvidas em etapas, de curto, médio e longo prazos e que se sucedem desde a colheita, análise e armazenamento de sementes das mais diversas espécies florestais (incluindo as espécies frutíferas) até a etapa de reflorestamento”.

Com anuência da Prefeitura, disposta em um Termo de Compromisso, anexa a esta Unidade optamos pela construção de um viveiro de espécies nativas e frutíferas para atender a uma demanda reprimida por parte dos produtores familiares.

Ao tempo em que discutíamos a reativação da Unidade de Pesquisa, o IBAMA foi solicitado pelo STR Itapuã do Oeste como parceiro do PADEQ, que prevê a recuperação de áreas degradadas e da reserva legal das pequenas propriedades, utilizando-se do Sistema Agroflorestal.

O Projeto exigia uma contrapartida na qual, o IBAMA como parceiro, entrou com o viveiro, que já está instalado, na sua primeira fase com a capacidade para 24.000 mudas.

Em contato com a EMBRAPA de Porto Velho, conseguimos a visita de um técnico que realizou um diagnóstico no laboratório de sementes (que já dispõe de câmaras fria, seca e de germinação) definindo a aquisição de outros equipamentos complementares.



Em processo de realização estão as aquisições de tanques resfriadores de leite, instalados em pontos estratégicos no entorno da FLONA o que, após estudos, em muito vai elevar a renda dos pequenos produtores de leite, atividade tradicional no município de Itapuã do Oeste.

Uma outra Unidade demonstrativa consiste na implementação de uma oficina de biojóias, que seriam bijuterias confeccionadas com produtos florestais não-madeireiros, em especial sementes.

Com a finalidade de procurar atividades alternativas para aumentar a renda familiar da comunidade do entorno da FLONA, o IBAMA capacitou um grupo de mulheres de Itapuã do Oeste para confecção de biojóias: colares, pulseiras, brincos, anéis, bolsas e cintos.

As mulheres do grupo de biojóias entraram na Cooperativa dos Extrativistas do Rio Jamari – COOPERJ como extrativistas não-madeireiras e já produzem e vendem peças, percorrendo todas as etapas de produção: da coleta de sementes – que atualmente é feita em sítios e residências, mas, posteriormente, pretendem extrair da FLONA – até a montagem final das peças.

Estamos também trabalhando a possibilidade de junto com a comunidade local construirmos duas Unidades Demonstrativas em Cujubim, nas linhas B-86 e B-90, no entorno leste da FLONA, locais onde ocorre os maiores impactos antrópicos naquele município.

Existe também a possibilidade de aproveitar uma instalação existente numa serraria para, em parceria com a Cooperativa dos Madeireiros, o IBAMA e a própria serraria, construir um criadouro conservacionista de fauna silvestre como Unidade Demonstrativa.

Parceria – Uma Via de Mão Dupla

Uma parceria intui estar junto nas dificuldades e no usufruto das conquistas, portanto, na medida em que propúnhamos contribuições, em contrapartida, ofereceríamos condições para que as comunidades do entorno da FLONA explorassem os recursos florestais de modo sustentável. Mesmo porque há uma contradição na proposição de elaboração de um Plano de Manejo Participativo sem que se garanta o desfrute dos resultados por quem participou.

Essa consciência de prioridade da exploração florestal para as comunidades onde a FLONA, está inserida, foi construída paulatinamente em todos os setores da sociedade, à medida que íamos estreitando os laços com instituições, entidades representativas e população em geral, ao tempo em que o IBAMA constituía uma aparência nova, não apenas repressiva / punitiva, mas pautada no reconhecimento de uma preocupação maior com a qualidade de vida das populações nos seus aspectos sociais e econômicos, fato esse culminado com o lançamento da Agenda 21 do município de Itapuã do Oeste, ocorrido no dia 08/08/2004.

Capacitações

Em conseqüência de todo esse processo, foram criados a Cooperativa dos Madeireiros e Extrativistas de Rondônia, a ONG Pedra Bonita, os Grupamentos Amigos do Meio Ambiente e Guerreiro do Meio Ambiente e os Agentes Ambientais colaboradores.



As capacitações coordenadas por um consultor do Programa Nacional de Florestas foram dirigidas com temas sobre a preservação das florestas, dos seus recursos naturais, impactos antrópicos, uso e importância dos recursos naturais, em particular da FLONA do Jamari, seguindo critério que foram construídos no processo de elaboração do Plano de Manejo Participativo. Em cada setor foram discutidas particularidades de ações, auxiliando sua organização de representatividade. Foram realizadas as seguintes capacitações:

- Dia 04 e 05 /05/2004 – com o Conselho Consultivo da FLONA, na escola Tancredo Neves, participação 25 pessoas;
- Dia 11/05/2004 – com funcionários da Prefeitura de Itapuã do Oeste na sede do STR – Itapuã do Oeste, participação de 12 pessoas;
- Dia 14/05/2004 – com agentes de saúde da FUNASA, na sede da FUNASA, participação 06 pessoas;
- Dia 26/05/2004 – com trabalhadores rurais, participação de 50 pessoas;
- Dia 27/05/2004 – com trabalhadores rurais na linha São Vicente, participação de 25 pessoas;
- Dias 06 e 07/06/2004 – com professores e educadores do município de Cujubim;
- Dia 12/06/2004 – com professores e educadores na Escola Municipal Sossego da Mamãe, participação de 15 pessoas;
- Dia 13/06/2004 – com universitários de Itapuã do Oeste, na papelaria Universal, participação de 12 pessoas;
- Dia 14/06/2004 – com membros dos Conselhos Municipais no Night Clube, participação 25 pessoas;
- Dia 14/06/2004 – com alunos da escola Paulo Freire, participação 70 pessoas;
- Dias 26, 27 e 28/08/2004 – capacitação agentes ambientais colaboradores, residentes no entorno da FLONA, de Itapuã do Oeste e Cujubim, no STR – Itapuã do Oeste, participação de 15 pessoas.

Foram realizadas palestras para apresentação da proposta do plano de manejo participativo e PADEQ:

- Dia 28/05/2004 – Câmara Municipal de Itapuã do Oeste em sessão ordinária;
- Dia 01/06/2004 – Escola municipal Dr. Custódio, para alunos do período noturno;
- Dia 02/06/2004 – Universidade ULBRA de Porto-velho, no evento Semana do Meio Ambiente para universitários;
- Dia 03/07/2004 – evento da EMATER Recuperação e Manejo de Pastagens para produtores rurais de Itapuã do Oeste;
- Dia 18/07/2004 – reunião nas comunidades de São Vicente e Rei do Peixe;
- Dia 21/07/2004 – reuniões nas comunidades Azul 1, Azul 2 e Azul 3;
- Dia 22/07/2004 – reunião na linha 618;
- Dia 23/07/2004 – reunião na linha 120;



- Dia 23/07/2004 – reunião na linha 115;
- Dia 24/07/2004 – reunião na linha B 40;
- Dia 24/07/2004 – reunião na linha 637;
- Dia 25/07/2004 – reunião na linha 623;
- Dia 25/07/2004 – reunião na linha 619;
- Dia 26/07/2004 – reunião na linha 631;
- Dia 28/07/2004 – reunião na linha 116, 117,119;
- Dia 03/08/2004 – na Câmara Municipal de Cujubim, a convite do STR – Cujubim.
- Dias 24 e 25/08/2004 – reunião nas linhas B-86 e B-90, com produtores do entorno leste da FLONA em Cujubim;
- Dia 08/04/2005 – na GEREX I de Porto Velho para 33 participantes;
- Dia 10/05/2005 – na Câmara Municipal de Cujubim para associações, produtores rurais, vereadores, prefeito, EMATER, IBAMA, INCRA, com cerca de 80 participantes;
- Dia 10/05/2005 – para o setor madeireiro da área rural de Cujubim, com cerca de 45 participantes.

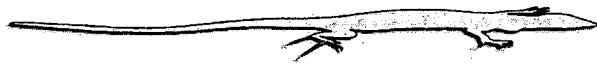
Ainda com o objetivo de estimular a recuperação da reserva legal, as áreas de preservação permanente e atendendo a uma demanda da comunidade, o IBAMA – FLONA do Jamari realizou, no período de 29 de abril a 1º de maio de 2005, com os técnicos do INPA, um Treinamento em Sistemas Agroflorestais que contou com uma parte teórica e outra prática com visitas à sede da Associação dos Produtores Alternativos – APA em Ouro Preto do Oeste e a duas propriedades atendidas por essa associação, onde os treinandos puderam ver na prática a aplicação de tais sistemas. Participaram do evento 25 produtores familiares do entorno da FLONA.

Visando a criação de Unidades Demonstrativas, a FLONA também realizou:

- Curso de Preparo e Confecção de Biojóias com Sementes, no Laboratório de Sementes do Viveiro Municipal de itapuã do Oeste para um grupo de 30 mulheres, no período de 31/01 a 18/02/2005;
- Curso de Preparo e Beneficiamento de Sementes para Biojóias, na sede da COOPERJ para 24 mulheres, no período de 11 a 26 de Abril de 2005;
- Curso de Marcenaria Básica com Aproveitamento de Madeira, na marcenaria Felizardo da Serraria Japina, em parceria com a COOPERJ, para um grupo de 10 pessoas, no período de 26/02 a 27/04/2005.

Outros cursos estão em processo de organização:

- Curso de Aplicabilidade de Plantas Medicinais no preparo de Balas, Xaropes e Cosméticos, no laboratório de sementes do viveiro municipal;
- Curso de Artesanato com Aproveitamento de Madeira em Cujubim para 25 pessoas.



Cooperativa dos Extrativistas do Rio Jamari – COOPERJ

O contato da FLONA do Jamari com o setor madeireiro se deu na ocasião de uma apresentação da proposta do Plano de Manejo em sessão da Câmara dos Vereadores do Município de Itapuã do Oeste no início do mês de maio.

Havia a idéia da formação de uma cooperativa do setor, porém estes contavam com algumas dificuldades para tal iniciativa prosperar.

O IBAMA, então, convidou o setor madeireiro para uma reunião no sentido de incentivar tal iniciativa, já que é de interesse geral que essa organização social seja incluída, futuramente, na produção florestal da FLONA do Jamari, dentro dos critérios estabelecidos no Plano de Manejo.

Assim, a reunião foi realizada dia 27/05/04 no Night Club de Itapuã com aproximadamente 50 pessoas, entre madeireiros, toreiros, extrativistas e funcionários do IBAMA. Coordenada pelo consultor do Plano de Manejo, Rafael Pinzón Rueda houve uma explanação sobre o meio ambiente, a importância da floresta e a proposta do Plano de Manejo participativo.

Foi aberta a discussão e, dentre as questões levantadas, a mais discutida foi a respeito de como seria o processo de licitação para os trabalhos se iniciarem na FLONA. A preocupação das empresas madeireiras da região concorrerem numa licitação com grandes empresas de fora do município e até mesmo do estado, gerou uma sugestão para que se incluía no processo de licitação uma prioridade às comunidades do entorno da FLONA. Além disso, o município de Itapuã do Oeste faz divisa com a FLONA em 90% de sua área e sua comunidade foi a que mais protegeu a floresta no decorrer desses anos na ausência de um Plano de Manejo, por isso o setor madeireiro entende que deve haver prioridade também para este município no processo de licitação.

Os participantes perceberam a necessidade da organização da cooperativa no processo de criação do Plano de Manejo Florestal e, futuramente na produção madeireira e não madeireira no interior da FLONA.

Dando prosseguimento às discussões, o setor madeireiro convidou o IBAMA para uma reunião que se realizou no dia 10/06 no Night Club com o objetivo de tirar dúvidas sobre o manejo florestal na FLONA. Estiveram presentes madeireiros, toreiros, extrativistas, a FLONA do Jamari, a Coordenação Geral de Florestas Nacionais de Brasília, o prefeito do município e o técnico responsável pelo Projeto de Manejo Florestal do Plano de Manejo da FLONA, Randolf Zachow. Nessa ocasião, o prefeito reiterou o anseio de que o município tenha prioridade na participação da produção florestal na FLONA, argumentando que a própria existência da Unidade de Conservação, enquanto improdutiva, limita o desenvolvimento do município que está “ilhado” entre o Rio Jamari e duas unidades de conservação que são: Estação Ecológica de Samuel e FLONA do Jamari.

A assembléia de fundação da Cooperativa Estadual de Madeireiros e Extrativistas de Rondônia se realizou no dia 31/07 na Câmara Municipal de Itapuã do Oeste, onde foi aprovado seu estatuto e elegeu sua diretoria. Houve o apoio da Organização das Cooperativas do Estado de Rondônia. A FLONA do Jamari foi convidada a participar. Num segundo momento, a cooperativa passou a ser denominada de COOPERJ – Cooperativa dos Extrativistas do Rio Jamari.



Em novembro, dia 11, a FLONA do Jamari realizou uma reunião com os membros da COOPERJ, lideranças do município, o prefeito, a Gerência do IBAMA de Porto Velho, CGFLO e DIREF para apresentar os resultados já obtidos na elaboração do Plano de Manejo Participativo e consolidar parcerias. Foi marcada uma visita a FLONA, em local proposto pelo IBAMA para área experimental de produção florestal. Tal proposta resultou das oficinas de zoneamento ambiental realizada em Porto Velho nos dias 05 à 08 de agosto e em Itapuã do Oeste com o Conselho Consultivo e a comunidade, dias 09 e 10 de agosto.

A visita à FLONA contou com 15 pessoas que foram na área do Cortês e constataram que a área é de grande interesse comercial.

Logo após a visita, a COOPERJ convidou o IBAMA para uma confraternização no Night Club.

Também foi realizada, no dia 5 de março de 2005, uma reunião contando com 73 pessoas, entre elas representantes da Flona, da CGFLO e da COOPERJ. Nela foram, incluídos, na COOPERJ, os extrativistas não madeireiros da Vila Pão de Açúcar e do centro de Itapuã do Oeste. Esse pessoal tem o interesse de extrair açaí, óleo de copaíba e castanha da Flona, além do grupo de mulheres da Biojóias, como extrativistas de sementes. Nessa reunião, o IABAM anunciou que iniciaria o Projeto Experimental não-madeireiro da Floresta Nacional do Jamari.

ONG Pedra Bonita

A equipe da FLONA do Jamari já tinha contato com um grupo de universitários residentes em Itapuã do Oeste que sempre participou das atividades de educação ambiental realizadas pelo IBAMA. Esse grupo recebeu uma capacitação sobre Meio Ambiente, ressaltando os impactos ambientais promovidos pela ação humana, a importância da floresta e do Plano de Manejo Participativo da FLONA do Jamari e qualidade de vida na região. Tal reunião foi realizada dia 13 de junho de 2004, onde também, os universitários apresentaram a idéia de criar uma ONG ambientalista que levasse a discussão à frente com a população do município de Itapuã do Oeste e que iniciasse contato com GTA – Grupo de Trabalho Amazônico – para inserir-se nas questões ambientais mais gerais da região amazônica.

O IBAMA auxiliou o grupo de universitários na parte organizacional para legalização da entidade. Nessa etapa, houve o auxílio de um membro da Gerência do IBAMA de Porto Velho, que acelerou o processo com os editais e outras demandas de documentação.

Em reunião no dia 14 de julho de 2004, foi formada a comissão pró-ONG, com proposta inicial de ação, a criação da Agenda 21 Local. Várias Agendas 21 de outros municípios foram lidas e discutidas, assim como textos complementares.

Em 20 de julho a comissão pró-ONG fechou uma proposta de estatuto e regimento interno e marcou a assembléia de fundação da ONG. Foi escolhido o nome Pedra Bonita por ser o significado da palavra indígena “Itapuã”, primeiro nome do município.

Houve uma reunião de preparação do primeiro encontro municipal sobre a agenda 21 no dia 22 de julho.

A assembléia de fundação da ONG Pedra Bonita foi realizada dia 31 de julho com a presença de 20 pessoas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Paulo Freire. Foram aprovados o estatuto, o regimento interno e a diretoria da entidade, que tem como



objetivo promover e apoiar ações que visem à preservação, defesa e recuperação ambiental, coordenar, assessorar e implantar projetos de restauração e preservação do patrimônio histórico e promover a educação ambiental.

Como ação prioritária, foi aprovada a continuidade dos trabalhos da Agenda 21 Local.

A equipe da FLONA do Jamari esteve presente em todo o processo de criação da ONG Pedra Bonita, auxiliando na organização e nas discussões ambientais.

No período de 13 a 24/09/2004, a ONG Pedra Bonita realizou, em parceria com o IBAMA, um concurso intitulado “Concurso Logomarca da FLONA do Jamari e da ONG Pedra Bonita” na escola Paulo Freire.

Cerca de 250 alunos participaram dessa atividade, produzindo desenhos para as logomarcas propostas. No dia 24/09 as produções artísticas foram expostas no pátio da escola e houve a premiação aos alunos que tiveram suas logomarcas escolhidas pela comissão julgadora, formada por representantes do IBAMA, da ONG Pedra Bonita, escola Paulo Freire e da ACIO – Associação Comercial Industrial e Agropecuária de Itapuã do Oeste.

Em parceria ONG/IBAMA foi realizado de 17 a 30 de novembro de 2004 em três escolas do município: EEEFM Paulo Freire, EEEF João Francisco Correia e EMEF Dr. Custódio, um concurso para a criação e escolha de 20 frases capazes de mobilizar as pessoas para a necessidade de conservar a área ambiental do Rio Jamari.

Dia 30/11 houve a exposição das 20 frases escolhidas pela comissão julgadora composta por integrantes da ONG Pedra Bonita e do IBAMA. Os 20 vencedores ganharam como prêmio um passeio ecológico na FLONA do Jamari.

Essas 20 crianças pintaram 25 placas (de madeira de aproveitamento doada pela COOPERJ) com as frases vencedoras. As placas serão colocadas em 5 pontos de lazer na beira do rio Jamari.

A Flona da Jamari também realizou no dia 15 de maio de 2005 um treinamento para monitores e guias de trilhas para 13 componentes da ONG Pedra Bonita, com o objetivo de iniciar, em parceria com a ONG, programas de educação ambiental na Trilha da Pedra grande, recebendo turmas de escolas e outros grupos.

Agenda 21 Local

A necessidade de iniciar o processo de criação da Agenda 21 Local foi levantada pela ONG Pedra Bonita já no início de sua formação.

O primeiro encontro municipal sobre a Agenda 21 foi realizado no STR Itapuã do Oeste dia 23/07, contando com 47 pessoas, dentre elas: líderes da comunidade, representantes de entidades rurais, comissão pro ONG, igrejas evangélica e católica, educadores, estudantes e IBAMA.

O encontro foi coordenado por um representante do IBAMA. O qual fez uma explanação sobre os objetivos e etapas da construção da Agenda 21. Foi utilizada uma fita de vídeo sobre o tema. Na segunda parte do encontro formaram-se 6 grupos de trabalho de acordo com afinidades de seus elementos. Assim, formou - se um grupo de trabalhadores rurais, um grupo da igreja católica, um grupo da igreja evangélica, um grupo de trabalhadores e líderes da cidade e um grupo da ONG junto com a FLONA do Jamari.



Cada grupo planejou, dentro de seu campo de atuação, atividades de informação, mobilização e conscientização da população no sentido de divulgar e ampliar os trabalhos até o dia do lançamento da Agenda 21.

O lançamento da Agenda 21 se deu no dia 08 de agosto de 2004 com, aproximadamente 250 pessoas, na EEEF João Francisco Correia. Contou com a participação do prefeito, do presidente da ONG Pedra Bonita, da FLONA do Jamari do Gerente Executivo do IBAMA de Porto Velho e do Coordenador de Florestas do IBAMA de Brasília. Foi um ato solene que oficializou a criação da Agenda 21 no município estreitando laços e compromissos do poder público com a população e entidades não governamentais.

No decorrer do evento foram apresentadas dramatizações de grupos infantis organizadas por professores e educadores engajados na construção da Agenda 21.

A FLONA do Jamari forneceu camisetas identificando todo o pessoal que trabalhou na organização do evento, as lideranças e jovens que participaram das reuniões anteriores.

O grupo de jovens Guerreiros do Meio Ambiente auxiliou na distribuição de folders sobre a FLONA do Jamari sobre a Agenda 21.

Em 14/08 houve uma reunião com dois membros de cada grupo de ação da Agenda 21 para a distribuição de materiais educativos a serem trabalhados com a população: folders e fitas de vídeo foram planejadas e executadas reuniões comunitárias para esse fim.

Em setembro, outra reunião com membros dos grupos foi feita para organização da segunda etapa de trabalho da Agenda 21: “o conhecimento da realidade municipal - diagnóstico”. Coordenada por um representante do IBAMA, tal reunião decidiu que cada grupo elaboraria um questionário que seria passado à população no intuito de levantar os maiores problemas ambientais que o município sofre, assim como sugestões.

No dia 30/11 a ONG Pedra Bonita junto com os Guerreiros do Meio Ambiente e o IBAMA montaram um stand sobre a Agenda 21 na Feira de Ciências da escola EEEFM Paulo Freire.

Em 26 de janeiro de 2005, foi realizada uma reunião com os representantes dos grupos. Esse foi chamado de “Grupo dos 30”, por ser formado por 30 pessoas. Nessa ocasião, foram apresentadas e recolhidas as pesquisas feitas por cada grupo para compor o diagnóstico.

Cada grupo, então, ficou de retornar a discussão com a comunidade, representando o diagnóstico geral. Nessas reuniões, discutiu-se o futuro desejado para Itapuã do Oeste.

Em 20 de fevereiro de 2005, o Grupo dos 30 se reuniu para apresentar a Visão do Futuro. Cada grupo fez a apresentação do resultado de sua reunião com a comunidade e o material recolhido.

No dia 13 de março de 2005, com a presença do consultor do plano de manejo, Rafael Pinzón, foi apresentado ao Grupo dos 30 uma versão da Agenda 21 Local a ser publicada, contendo todas as etapas de discussão e propostas levantadas pela comunidade. Foram feitas algumas correções. Nesse dia, o Grupo dos 30 passou a ser denominado de Comitê Gestor da Agenda 21 e se comprometeu a fazer contato com o MMA, em Brasília, pedindo a visita de um técnico da Agenda 21 Nacional, no intuito de regularizar a Agenda 21 Local de Itapuã do Oeste. Foi aprovado também um documento a ser entregue ao prefeito assinado por 10 entidades ambientalistas, pedindo a criação do Conselho Municipal de Meio Ambiente em Itapuã do Oeste.



Neste momento, está sendo fechada a versão final da Agenda 21, que será aprovada em grande evento no município. Nessa ocasião, serão também apresentadas por uma componente do Comitê Gestor, as discussões do grupo de agendas 21 no Fórum Social Mundial.

Grupos de Jovens Ambientais

Dois grupos de jovens ambientais foram organizados no período de elaboração do Plano de Manejo. Um deles foi formado a partir de palestras sobre o meio ambiente. O outro formado com jovens que residem dentro da FLONA, e são filhos de funcionários da empresa mineradora – CESBRA – SA.

Na cidade, após as palestras na EEEF João Francisco Correia, foi marcada uma reunião com aqueles jovens que se animaram em montar um grupo de ação para a preservação do meio ambiente. Assim no dia 25/07 a FLONA do Jamari utilizou a cartilha “De mãos Dadas com o Meio Ambiente” elaborada pelo projeto BNDES e PNUD para estudo mais aprofundado de organização social para movimentos ambientais.

No dia 30/07 os jovens se reuniram para continuar os estudos, decidiram o nome do grupo “Guerreiro do Meio Ambiente”, que é formado por 15 jovens de 09 a 14 anos, e levantaram as principais questões ambientais que precisam ser resolvidas no município. Nessa ocasião foram convidados para o lançamento da Agenda 21 no município, na qual tiveram uma participação importante na entrega de folders explicativos e no auxílio a organização do evento.

A presença de apoio de alguns professores e da ONG Pedra Bonita em todas as atividades desse grupo tem sido importante para garantir a continuidade do processo de organização desses jovens.

Em 30/10, os Guerreiros do Meio Ambiente se reuniram no viveiro de mudas de Itapuã do Oeste para montar uma escala de ajuda aos funcionários, no intuito de irem se envolvendo nas atividades do viveiro, usando sua estrutura como sede de reuniões e atividades. A partir daí, os jovens se revezam para ajudar na organização e produção do viveiro.

O grupo de jovens da FLONA formou-se dia 24/07, quando discutiram também textos da cartilha “De Mãos dadas com o Meio Ambiente”, e conta com cerca de 20 jovens com idade entre 08 e 15 anos.

Dia 28/07 esses jovens se reuniram para organizar uma apresentação teatral que foi realizada no lançamento da Agenda 21. Algumas reuniões foram feitas para o ensaio e confecção de fantasias.

O processo de reuniões e organização do grupo de jovens da FLONA, Amigos do Meio Ambiente, teve o apoio da igreja católica e da ONG Pedra Bonita.

Conselho Consultivo

Os membros do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari foram convidados a participar de uma capacitação, feita por técnicos do Ibama, no mês de maio. Após essa capacitação, que tratou de temas como meio ambiente, manejo sustentável e processos participativos, deu-se a primeira reunião do Conselho, após este estar oficialmente criado.



Na reunião, os membros aprovaram o Plano Operativo Anual elaborado pelo Ibama, com o cronograma das atividades para elaboração do Plano de Manejo, e fizeram sugestões, como reativar o laboratório de sementes que existe em Itapuã do Oeste, mas encontrava-se desativado.

O Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari foi criado em janeiro de 2003, conforme consta no diagnóstico deste plano de manejo.

O plano de manejo da Floresta Nacional do Jamari foi, ao longo da sua construção, constantemente analisado pelo Conselho Consultivo. E em 7 de junho de 2005, teve sua versão final acatada pelo Conselho, conforme consta em ata.

Família Tradicional

Moradora da FLONA desde 1.945, essa família vive da agricultura familiar e do extrativismo. Em contatos feitos durante a elaboração do Plano de Manejo, foi feita uma proposta de trabalho para um dos integrantes da família. Essa pessoa ficaria responsável por fazer um trabalho de monitoramento de fauna naquela parte da FLONA. Essa atividade está sendo desenvolvida pela FLONA em conjunto com o núcleo de fauna da Gerex – I em Porto Velho.

Também foi realizado março de 2005, pelo Analista Ambiental Marcelo Cavallini um trabalho intitulado “Apropriação do espaço e do uso de recursos pela população tradicional da Floresta Nacional do Jamari”, que é parte deste plano de manejo (Anexo 9).

Anexo 02

DECRETO Nº 90.224, DE 25 DE SETEMBRO DE 1984.

*Cria a FLORESTA NACIONAL DO JAMARI,
no
Estado de Rondônia, e dá outras providências.*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e considerando o disposto na alínea "b" do artigo 5º da Lei nº 4 771, de 15 de setembro de 1965,

DECRETA:

Art 1º – É criada, no Estado de Rondônia, a FLORESTA NACIONAL DO JAMARI, com área estimada em 215.000 ha (duzentos e quinze mil hectares), subordinada ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), em cuja estrutura básica se integra.

Parágrafo único. A área de que trata este artigo, localizada ao Norte do Estado de Rondônia, nos municípios de Porto Velho e Ariquemes, está compreendida entre os meridianos 62º44'05" e 63º16'54" e os paralelos 9º00'00" e 9º30'00" de latitude Sul. Ao Norte, confronta-se com a Gleba Jacundá, Manoa e Cojubim; a Leste, limita-se com os Imóveis Manoa e Cojubim; ao Sul, faz divisa com os imóveis Santa Rosa e PAD – Marechal Dutra; a Oeste, limita-se com os imóveis São Pedro, Providências, Aliança e o Jamari, Alegria e Alto Rio Preto e Varadouro.

Art 2º – O IBDF, fundamentado em levantamentos, estudos e pesquisas, promoverá o uso público dos recursos naturais da Floresta Nacional do Jamari, de forma a permitir a geração permanente de bens e serviços passíveis de serem oferecidos pela citada unidade de conservação.

Art 3º – O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, objetivando o atingimento de fins técnicos e econômicos, fica autorizado a celebrar convênios e contratos com entidades públicas e privadas, para a implementação do manejo dos recursos naturais renováveis e da exploração racional dos recursos não renováveis da Floresta Nacional, obedecida a legislação em vigor.

Art 4º – Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, em 25 de setembro de 1984; 163º da Independência e 96º da República.

JOÃO FIGUEIREDO

Nestor Jost

Anexo 03

Pontos Pesquisados na Avaliação Ecológica Rápida e suas Localizações

VEGETAÇÃO

Ponto	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente	Comentário
1	S 09° 11,655'	W 63° 04,914'	Bom	Floresta de terra firme com poucos sinais de perturbação. Ausência de indivíduos de grande porte de várias espécies comerciais sugere algum tipo de exploração madeireira na área há cerca de 40-60 anos atrás.
2	S 09° 11,809'	W 63° 04,901'	Bom	Vegetação sob o afloramento rochoso relativamente bem preservado. Entorno com influência da atividade de mineração em St. Bárbara.
3	S 09° 10,308'	W 63° 02,426'	Regular	Carvão e cinzas na superfície do solo sugerem queimadas em alguns pontos no passado recente. Composição florística, com predominância de espécies de madeira branca e de crescimento rápido, indica que a área deve ter sido desflorestada há cerca 60 ou mais anos atrás.
4	S 09° 12,695'	W 63° 01,238'	Excelente	Floresta de terra firme fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.
5	S 09° 17,174'	W 62° 49,576'	Bom	Área na planície de inundação do Jacundá, com indícios de ter sido explorada para extração de látex de seringueira há mais de meio século atrás.
6	S 09° 17,805'	W 62° 50,633'	Excelente	Floresta de terra firme fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.
7	S 09° 15,323'	W 62° 55,310'	Regular	Presença de várias espécies secundárias indica que a área sofreu corte de madeira, desmatamento ou atividade pecuária há 40-50 anos atrás.
8	S 09° 05,137'	W 62° 51,750'	Excelente	Floresta fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.
9	S 09° 06,322'	W 62° 52,130'	Ruim	Ambiente em estágio de sucessão. Área totalmente desmatada no passado recente (últimos 30 anos) pela atividade de mineração, que agora encontra-se em estado de regeneração natural. Área floristicamente ainda muito pobre.
10	S 09° 10,890'	W 62° 57,492'	Regular	Floresta de terra firme fisionomicamente com características de mata primária, mas floristicamente depauperada de madeiras comerciais, possivelmente exploradas há mais de 40 anos atrás.
11	S 09° 02,075'	W 63° 11,879'	Excelente	Floresta de terra firme fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.



VEGETAÇÃO

Ponto	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente	Comentário
12	S 09° 01,482'	W 63° 11,890'	Ruim	Vegetação afetada pelo aumento do nível da água do Rio Preto, em função do barramento do Jamarí. Mortalidade de espécies de terra firme e surgimento de espécies secundárias.
13	S 09° 04,794'	W 63° 11,251'	Excelente	Floresta primária de grande porte, rica em espécies comerciais, com poucos sinais de perturbação.
14	S 09° 06,269'	W 63° 05,757'	Bom	Floresta em bom estado de conservação, mas que não apresenta riqueza de espécies clímax das matas primária maduras.
15	S 08° 58,174'	W 63° 12,822'	Ruim	Ambiente em estágio de sucessão. Vegetação de várzea dizimada devido ao aumento do nível da água do Rio Preto, em função do barramento do Jamarí. Poucas espécies colonizando o novo habitat ribeirinho em formação.
16	S 09° 17,748'	W 62° 52,811'	Bom	Floresta de terra firme de grande porte, ainda rica em espécies comerciais. Vegetação afetada pelo atividades (acampamentos, corte de árvores) de garimpeiros que transitam ao longo da trilha da Cachoeirinha para o Potosi.
17	S 09° 15,215'	W 62° 55,687'	Excelente	Floresta fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.
18	S 09° 08,748'	W 62° 57,906'	Excelente	Mata de várzea ainda em seu estado natural, mostrando poucos indícios de perturbação no passado.
19	S 09° 03,097'	W 63° 11,300'	Excelente	Floresta de terra firme fisionomicamente e floristicamente com características de mata primária.
20	S 09° 21,500'	W 63° 07,000'	Regular	Buritizal afetado em sua dinâmica hídrica pelos aterros de estradas e das linhas de transmissão.

Herpetofauna

Ponto	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente
1	S09°11'39"	W63°04'55"	Bom
2	S09°10'18"	W63°02'26"	Péssimo
3	S09°11'51"	W63°04'08"	Ruim
4	S09°12'04"	W63°01'18"	Regular
5	S09°12'41"	W63°01'14"	Regular
6	S09°17'19"	W62°51'41"	Péssimo
7	S09°17'10"	W62°49'35"	Excelente
8	S09°21'48"	W63°07'36"	Regular
9	S09°08'14"	W63°09'54"	Regular
10	S09°02'37"	W63°10'48"	Bom
11	S09°05'13"	W62°51'08"	Bom
12	S09°00'47"	W62°54'20"	Excelente



Ictiofauna

Sítio	Ponto	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente
1	B 1 B	S09°10'18"	W63°02'26"	péssimo
1	D 1 D	S09°12'04"	W63°01'18"	ruim
1	E 1 E	S09°12'41"	W63°01'14"	regular
2	G 2 G	S09°17'19"	W62°51'41"	péssimo
2	H 2 H	S09°17'10"	W62°49'35"	ótimo
3	I 3 I	S09°21'48"	W63°07'36"	bom
4	K 4 K	S09°08'14"	W63°09'54"	bom
4	L 4 L	S09°02'37"	W63°10'48"	bom
5	M 5 M	S09°05'13"	W62°51'08"	regular
6	Q 6 Q	S09°00'47"	W62°54'20"	ótimo
7	R 7 R	S09°28'22"	W63°05'54"	bom

Avifauna

Ponto	Latitude UTM	Longitude UTM	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente
1	20 L 0497421	UTM8987385	S 09° 09' 38,4 "	W 063° 01'24,5"	NR
2	20 L 0485893	UTM8965415	S 09° 21' 33,7 "	W 063° 07'42,5"	NR
3	20 L 0505703	UTM8984341	S 09° 11' 17,5 "	W 062° 56'53,1"	NR
4	20L0480726	UTM8997862	S 09° 03' 57,1 "	W 063° 10'31,4"	NR
5	20 L 0515252	UTM8986113	S 09 10' 19,7 "	W 062° 51'40,2"	NR
6	20L 0480215	UTM9000275	S 09° 02' 38,5 "	W 063° 10'48,1"	NR
7	20L 0516235	UTM8995526	S 09° 05' 13,2 "	W 062° 51'08,1"	NR

Mastofauna

Ponto	Latitude UTM	Longitude UTM	Latitude	Longitude	Qualidade do Ambiente
1	20 L 0497421	UTM8987385	S 09° 09' 38,4 "	W 063° 01'24,5"	NR
2	20 L 0485893	UTM8965415	S 09° 21' 33,7 "	W 063° 07'42,5"	NR
3	20 L 0505703	UTM8984341	S 09° 11' 17,5 "	W 062° 56'53,1"	NR
4	20L0480726	UTM8997862	S 09° 03' 57,1 "	W 063° 10'31,4"	NR
5	20 L 0515252	UTM8986113	S 09 10' 19,7 "	W 062° 51'40,2"	NR
6	20L 0480215	UTM9000275	S 09° 02' 38,5 "	W 063° 10'48,1"	NR
7	20L 0516235	UTM8995526	S 09° 05' 13,2 "	W 062° 51'08,1"	NR

NR- Não Realizada

Anexo 04

Famílias Botânicas, Nomes Científicos, Dap's e Nomes Vulgares dos Indivíduos Coletados na Floresta Nacional do Jamari, nas Parcelas de Inventário Intensivo e de Espécies Comerciais dos Levantamentos da AER

Ponto	Familia	Nome Científico	Cap	Nome Vulgar
16	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock & Engl.	85	Cajuí
17	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock & Engl.	80	Cajuí
17	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock & Engl.	75	Cajuí
17	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hancock & Engl.	70	Cajuí
10	Anacardiaceae	<i>Anacardium spruceanum</i> Engl.	11	Caju-assú
14	Anacardiaceae	<i>Anacardium spruceanum</i> Engl.	19	Caju-assú
1	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	105	Muiracatiara
3	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	105	Muiracatiara
6	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	86	Muiracatiara
16	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	80	Muiracatiara
16	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	75	Muiracatiara
16	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	70	Muiracatiara
16	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	55	Muiracatiara
19	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	50	Muiracatiara
13	Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	25	Pau pombo
3	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	11	Muiracatiara
10	Anacardiaceae	<i>Astronium le-cointei</i> Ducke	22	Muiracatiara
5	Annonaceae	<i>Anaxagorea</i> sp.	10	
6	Annonaceae	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R.E.Fries	31	Envira-preta
10	Annonaceae	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R.E.Fries	30	Envira-preta
1	Annonaceae	<i>Ephedranthus amazonicus</i> R.E.Fries	14	Pindaíba
10	Annonaceae	<i>Ephedranthus amazonicus</i> R.E.Fries	11	Pindaíba
14	Annonaceae	<i>Guatteria discolor</i> R.E.Fries	46	
1	Annonaceae	<i>Onychopetalum</i> sp.	24	Envira caju
5	Annonaceae	<i>Oxandra</i> sp.	17	
1	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	13	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	17	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	16	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	16	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	13	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	13	Envira preta
4	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	13	Envira preta
5	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	24	Envira preta
5	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	19	Envira preta
14	Annonaceae	<i>Pseudoxandra obscurinervis</i> Maas	15	Envira preta



10	Annonaceae	<i>Rollinea exsucca</i> A.DC.	16	Envira bobó
5	Annonaceae	<i>Rollinia insignis</i> R. E.Fries		Envira-bobó
1	Annonaceae	<i>Unonopsis</i> sp.	10	
13	Annonaceae	<i>Xylopia bentamii</i> R.E.Fries	28	
5	Annonaceae	<i>Xylopia</i> sp.	10	Envira do baixio
5	Annonaceae	<i>Xylopia</i> sp.	10	Envira do baixio
4	Annonaceae	<i>Xylopia</i> sp. 2	12	
10	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	16	Carapanauba
10	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	11	Carapanauba
1	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	67	Carapanauba
3	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	67	Carapanauba
4	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	64	Carapanauba
4	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	30	Carapanauba
10	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	45	Carapanauba
10	Apocynaceae	<i>Couma guianensis</i> Aubl.	19	Sorva
16	Apocynaceae	<i>Geissospermum argenteum</i> Woodson	60	Quina-quina
1	Apocynaceae	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	30	Sucuuba
3	Apocynaceae	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	30	Sucuuba
14	Apocynaceae	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	58	Sucuuba
14	Apocynaceae	<i>Hymatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	2	Sucuuba
10	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	25	Tucumã
10	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	22	Tucumã
10	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	22	Tucumã
10	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	22	Tucumã
10	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	21	Tucumã
13	Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	20	Tucumã
10	Arecaceae	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart	19	Inajá
10	Arecaceae	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart	0	Inajá
14	Arecaceae	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart	25	Inajá
1	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	11	Açaí da mata
3	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	21	Açaí da mata
3	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	17	Açaí da mata
3	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	16	Açaí da mata
3	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	14	Açaí da mata
3	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	12	Açaí da mata
4	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	13	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	27	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	22	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	16	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	13	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	11	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	10	Açaí da mata



6	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	13	Açaí da mata
6	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	11	Açaí da mata
6	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	10	Açaí da mata
8	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	15	Açaí da mata
8	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	13	Açaí da mata
8	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	13	Açaí da mata
8	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	11	Açaí da mata
8	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	11	Açaí da mata
13	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	13	Açaí da mata
13	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	13	Açaí da mata
13	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	11	Açaí da mata
13	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	10	Açaí da mata
14	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	11	Açaí da mata
14	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	10	Açaí da mata
5	Arecaceae	<i>Iriartella setigera</i> (Mart.) H. Wendell	13	Paxiuba de escora
10	Arecaceae	<i>Iriartella setigera</i> (Mart.) H. Wendell	10	Paxiuba de escora
13	Arecaceae	<i>Iriartella setigera</i> (Mart.) H. Wendell	13	Paxiuba de escora
13	Arecaceae	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	10	Bacaba
13	Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	17	Pataua
13	Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	15	Pataua
14	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	35	Babaçu
14	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	32	Babaçu
14	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	30	Babaçu
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	25	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
10	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
14	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	36	Babaçú
14	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	25	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	38	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	25	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	1	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
8	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	0	Babaçú
3	Bignoniaceae	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don	13	Caroba
13	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	70	Ipê amarelo
14	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	15	Ipê amarelo
16	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	80	Ipê amarelo
16	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	75	Ipê amarelo
16	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	75	Ipê amarelo



19	Bignoniaceae	<i>Tabebuia incana</i> A. H. Gentry	40	Ipê amarelo
8	Bixaceae	<i>Bixa arborea</i> Huber	54	
11	Bixaceae	<i>Bixa arborea</i> Huber	38	
17	Bombacaceae	<i>Bombacopsis nervosa</i> (Vitt.) Robyns	70	Munguba da mata
6	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	75	Mungubarana
6	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	75	Mungubarana
14	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	78	Mungubarana
14	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	54	Mungubarana
14	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	51	Mungubarana
16	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	130	Mungubarana
16	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	60	Mungubarana
17	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	80	Mungubarana
17	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	65	Mungubarana
17	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	50	Mungubarana
6	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	123	Mungubarana
11	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	31	Mungubarana
13	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	27	Mungubarana
13	Bombacaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i> (Gleason) Ducke	15	Mungubarana
4	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	11	Inajarana
8	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	21	Inajarana
8	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	11	Inajarana
10	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	16	Inajarana
10	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	12	Inajarana
10	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	10	Inajarana
14	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	24	Inajarana
14	Bombacaceae	<i>Quararibea orchrocalyx</i> (K.Schum.) Vischer	13	Inajarana
11	Boraginaceae	<i>Cordia goeldiana</i> Huber	43	Freijó
3	Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp.	13	Freijó
3	Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp.	13	Freijó
3	Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp.	13	Freijó
4	Boraginaceae	<i>Cordia</i> sp.	13	Freijó
13	Burseraceae	<i>Protium apiculatum</i> Swart.	50	Breu-vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium apiculatum</i> Swart.	49	Breu-vermelho
1	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	13	Breu branco
1	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	13	Breu branco
3	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	10	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	23	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	18	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	13	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	11	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	10	Breu branco
4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	10	Breu branco



4	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	10	Breu branco
8	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	12	Breu branco
8	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	10	Breu branco
13	Burseraceae	<i>Protium crassipetalum</i> Cuatrec.	20	Breu branco
1	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	40	Breu vermelho
1	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	36	Breu vermelho
1	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	34	Breu vermelho
1	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	32	Breu vermelho
1	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	32	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	40	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	36	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	34	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	32	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	32	Breu vermelho
4	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	66	Breu vermelho
4	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	37	Breu vermelho
4	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	36	Breu vermelho
4	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	24	Breu vermelho
4	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	15	Breu vermelho
6	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	62	Breu vermelho
11	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	36	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	80	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	59	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	55	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	50	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	48	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	48	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	36	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	35	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	34	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	30	Breu vermelho
14	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	17	Breu vermelho
14	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	15	Breu vermelho
14	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	10	Breu vermelho
16	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	75	Breu vermelho
17	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	60	Breu vermelho
17	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	50	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	69	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	64	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	53	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	50	Breu vermelho
13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	33	Breu vermelho



13	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	33	Breu vermelho
16	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	74	Breu vermelho
3	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	21	Breu amescla
4	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	20	Breu amescla
6	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	10	Breu amescla
8	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	11	Breu amescla
10	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	16	Breu amescla
10	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	14	Breu amescla
10	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	11	Breu amescla
13	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	22	Breu amescla
13	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	17	Breu amescla
13	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	17	Breu amescla
13	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	11	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	31	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	27	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	24	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	22	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	20	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	17	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	16	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	16	Breu amescla
14	Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart.	12	Breu amescla
1	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	16	Breu manga
1	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	16	Breu manga
1	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	13	Breu manga
1	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	11	Breu manga
8	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	31	Breu manga
8	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	22	Breu manga
16	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	65	Breu sucuruba
4	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	18	Breu sucuruba
4	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	13	Breu sucuruba
8	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	20	Breu sucuruba
10	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	14	Breu sucuruba
14	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	24	Breu sucúba
14	Burseraceae	<i>Trattinnickia glaziovii</i> Swart.	37	Breu sucuruba
3	Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) DC.	25	Mamão bravo
3	Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) DC.	14	Mamão bravo
14	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	70	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	110	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	85	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	78	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	70	Piquiarana



16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	70	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	60	Piquiarana
16	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	55	Piquiarana
17	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	50	Piquiarana
19	Caryocaraceae	<i>Caryocar pallidum</i> A.C.Sm.	65	Piquiarana
13	Caryocaraceae	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers	21	Piquiá
17	Caryocaraceae	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers	50	Piquiá
19	Caryocaraceae	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.)Pers.	50	Piquiá
8	Cecropiaceae	<i>Cecropia scyadophylla</i> Mart.	37	Imbaúba
8	Cecropiaceae	<i>Cecropia scyadophylla</i> Mart.	32	Imbaúba
14	Cecropiaceae	<i>Coussapoa</i> sp.	10	
5	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl	14	Imbauba benguê
1	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	11	Imbaúba benguê
3	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	18	Imbaúba benguê
3	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	18	Imbaúba benguê
3	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	17	Imbaúba benguê
10	Cecropiaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	10	Imbaúba benguê
6	Cecropiaceae	<i>Pourouma minor</i> Benoist	37	Imbaúba-branca
10	Cecropiaceae	<i>Pourouma minor</i> Benoist	50	Imbaúba-branca
14	Cecropiaceae	<i>Pourouma minor</i> Benoist	80	Imbaúba-branca
16	Chrysobalanaceae	<i>Couepia bracteosa</i> Benth.	70	Pajurá
4	Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E. Mey) Fritsch. var. <i>aperta</i> (Benth.) Prance	19	Caraipé
13	Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E. Mey) Fritsch. var. <i>aperta</i> (Benth.) Prance	17	Caraipé
14	Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E. Mey) Fritsch. var. <i>aperta</i> (Benth.) Prance	50	Caraipé
6	Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	48	Macucu sangue
6	Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	31	Macucu sangue
10	Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	36	Macucu sangue
10	Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	28	Macucu sangue
6	Chrysobalanaceae	<i>Licania micrantha</i> Miq.	38	Pintadinho
8	Chrysobalanaceae	<i>Licania micrantha</i> Miq.	43	Pintadinho
8	Chrysobalanaceae	<i>Licania micrantha</i> Miq.	17	Pintadinho
8	Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E. Mey) Fritsch. var. <i>aperta</i> (Benth.) Prance	30	Caraipé
5	Clusiaceae	<i>Calophyllum brasiliensis</i> Cambess.	12	Jacareúba
4	Clusiaceae	<i>Distovomita brasiliensis</i> D'Arcy	10	Sapateiro
3	Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i> L.	18	Anani
14	Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i> L.	52	Anani
13	Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i> L.	18	Anani
10	Clusiaceae	<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Pers.	11	Lacre branco



5	Clusiaceae	<i>Vismia duckei</i>	25	Lacre
5	Clusiaceae	<i>Vismia duckei</i>	22	Lacre
5	Clusiaceae	<i>Vismia duckei</i>	12	Lacre
4	Combretaceae	<i>Buchenavia sp.</i>	16	Tanimbuca
1	Combretaceae	<i>Combretum sp.</i>	15	
13	Crysobalanaceae	<i>Couepia bracteosa Benth.</i>	24	
8	Crysobalanaceae	<i>Hirtella sp.</i>	15	
5	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>		Caraipé
6	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	16	Caraipé
6	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	14	Caraipé
6	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	14	Caraipé
6	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	12	Caraipé
6	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	12	Caraipé
8	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	14	Caraipé
14	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	10	Caraipé
14	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	40	Caraipé
14	Crysobalanaceae	<i>Licania apetala (E. Mey) Fritsch. var. aperta (Benth.) Prance</i>	30	Caraipé
5	Crysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha Benth.</i>	22	Macucu sangue
13	Crysobalanaceae	<i>Licania sp.</i>	11	Macucu terra
8	Crysobalanaceae	<i>Licaria hypoleuca Benth.</i>	10	
10	Dichapetalaceae	<i>Tapura guianensis Aubl.</i>	21	Pau de bicho
13	Dilleniaceae	<i>Doliodarpus brevipedicellatus Garke</i>	8	Cipo d'agua
4	Ebenaceae	<i>Diospyros sp.</i>	18	Caqui
13	Ebenaceae	<i>Diospyros sp.</i>	15	Caqui
14	Ebenaceae	<i>Diospyros sp.</i>	11	Caqui
5	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.</i>	35	Ururucurana
5	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.</i>	17	Ururucurana
5	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.</i>	15	Ururucurana
5	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.</i>	12	Ururucurana
10	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis (Aubl.) Benth.</i>	19	Ururucurana
16	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea latifolia (Rick.) K.Schum</i>	80	
13	Euphorbiaceae	<i>Aparistimum cordatum Baill.</i>	13	Marmeleiro



5	Euphorbiaceae	<i>Alchoneopsis sp</i>	37	
1	Euphorbiaceae	<i>Aparistimum cordatum Baill.</i>	10	Marmeleiro
8	Euphorbiaceae	<i>Aparistimum cordatum Baill.</i>	13	Marmeleiro
3	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	21	Dima
3	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	18	Dima
3	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	13	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	37	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	33	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	33	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	32	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	31	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	31	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	19	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	11	Dima
13	Euphorbiaceae	<i>Croton cf. lanjouwewensis Janbl.</i>	13	Dima
5	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis Muell. Arg.</i>	52	Seringueira
5	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis Muell. Arg.</i>	52	Seringueira
5	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.</i>	16	Seringueira
5	Euphorbiaceae	<i>Hieronima laxiflora Müll. Arg.</i>	22	
13	Euphorbiaceae	<i>Hieronima laxiflora Müll. Arg.</i>	11	
5	Euphorbiaceae	<i>Mabea sp.</i>	18	
13	Euphorbiaceae	<i>Maquira esclerophylla (Ducke) C.C. Berg</i>	13	Rapé de índio
13	Euphorbiaceae	<i>Paleormia</i>	13	Cernambi de índio
1	Euphorbiaceae	<i>Pogonomorpha schomburgkiana Miers ex Benth.</i>	18	
13	Euphorbiaceae	<i>Pogonomorpha schomburgkiana Miers ex Benth.</i>	47	
8	Euphorbiaceae	<i>Pousandra sp.</i>	11	
1	Flacourtiaceae	<i>Casearia javitensis Kunth</i>	15	Piabinha
4	Flacourtiaceae	<i>Casearia javitensis Kunth</i>	22	Piabinha
4	Flacourtiaceae	<i>Casearia javitensis Kunth</i>	12	Piabinha
13	Flacourtiaceae	<i>Casearia javitensis Kunth</i>	13	Piabinha
14	Flacourtiaceae	<i>Casearia javitensis Kunth</i>	10	Piabinha
3	Flacourtiaceae	<i>Laetia procera (Poepp.) Eichl</i>	14	
3	Flacourtiaceae	<i>Laetia procera (Poepp.) Eichl</i>	13	
3	Flacourtiaceae	<i>Laetia procera (Poepp.) Eichl</i>	11	
5	Hipocrateaceae	<i>Salacia insignis A.C.Sm.</i>	16	Gogó de guariba
5	Hipocrateaceae	<i>Salacia insignis A.C.Sm.</i>	11	Gogó de guariba
13	Hipocrateaceae	<i>Salacia sp.</i>	11	
10	Hugoniaceae	<i>Roucheria punctata Ducke</i>	20	
10	Hugoniaceae	<i>Roucheria punctata Ducke</i>	16	
16	Humiriaceae	<i>Sacoglottis guianensis Benth.</i>	90	
8	Lauraceae	<i>Aniba canellila (H.B.K.) Mez</i>	50	Casca Preciosa/ Canela



13	Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba (Meissn.) Taub. ex Mez</i>	24	Itauba
13	Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba (Meissn.) Taub. ex Mez</i>	23	Itauba
19	Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba (Meissn.) Taub. ex Mez</i>	65	Itaúba
19	Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba (Meissn.) Taub. ex Mez</i>	50	Itaúba
10	Lauraceae	<i>Ocotea acyphylla (Ness) Mez</i>	13	Louro preto
6	Lauraceae	<i>Ocotea bofo Kunth</i>	11	Louro preto
8	Lauraceae	<i>Ocotea bofo Kunth</i>	14	Louro preto
14	Lauraceae	<i>Ocotea bofo Kunth</i>	40	Louro preto
6	Lauraceae	<i>Ocotea fragrantissima Ducke</i>	10	Louro branco
13	Lauraceae	<i>Ocotea fragrantissima Ducke</i>	11	Louro branco
1	Lauraceae	<i>Ocotea guianensis Aubl.</i>	18	Louro sedinha
14	Lauraceae	<i>Ocotea guianensis Aubl.</i>	24	Louro sedinha
14	Lauraceae	<i>Ocotea longifolia Kunth.</i>	15	Louro de capoeira
8	Lauraceae	<i>Ocotea nigrescens T.D. Penn.</i>	30	Louro preto
4	Lauraceae	<i>Ocotea nigrescens Vicentini</i>	39	Louro
8	Lauraceae	<i>Ocotea nigrescens Vicentini</i>	34	Louro
4	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	23	Louro amarelo
8	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	25	Louro amarelo
8	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	18	Louro amarelo
8	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	11	Louro amarelo
10	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	10	Louro amarelo
13	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	29	Louro amarelo
8	Lauraceae	<i>Ocotea opifera Mart.</i>	18	Louro amarelo
19	Lauraceae	<i>Ocotea tabacifolia (Meiss.) Roher</i>	50	Louro abacate
19	Lauraceae	<i>Sextonia rubra (Mez) van der Werrf</i>	110	Louro gamela
6	Lecythidaceae	<i>Bertholletia exelsa Humb. & Bonpl.</i>	148	Castanha-do-Pará
13	Lecythidaceae	<i>Bertholletia exelsa Humb. & Bonpl.</i>	119	Castanha-do-Pará
16	Lecythidaceae	<i>Bertholletia exelsa Humb. & Bonpl.</i>	160	Castanha-do-Pará
16	Lecythidaceae	<i>Bertholletia exelsa Humb. & Bonpl.</i>	100	Castanha-do-Pará
3	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	17	Tauari
6	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	15	Tauari
4	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	43	Tauari
4	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	43	Tauari
6	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	146	Tauari
8	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	109	Tauari
11	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	93	Tauari
13	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	20	Tauari
14	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	78	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	180	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	115	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	105	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra Ducke</i>	105	Tauari



16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	95	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	95	Tauari
16	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	95	Tauari
19	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	110	Tauari
19	Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	100	Tauari
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	76	Castanha vermelha
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	54	Castanha vermelha
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	30	Castanha vermelha
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	56	Castanha vermelha
11	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	44	Castanha vermelha
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	75	Castanha vermelha
16	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	90	Castanha vermelha
16	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	90	Castanha vermelha
16	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	80	Castanha vermelha
16	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	75	Castanha vermelha
16	Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	50	Castanha vermelha
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. & Endl.) Miers	33	Matá-matá amarelo
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. & Endl.) Miers	47	Matá-matá amarelo
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. & Endl.) Miers	92	Matá-matá amarelo
14	Lecythidaceae	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. & Endl.) Miers	50	Matá-matá amarelo
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	11	Matá-matá preto
14	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	15	Matá-matá preto
3	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	18	Matá-matá preto
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	10	Matá-matá preto
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	10	Matá-matá preto
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	21	Matá-matá preto
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	14	Matá-matá preto
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	13	Matá-matá preto
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	11	Matá-matá preto
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i> (DC.) S.A. Mori	15	Matá-matá preto
3	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	23	Matá-matá branco
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	11	Matá-matá branco
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	28	Matá-matá branco
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	26	Matá-matá branco
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	15	Matá-matá branco
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	11	Matá-matá branco
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	26	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	14	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	12	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	12	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	12	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	0	Matá-matá branco



13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata (Cambess.) Miers</i>	18	Matá-matá branco
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata (Cambess.) Miers</i>	15	Matá-matá branco
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mor</i>	16	Matá-matá vermelho
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	22	Matá-matá vermelho
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	21	Matá-matá vermelho
4	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	17	Matá-matá vermelho
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	14	Matá-matá vermelho
5	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	12	Matá-matá vermelho
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	18	Matá-matá vermelho
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	10	Matá-matá vermelho
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	12	Matá-matá vermelho
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata (Rich.) Mori</i>	19	Matá-matá vermelho
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	15	Ripeiro
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	13	Ripeiro
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	10	Ripeiro
6	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	10	Ripeiro
8	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	20	Ripeiro
10	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	13	Ripeiro
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	15	Ripeiro
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi Mori</i>	14	Ripeiro
13	Lecythidaceae	<i>Eschweilera sp.</i>	17	Matá-matá
17	Lecythidaceae	<i>Eschweilera sp.</i>	60	Matá-matá
4	Lecythidaceae	<i>Gustavia augusta L.</i>	35	Mucurão
10	Lecythidaceae	<i>Lecythis prancei Mori</i>	15	Jarana vermelha
8	Lecythidaceae	<i>Lecythis zabucajo Aubl.</i>	88	Castanha Sapucaia
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Apuleia leiocarpa (Vogel) S.F. Macbr.</i>	85	Garapeira
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Bauhinia guianensis Aubl. var. splendens (H.B.K.) Amshoff</i>	13	Escada de jabuti
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Bauhinia guianensis Aubl. var. splendens (H.B.K.) Amshoff</i>	11	Escada de jabuti
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Bauhinia guianensis Aubl. var. splendens (H.B.K.) Amshoff</i>	11	Escada de jabuti
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Cassia lucida Dehnh.</i>	13	
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Cassia lucida Dehnh.</i>	13	
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Cassia lucida Dehnh.</i>	13	
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Cassia lucida Dehnh.</i>	12	
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Cassia lucida Dehnh.</i>	11	
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga Hayne</i>	20	Copaiba
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga Hayne</i>	47	Copaiba
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga Hayne</i>	47	Copaiba
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga Hayne</i>	11	Copaiba
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga Hayne</i>	36	Copaiba



11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	34	Copaiba
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	73	Copaiba
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	13	Copaiba
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	50	Copaiba
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	60	Copaiba
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	50	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	90	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	75	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	70	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	65	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	61	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	60	Copaiba
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	50	Copaiba
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	17	Copaiba
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Copaifera multijuga</i> Hayne	16	Copaiba
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dialium guianense</i> Steud.	57	Jutaí pororoca
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dialium guianense</i> Steud.	38	Jutaí pororoca
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dialium guianensis</i> Steud.	60	Jutaí pororoca
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dialium guianensis</i> Steud.	40	Jutaí pororoca
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dialium guianensis</i> Steud.	23	Jutaí pororoca
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Dimizia excelsa</i> Ducke	22	Angelim pedra
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymaenae intermedia</i> Ducke	11	Jatobá
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymaenae intermedia</i> Ducke	19	Jatobá
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymaenae intermedia</i> Ducke	13	Jatobá
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymenaea intermedia</i> Ducke	46	Jatobá
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymenaea intermedia</i> Ducke	49	Jatobá
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymenaea reticulata</i> Ducke	100	Jutaí
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Hymenolobium pulcherimum</i> Ducke	70	Sucupira preta
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium limbatum</i> Spruce ex Benth.	30	
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium limbatum</i> Spruce ex Benth.	36	
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium limbatum</i> Spruce ex Benth.	37	
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium limbatum</i> Spruce ex Benth.	33	
5	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium unijugum</i> (Poepp.) <i>R.Cow.var. unijugum</i>	20	Ingarana
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium unijugum</i> (Poepp.) <i>R.Cow.var. unijugum</i>	27	Ingarana
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Macrolobium unijugum</i> (Poepp.) <i>R.Cow.var. unijugum</i>	13	Ingarana
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne campestris</i> Huber ex Ducke	17	Violeta
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne campestris</i> Huber ex Ducke	12	Violeta
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne campestris</i> Huber ex Ducke	25	Violeta
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne campestris</i> Huber ex Ducke	15	Violeta



4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne campestris</i> Huber ex Ducke	13	Violeta
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	57	Roxinho
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	57	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	64	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	64	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	21	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	11	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	10	Roxinho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	68	Roxinho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	10	Roxinho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	85	Roxinho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	55	Roxinho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	18	Roxinho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	14	Roxinho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	11	Roxinho
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	64	Roxinho
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	57	Roxinho
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	76	Roxinho
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	57	Roxinho
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	56	Roxinho
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	33	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	90	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	85	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	80	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	70	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	70	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	70	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	60	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	60	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	50	Roxinho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	50	Roxinho
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	70	Roxinho
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	60	Roxinho
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	75	Roxinho
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	70	Roxinho
19	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	65	Roxinho
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	53	Roxinho
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne exelsa</i> Ducke	64	Roxinho
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	13	Escorrega macaco
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	11	Escorrega macaco
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Peltogyne paniculata</i> Benth.	11	Violeta
17	Leg. Caesalpinaceae	<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Benth.	70	Paricá



8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Benth.	42	Paricá
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Benth.	57	Paricá
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	14	Tachi vermelho
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	11	Tachi vermelho
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	28	Tachi vermelho
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	25	Tachi vermelho
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	15	Tachi vermelho
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	15	Tachi vermelho
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	9	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	24	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	22	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	11	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	10	Tachi vermelho
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	11	Tachi vermelho
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	10	Tachi vermelho
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	0	Tachi vermelho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	75	Tachi vermelho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	70	Tachi vermelho
16	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium cf. setiferum</i> Ducke	70	Tachi vermelho
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	22	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	18	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	14	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	14	Tachi preto
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	24	Tachi preto
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	21	Tachi preto
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	16	Tachi preto
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	11	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	16	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	16	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	12	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	11	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	14	Tachi preto
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	13	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	11	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	11	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	38	Tachi preto
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	54	Tachi preto



3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	38	Tachi preto
4	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	32	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	62	Tachi preto
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	51	Tachi preto
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	68	Tachi preto
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	46	Tachi preto
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	46	Tachi preto
11	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	35	Tachi preto
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	31	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	50	Tachi preto
14	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	10	Tachi preto
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium melanocarpum</i> Ducke	54	Tachi preto
6	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium setiferum</i> Ducke	16	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium setiferum</i> Ducke	13	Tachi vermelho
8	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium setiferum</i> Ducke	54	Tachi vermelho
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	16	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	29	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	16	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	16	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	15	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	14	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	13	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	11	Tachi folha peluda
13	Leg. Caesalpinaceae	<i>Sclerolobium</i> sp.	10	Tachi folha peluda
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia cf. plumea</i> Ducke	180	Tachi
1	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia cf. plumea</i> Ducke	38	Tachi
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia cf. plumea</i> Ducke	180	Tachi
3	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia cf. plumea</i> Ducke	38	Tachi
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia mymercophyla</i> Ducke	51	Tachi-da-folha miúda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	62	Taxi-da-folha peluda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	53	Taxi-da-folha peluda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	48	Taxi-da-folha peluda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	38	Taxi-da-folha peluda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	31	Taxi-da-folha peluda
10	Leg. Caesalpinaceae	<i>Tachigalia venusta</i> Dwyer	30	Taxi-da-folha peluda
16	Leg. Fabaceae	<i>Andira</i>	65	Sucupira amarela
10	Leg. Fabaceae	<i>Andira parviflora</i> Ducke	96	Sucupira vermelha
17	Leg. Fabaceae	<i>Bombacopsis nervosa</i> (Vitt.) Robyns	80	Munguba da mata
1	Leg. Fabaceae	<i>Bowdichia nitida</i> Spruce ex Benth.	43	
3	Leg. Fabaceae	<i>Bowdichia nitida</i> Spruce ex Benth.	43	
19	Leg. Fabaceae	<i>Diploptropis purpurea</i> (Rich.) Amsh.	60	Sucupira amarela
16	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd	80	Cumarú



16	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	70	Cumaru
1	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	34	Cumaru
3	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	34	Cumaru
6	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	93	Cumaru
8	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	83	Cumaru
10	Leg. Fabaceae	<i>Dipteryx odorata (Aubl.) Willd.</i>	16	Cumaru
13	Leg. Fabaceae	<i>Erythrina glauca Willd.</i>	55	
13	Leg. Fabaceae	<i>Erythrina glauca Willd.</i>	54	
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium excelsum Ducke</i>	180	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	80	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	80	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	70	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	70	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	60	Angelim da mata
19	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	55	Angelim da mata
13	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium heterocarpum Ducke</i>	49	Sucupira preta
4	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium pulcherrimum Ducke</i>	90	Sucupira preta
11	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium pulcherrimum Ducke</i>	49	Sucupira preta
13	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium pulcherrimum Ducke</i>	70	Sucupira preta
14	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium pulcherrimum Ducke</i>	78	Sucupira preta
16	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sericeum Ducke</i>	110	Angelim da mata
17	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sericeum Ducke</i>	90	Angelim da mata
17	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sericeum Ducke</i>	55	Angelim da mata
17	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sericeum Ducke</i>	50	Angelim da mata
11	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sericeum Ducke</i>	58	Angelim da mata
16	Leg. Fabaceae	<i>Hymenolobium sp.</i>	50	Sucupira chorona
6	Leg. Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i>	19	
1	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium caudatum Ducke</i>	28	Rabo de camaleão
1	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium caudatum Ducke</i>	18	Rabo de camaleão
1	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium caudatum Ducke</i>	13	Rabo de camaleão
3	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium caudatum Ducke</i>	14	Rabo de camaleão
10	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium caudatum Ducke</i>	10	Rabo de camaleão
6	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium sp.</i>	26	Cipó sangue
6	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium sp.</i>	15	Cipó sangue
6	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium sp.</i>	10	Cipó sangue
14	Leg. Fabaceae	<i>Machaerium sp.</i>	11	Cipó sangue
14	Leg. Fabaceae	<i>Paramachaerium ormosioides Ducke</i>	22	Mututi de terra firme
10	Leg. Fabaceae	<i>Paramanchaerium ormosioides Ducke</i>	13	Mututi da terra firme
6	Leg. Fabaceae	<i>Platymiscium duckei Huber</i>	21	Macacaúba
10	Leg. Fabaceae	<i>Platymiscium duckei Huber</i>	13	Macacaúba
14	Leg. Fabaceae	<i>Poecilanthus effusa (Huber) Ducke</i>	18	Gema de ovo
14	Leg. Fabaceae	<i>Poecilanthus effusa (Huber) Ducke</i>	12	Gema de ovo



14	Leg. Fabaceae	<i>Poecilanthe effusa (Huber) Ducke</i>	10	Gema de ovo
5	Leg. Fabaceae	<i>Pterocarpus amazonicus Huber</i>	18	
5	Leg. Fabaceae	<i>Swartzia sp.</i>	16	Arabá
11	Leg. Fabaceae	<i>Swartzia reticulata Ducke</i>	49	Arabá-roxo
5	Leg. Fabaceae	<i>Swartzia ulei Harms</i>	59	Jerimum
6	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea guianensis Aubl.</i>	19	Uxirana
5	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea guianensis Aubl.</i>	57	Uxirana
5	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea guianensis Aubl.</i>	53	Uxirana
5	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea guianensis Aubl.</i>	19	Uxirana
5	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea guianensis Aubl.</i>	16	Uxirana
10	Leg. Fabaceae	<i>Vatairea sericea Ducke</i>	85	Sucupira amarela
10	Leg. Mimosaceae	<i>Abarema adenophora (Ducke) Barnaby</i>	21	
10	Leg. Mimosaceae	<i>Abarema adenophora (Ducke) Barnaby</i>	12	
16	Leg. Mimosaceae	<i>Abarema adenophora (Ducke) Barnaby</i>	120	
8	Leg. Mimosaceae	<i>Cedrelinga cataeniformes Ducke</i>	164	Cedroarana
16	Leg. Mimosaceae	<i>Cedrelinga cataeniformis Ducke</i>	150	Cedroarana
16	Leg. Mimosaceae	<i>Cedrelinga cataeniformis Ducke</i>	145	Cedroarana
16	Leg. Mimosaceae	<i>Cedrelinga cataeniformis Ducke</i>	100	Cedroarana
16	Leg. Mimosaceae	<i>Cedrelinga cataeniformis Ducke</i>	70	Cedroarana
8	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia excelsa Ducke</i>	197	Angelim pedra
8	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia excelsa Ducke</i>	184	Angelim pedra
19	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia excelsa Ducke</i>	70	Angelim pedra
16	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia exelsa Ducke</i>	167	Angelim pedra
16	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia exelsa Ducke</i>	130	Angelim pedra
16	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia exelsa Ducke</i>	120	Angelim pedra
16	Leg. Mimosaceae	<i>Dinizia exelsa Ducke</i>	110	Angelim pedra
8	Leg. Mimosaceae	<i>Enterolobium schomburgkii Benth.</i>	88	Faveira orelha de Macaco
14	Leg. Mimosaceae	<i>Enterolobium schomburgkii Benth.</i>	23	Orelha de macaco
16	Leg. Mimosaceae	<i>Enterolobium schomburgkii Benth.</i>	120	Orelha de macaco
19	Leg. Mimosaceae	<i>Enterolobium schomburgkii Benth.</i>	80	Orelha de macaco
16	Leg. Mimosaceae	<i>Hymenolobium exelsum Ducke</i>	70	Angelim da mata
6	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	33	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Wild.</i>	10	Ingá vermelha
3	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Wild.</i>	9	Ingá vermelho
10	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Wild.</i>	16	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Wild.</i>	19	Ingá vermelho
8	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	31	Ingá vermelho
10	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	33	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	60	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	48	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	43	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba (Sw.) Willd.</i>	31	Ingá vermelho



10	Leg. Mimosaceae	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	32	Ingá vermelho
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga cayennensis</i> Sagot. ex Benth.	33	Inga folha peluda
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga cayennensis</i> Sagot. ex Benth.	19	Inga folha peluda
1	Leg. Mimosaceae	<i>Inga cayennensis</i> Sagot. ex Benth.	18	Inga folha peluda
1	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	17	Inga chichica
1	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
3	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	13	Inga chichica
3	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
3	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
8	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	21	Inga chichica
13	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
14	Leg. Mimosaceae	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	11	Inga chichica
14	Leg. Mimosaceae	<i>Inga</i> L.	10	Inga sp.
6	Leg. Mimosaceae	<i>Inga</i> sp.	15	Ingá
5	Leg. Mimosaceae	<i>Mimosa virescens</i> (DC.) Poir	23	Ingarana
5	Leg. Mimosaceae	<i>Mimosa virescens</i> (DC.) Poir	18	Ingarana
1	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	98	Faveira arara-tucupi
3	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	98	Faveira arara-tucupi
4	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	18	Faveira arara-tucupi
4	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	13	Faveira arara-tucupi
5	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	10	Faveira arara-tucupi
10	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	36	Faveira arara-tucupi
10	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	10	Faveira arara-tucupi
10	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	10	Faveira arara-tucupi
11	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	93	Faveira arara-tucupi
13	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	11	Faveira arara-tucupi
14	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	87	Faveira arara-tucupi
16	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	80	Faveira arara-tucupi
16	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	50	Faveira arara-tucupi
17	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	105	Faveira arara-tucupi
19	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	120	Faveira arara-tucupi
19	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	90	Faveira arara-tucupi
19	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	90	Faveira arara-tucupi
17	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia multijuga</i> Ducke	64	Faveira arara-tucupi
17	Leg. Mimosaceae	<i>Parkia pendula</i> Benth. ex Walp.	85	Visgueiro
8	Leg. Mimosaceae	<i>Piptadenia minutifloa</i> Ducke	28	Angico branco
8	Leg. Mimosaceae	<i>Piptadenia minutiflora</i> Ducke	22	Angico branco
3	Leg. Mimosaceae	<i>Poepidia</i>	23	Sabia de espinho
8	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) G.P.Lewis & L.Rico	32	Angelim-falso



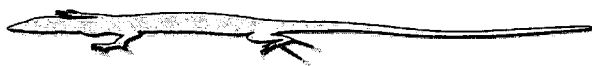
11	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	44	Angelim-falso
13	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	68	Angelim-falso
19	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	70	Angelim-falso
14	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	51	Angelim-falso
13	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	40	Angelim-falso
19	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	115	Angelim-falso
19	Leg. Mimosaceae	<i>Pseudopiptadenia philostachya</i> (Benth.) <i>G.P.Lewis & L.Rico</i>	110	Angelim-falso
3	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	10	Angelim rajado
4	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	24	Angelim rajado
4	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	13	Angelim rajado
5	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	20	Angelim rajado
5	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	15	Angelim rajado
6	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	12	Angelim rajado
13	Leg. Mimosaceae	<i>Zygia racemosa</i> (Ducke) Barneby & J.W.Grimes	12	Angelim rajado
1	Loganiaceae	<i>Strychnos</i> sp.	11	Curare
5	Loganiaceae	<i>Strychnos</i> sp.	11	Curare
5	Loganiaceae	<i>Strychnos</i> sp.	10	Curare
3	Malpighiaceae	<i>Byrsonima garcibarraigae</i> Cuatrec	16	Murici da mata
1	Melastomataceae	<i>Miconia regelii</i> Cogn.	11	Tinteiro
6	Melastomataceae	<i>Miconia regelii</i> Cogn.	11	Tinteiro
8	Melastomataceae	<i>Miconia regelii</i> Cogn.	14	Tinteiro
8	Melastomataceae	<i>Miconia</i> sp.	10	Tinteiro branco
4	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	61	Cedro
11	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	68	Cedro
16	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	65	Cedro
19	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	80	Cedro
19	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	50	Cedro
3	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn	21	Gitó vermelho
4	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn	22	Gitó vermelho
4	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn	14	Gitó vermelho
4	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn	11	Gitó vermelho
4	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn	10	Gitó vermelho
8	Meliaceae	<i>Guarea convergens</i> T.D.Penn.	33	Gitó vermelho
1	Meliaceae	<i>Trichilia</i> sp.	6	
13	Memecylaceae	<i>Mouriri anguslicosta</i> Morley	10	Murauba



14	Memecylaceae	<i>Mouriri angusticosta</i> Morley	40	Murauba
6	Merispermaceae	<i>Abuta</i> sp. 3	19	
13	Moraceae	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	152	Tatajuba
1	Moraceae	<i>Brosimum acutifolium</i> Huber	18	Mururé
10	Moraceae	<i>Brosimum acutifolium</i> Huber	14	Mururé
19	Moraceae	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	70	Pau rainha roxo
5	Moraceae	<i>Brosimum guianensis</i> (Aubl.) Huber	21	Jenitá
5	Moraceae	<i>Brosimum guianensis</i> (Aubl.) Huber	13	Jenitá
5	Moraceae	<i>Brosimum guianensis</i> (Aubl.) Huber	12	Jenitá
14	Moraceae	<i>Brosimum guianensis</i> (Aubl.) Huber	13	Jenitá
5	Moraceae	<i>Brosimum parinarioides</i> Ducke ssp. <i>parinorioides</i>	27	Amapá
4	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	29	Pau rainha
4	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	12	Pau rainha
6	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	31	Pau rainha
6	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	25	Pau rainha
8	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	53	Pau rainha
13	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	25	Pau rainha
14	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	49	Pau rainha
14	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	10	Pau rainha
17	Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	59	Pau rainha
4	Moraceae	<i>Brosimum utile</i> (Benth.) H.B.K. ssp. <i>ovatifolium</i> (Ducke) C.C.Berg	152	Amapá amargoso
6	Moraceae	<i>Brosimum utile</i> (Benth.) H.B.K. ssp. <i>ovatifolium</i> (Ducke) C.C.Berg	11	Amapá amargoso
11	Moraceae	<i>Castilloa ulei</i> Warburg	52	Caucho
19	Moraceae	<i>Castilloa ulei</i> Warburg	60	Caucho
14	Moraceae	<i>Castilloa ulei</i> Warburg	13	Caucho
6	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	34	Guariuba
6	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	27	Guariúba
4	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	13	Guariúba
8	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	11	Guariúba
14	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	10	Guariúba
19	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	50	Guariúba
16	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	70	Guariuba
14	Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz et Pav.	25	
6	Moraceae	<i>Ficus guianensis</i> Desv.	38	Apuí
5	Moraceae	<i>Ficus maxima</i> Miller	40	Caximguba
5	Moraceae	<i>Ficus maxima</i> Miller	55	Caximguba
1	Moraceae	<i>Helicostylis scabra</i> (Macb.) C.C.Berg	22	Inharé
4	Moraceae	<i>Helicostylis scabra</i> (Macb.) C.C.Berg	12	Inharé
8	Moraceae	<i>Helicostylis scabra</i> (Macb.) C.C.Berg	11	Inharé
13	Moraceae	<i>Helicostylis scabra</i> (Macb.) C.C.Berg	13	Inharé



11	Moraceae	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Planch. & Endl.) Rusby	36	Inharé folha miúda
4	Moraceae	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby	98	Inharé folha miúda
4	Moraceae	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby	48	Inharé folha miúda
1	Moraceae	<i>Maquira esclerophylla</i> (Ducke) C.C.Berg	10	Rapé de índio
5	Moraceae	<i>Maquira esclerophylla</i> (Ducke) C.C.Berg	11	Rapé de índio
10	Moraceae	<i>Maquira esclerophylla</i> (Ducke) C.C.Berg	25	Rapé de índio
14	Moraceae	<i>Maquira esclerophylla</i> (Ducke) C.C.Berg	19	Rapé de índio
11	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	33	Muiratinga
11	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	33	Muiratinga
11	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	33	Muiratinga
11	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	33	Muiratinga
4	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	16	Muiratinga
5	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	48	Muiratinga
5	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	40	Muiratinga
5	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	15	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	24	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	20	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	18	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	14	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	11	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	10	Muiratinga
6	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	10	Muiratinga
8	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	16	Muiratinga
8	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	11	Muiratinga
10	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	12	Muiratinga
13	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	90	Muiratinga
14	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	40	Muiratinga
16	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	65	Muiratinga
16	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	60	Muiratinga
16	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	50	Muiratinga
8	Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	38	Muiratinga
13	Moraceae	<i>Naucleopsis ternstroemiifolia</i> (Huber) C.C.Berg	18	Muiratinga folha miúda
13	Moraceae	<i>Naucleopsis ternstroemiifolia</i> (Huber) C.C.Berg	14	Muiratinga folha miúda
10	Moraceae	<i>Naucleopsis ternstroemiifolia</i> (Huber) C.C.Berg	11	Muiratinga folha miúda
10	Moraceae	<i>Naucleopsis ternstroemiifolia</i> (Huber) C.C.Berg	56	Muiratinga-folha-miúda
10	Moraceae	<i>Perebea</i> sp.	26	Caucharana
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	22	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	22	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	15	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	15	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	12	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i> (R. & P) Macabr.	11	Pama



1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	11	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	10	Pama
1	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	9	Pama
3	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	17	Pama
4	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	16	Pama
4	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	13	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	31	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	27	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	24	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	16	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	13	Pama
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	12	Pama
10	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	85	Pama
11	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	39	Pama
13	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	20	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	15	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	14	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	12	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	11	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	11	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	11	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	10	Pama
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis (R. & P) Macabr.</i>	10	Pama
4	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	20	Pama da folha grande
4	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	18	Pama da folha grande
5	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	14	Pama da folha grande
6	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	16	Pama da folha grande
10	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	12	Pama da folha grande
14	Moraceae	<i>Pseudolmedia sp. 2</i>	22	Pama da folha grande
5	Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis Warb.</i>	19	
5	Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis Warb.</i>	14	
5	Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis Warb.</i>	11	
3	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	19	Ucuuba punã
3	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	13	Ucuuba punã
5	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	18	Ucuuba punã
10	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	25	Ucuuba punã
13	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	28	Ucuuba punã
13	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	27	Ucuuba punã
13	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	14	Ucuuba punã
5	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	36	Ucuuba-punã
6	Myristicaceae	<i>Iryanthera elliptica Ducke</i>	36	Ucuuba-punã
6	Myristicaceae	<i>Iryanthera sp.</i>	13	Ucuuba "sangue"



10	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	14	Ucuúba branca
16	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	85	Ucuúba branca
17	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	50	Ucuúba branca
1	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	86	Ucuúba branca
3	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	86	Ucuúba branca
14	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	48	Ucuúba branca
1	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	109	Ucuuba branca
3	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	115	Ucuuba branca
10	Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (A.DC.) Warb.	117	Ucuúba branca
10	Myristicaceae	<i>Virola calophylla</i> Warb. var. <i>calophylla</i>	32	Ucuuba
6	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	11	Ucuuba vermelha
10	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	14	Ucuuba vermelha
10	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	20	Ucuuba vermelha
13	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	23	Ucuuba vermelha
13	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	16	Ucuuba vermelha
13	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	16	Ucuuba vermelha
13	Myristicaceae	<i>Virola elongata</i> (Benth.) Warb.	15	Ucuuba vermelha
5	Myristicaceae	<i>Virola pavonis</i> (A.DC.) A.C.Sm.	47	Ucuuba do baixo
5	Myristicaceae	<i>Virola surinemensis</i> (Rol.) Warb.	11	Ucuuba verdadeira
6	Myristicaceae	<i>Virola venosa</i> (Bent.) Warb.	25	Ucuuba preta
13	Myristicaceae	<i>Virola venosa</i> (Bent.) Warb.	19	Ucuuba preta
14	Myristicaceae	<i>Virola venosa</i> (Bent.) Warb.	13	Ucuuba preta
14	Myristicaceae	<i>Virola venosa</i> (Bent.) Warb.	10	Ucuuba preta
13	Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i> sp.	12	Goiabinha
14	Myrtaceae	<i>Myrcia</i> cf. <i>guyanensis</i> (Aubl.) DC	13	
10	Myrtaceae	<i>Myrcia falax</i> (Rich.) DC.	13	Cumetã
13	Myrtaceae	<i>Myrcia falax</i> (Rich.) DC.	12	Cumetã
13	Myrtaceae	<i>Myrcia falax</i> (Rich.) DC.	11	Cumetã
4	Myrtaceae	<i>Myrcia</i> sp.	17	
4	Myrtaceae	<i>Myrcia</i> sp.	12	
4	Myrtaceae	<i>Myrcia</i> sp.	9	
8	Nyctaginaceae	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	18	Muiratinga
10	Nyctaginaceae	<i>Neea appositifolia</i> Ruiz et Pav.	16	João mole folha muída
13	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	13	João mole
14	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	15	João mole
14	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	13	João mole
6	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	43	João Mole
6	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	39	João Mole
6	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	13	João mole
1	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	10	João mole
3	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	19	João mole
6	Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	12	João mole



1	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	16	Chupeta-de-macaco
1	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	9	Chupeta-de-macaco
6	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	19	Chupeta-de-macaco
13	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	32	Chupeta-de-macaco
13	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	26	Chupeta-de-macaco
13	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	19	Chupeta-de-macaco
13	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	16	Chupeta-de-macaco
14	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engl.	28	Chupeta-de-macaco
1	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engler	34	Chupeta-de-macaco
3	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engler	34	Chupeta-de-macaco
5	Olacaceae	<i>Heisteria duckei</i> Engler	33	Chupeta-de-macaco
1	Olacaceae	<i>Heisteria</i> sp.	15	
4	Olacaceae	<i>Heisteria</i> sp.	16	
6	Olacaceae	<i>Heisteria</i> sp.	19	
1	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	34	Acariquara
3	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	34	Acariquara
10	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	67	Acariquara
16	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	55	Acariquara
16	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	50	Acariquara
16	Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	30	Acariquara
6	Opiliaceae	<i>Agonandra sylvatica</i> Ducke	16	Pau marfim
13	Polygalaceae	<i>Polygala</i> sp.	15	
13	Polygonaceae	<i>Moutabea guianensis</i> Aubl.	11	
4	Proteaceae	<i>Roupala</i> sp.	11	Pau conserva
1	Quiinaceae	<i>Quiina</i> sp.	13	Pau Tanino
14	Rubiaceae	<i>Faramea</i> sp. 1	11	
10	Rubiaceae	<i>Fendinandusa</i> sp. 1	15	
4	Rubiaceae	<i>Fendinandusa</i> sp. 2	13	
5	Rubiaceae	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	11	Unha de gato
3	Rutaceae	<i>Ezembekia</i> sp. 1	24	Limaozinho
4	Rutaceae	<i>Ezembekia</i> sp. 1	12	Limaozinho
14	Rutaceae	<i>Ezembekia</i> sp. 1	16	Limaozinho
14	Rutaceae	<i>Ezembekia</i> sp. 1	12	Limaozinho
3	Rutaceae	<i>Zantoxylum rhoifolium</i> Lam.	17	Tamanqueira
4	Sapindaceae	<i>Mataiba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.	11	Breu de tucano
4	Sapindaceae	<i>Talisia cupularis</i> Radlk.	14	Pitomba da mata
10	Sapindaceae	<i>Talisia cupularis</i> Radlk.	11	Pitomba da mata
14	Sapindaceae	<i>Talisia</i> sp. 1	14	Pitomba
4	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	45	Abiurana vermelha
5	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	41	Abiurana vermelha
8	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	37	Abiurana vermelha



8	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	34	Abiurana vermelha
10	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	43	Abiurana vermelha
11	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	46	Abiurana vermelha
1	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	21	Abiurana vermelha
1	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	14	Abiurana vermelha
1	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	14	Abiurana vermelha
4	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	24	Abiurana vermelha
6	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	17	Abiurana vermelha
8	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	22	Abiurana vermelha
13	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	27	Abiurana vermelha
14	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	56	Abiurana vermelha
4	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	35	Abiurana vermelha
13	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum prieurii</i> A.DC.	52	Abiurana vermelha
6	Sapotaceae	<i>Micropholis mensalis</i> (Baehni) Aubrev.	32	Abiurana roxa
8	Sapotaceae	<i>Micropholis</i> sp. 1	20	Abiurana
1	Sapotaceae	<i>Micropholis</i> sp. 1	13	Rosadinho
5	Sapotaceae	<i>Microphylis mensalis</i> (Baehni) Aubrév.	10	Abiurana roxa
8	Sapotaceae	<i>Microphylis mensalis</i> (Baehni) Aubrév.	14	Abiurana roxa
13	Sapotaceae	<i>Microphylis mensalis</i> (Baehni) Aubrév.	10	Abiurana roxa
14	Sapotaceae	<i>Microphylis mensalis</i> (Baehni) Aubrév.	15	Abiurana roxa
14	Sapotaceae	<i>Microphylis mensalis</i> (Baehni) Aubrév.	12	Abiurana roxa
1	Sapotaceae	<i>Micropholis</i> sp. 1	11	Rosadinho
11	Sapotaceae	<i>Pouteria anomala</i> (Pires) T.D.Penn.	53	Abiurana roxa
11	Sapotaceae	<i>Pouteria anomala</i> (Pires) T.D.Penn.	44	Abiurana roxa
11	Sapotaceae	<i>Pouteria anomala</i> (Pires) T.D.Penn.	36	Abiurana roxa
4	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	22	Abiurana
6	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	10	Abiurana
8	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	11	Abiurana
10	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	18	Abiurana
13	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	21	Abiurana
14	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	14	Abiurana
1	Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz et Pav.) Radlk.	15	Abiurana
10	Sapotaceae	<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	11	Abiurana
13	Sapotaceae	<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	10	Abiurana
6	Sapotaceae	<i>Pouteria prieurii</i> A.DC.	31	Abiurana vermelha
5	Sapotaceae	<i>Pouteria</i> sp. 1	15	Abiurana branca
5	Sapotaceae	<i>Pouteria</i> sp. 1	13	Abiurana branca
4	Sapotaceae	<i>Pouteria</i> sp. 1	17	Abiurana branca
3	Simaroubaceae	<i>Simaba cedron</i> Planch.	18	Pau para tudo
3	Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	14	Marupá
16	Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	50	Marupá
19	Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	65	Marupá



1	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	17	Chichá
5	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	20	Chichá
5	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	17	Chichá
5	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	13	Chichá
5	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	12	Chichá
5	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	11	Chichá
14	Sterculiaceae	<i>Sterculia duckeana da Silva & Coêlho</i>	12	Chichá
1	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	11	Cupui
4	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	12	Cupui
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	10	Cupui
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	16	Cupuí
8	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	18	Cupuí
8	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	16	Cupuí
13	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	19	Cupuí
13	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	11	Cupuí
14	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	15	Cupuí
14	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	13	Cupuí
14	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	12	Cupuí
14	Sterculiaceae	<i>Theobroma subincanum Mart.</i>	12	Cupuí
3	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	19	Cacauí
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	26	Cacauí
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	23	Cacauí
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	18	Cacauí
5	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	12	Cacauí
6	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	10	Cacauí
13	Sterculiaceae	<i>Theobroma sylvestre Mart.</i>	14	Cacauí
3	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	22	Pente de Macaco
3	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	10	Pente de Macaco
8	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	18	Pente de Macaco
10	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	11	Pente de Macaco
13	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	36	Pente de Macaco
5	Tiliaceae	<i>Apeiba echinata Gaertner</i>	30	Pente de Macaco
16	Tiliaceae	<i>Apeiba echnata Gaertn.</i>	75	Pente de Macaco
16	Tiliaceae	<i>Apeiba echnata Gaertn.</i>	60	Pente de Macaco
14	Tiliaceae	<i>Lueheopsis rosea (Ducke) Burret</i>	59	Açoita cavalo
16	Tiliaceae	<i>Lueheopsis rosea (Ducke) Burret</i>	55	Açoita cavalo
14	Ulmaceae	<i>Amplosera edentada Kuhl</i>	18	Envira iodo
5	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	41	
5	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	37	
4	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	9	
5	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	36	
5	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	12	



6	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	28	
11	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	37	
14	Violaceae	<i>Leonia glyxicarpa Ruiz et Pav.</i>	18	
5	Violaceae	<i>Rinorea guianensis Aubl.</i>	22	
5	Violaceae	<i>Rinorea guianensis Aubl.</i>	21	
5	Violaceae	<i>Rinorea guianensis Aubl.</i>	11	
14	Violaceae	<i>Rinorea guianensis Aubl.</i>	14	
6	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	11	Mandioqueira
8	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	25	Mandioqueira
10	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	17	Mandioqueira
10	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	13	Mandioqueira
10	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	13	Mandioqueira
4	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	100	Mandioqueira
6	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	53	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	90	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	85	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	85	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	80	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor Ducke</i>	60	Mandioqueira
16	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	70	Catuaba
16	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	60	Catuaba
16	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	60	Catuaba
16	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	50	Catuaba
17	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	55	Catuaba
19	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	90	Catuaba
19	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	88	Catuaba
19	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	60	Catuaba
19	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	55	Catuaba
8	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	35	Mandioqueira
17	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	95	Mandioqueira
17	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	90	Mandioqueira
17	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	75	Mandioqueira
17	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	60	Mandioqueira
17	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	55	Mandioqueira
19	Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis Ducke</i>	90	Mandioqueira
19	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	70	Catuaba
16	Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora Mart.</i>	85	Catuaba

Anexo 05

Lista da Ictiofauna da Floresta Nacional do Jamari, Baseada em Dados Secundários

Nome científico (taxa)	Nome popular	Hábito alimentar	Habitat
Osteoglossiformes, osteoglossidae			
<i>Osteoglossum bicirrossum</i>	aruanã, macaco d'água	carnívoro	lêntico e lótico
Clupeiformes, Engraulidae			
<i>Lycengraulis batesii</i>	sardinha de pau	psívoro	lótico
Clupeidae			
<i>Pellona castelnaena</i>	apapá amarelo	psívoro	lótico
<i>Pellona flavipinnis</i>	apapá branco	psívoro	lêntico e lótico
Perciformes, cichlidae			
<i>Acaronia nassa</i>	cará, boca de juquiá	onívoro	lêntico e lótico
<i>Cichla monoculus</i>	tucunaré	psívoro	lêntico e lótico
<i>Crenicichla lenticulata</i>	jacundá	onívoro	lêntico e lótico
<i>Crenicichla protheus</i>	jacundá	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Crenicichla johanna</i>	jacundá	carnívoro	lótico
<i>Crenicichla gr. wallacii</i>	jacundá	-	-
<i>Geophagus megaserna</i>	acará, cará	onívoro	lêntico e lótico
<i>Geophagus surinamensis</i>	acará, cará	onívoro	lêntico e lótico
<i>Heros pulóticus</i>	cará preto, cará,	carnívoro	lêntico
<i>Hypselaacara temporale</i>	acará, cará	carnívoro	lótico
<i>Mesonauta insignis</i>	acará boari, cará	onívoro	-
<i>Mesonauta festivus</i>	-	-	-
<i>Satanoperca jurupari</i>	acará papa-terra, cará	onívoro	lêntico e lótico
Scianidae			
<i>Plagioscion squamosissimus</i>	pescada	carnívoro	lótico
<i>Pachyurus sp.</i>	pescada	carnívoro	lótico
Tetradontiformes, Tetradontidae			
<i>Colomesus aselus</i>	baiacu	carnívoro	lótico
Characiformes, Anostomidae			
<i>Laemolyta taeniata</i>	aracu, piau	onívoro	lêntico e lótico
<i>Laemolyta varia</i>	aracu, piau	onívoro	lêntico
<i>Leporinus amazônica</i>	-	-	-
<i>Leporinus cylindriiformes</i>	aracu, piau	onívoro	lótico
<i>Leporinus fasciatus</i>	aracu flamengo, piau	onívoro	lótico
<i>Leporinus friderici</i>	aracu cabeça gorda	onívoro	lótico
<i>Pseudanos trimaculatus</i>	aracu, piau	onívoro	lótico
<i>Rhytiodus argenteofuscus</i>	aracu, piau	herbívoro	lótico



<i>Schizodon fasciatus</i>	piáu, aracu comum	herbívoro	lótico e lêntico
<i>Schizodon vittatus</i>	-	-	-
Characidae			
<i>Acestrocephalus sardina</i>	madalena, cacunda	psívoro	lêntico e lótico
<i>Acestrorhynchus falcatus</i>	cachorro	psívoro	lêntico
<i>Acestrorhynchus falcirostris</i>	cachorro	psívoro	lêntico e lótico,
<i>Acestrorhynchus microlepis</i>	-	psívoro	lêntico e lótico,
<i>Acestrorhynchus abbreviatus</i>	cachorrinha, ueau	psívoro	lêntico e lótico
<i>Angoniatas anchovia</i>	cruzador, manjuba	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Aphyocharax alburnus</i>	-	-	-
<i>Aphyocharax pusillus</i>	-	-	-
<i>Astyanax bimaculatus</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Astyanax sp.</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Axelrodia stigmatias</i>	-	-	lêntico e lótico
<i>Brachycaelinus copei</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Brachycaelinus retrospina</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Brycon breviceauda</i>	matrinchã	onívoro	lótico
<i>Brycon melanopterus</i>	jatuarana	onívoro	lótico
<i>Brycon pelegri</i>	jatuarana	onívoro	lótico
<i>Brycon pesu</i>	Jatuarana, piabão	onívoro	lótico
<i>Bryconamericus bolivianus</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Bryconops sp</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lótico
<i>Chalceus macrolepidotus</i>	larari rabo de fogo	onívoro	lótico
<i>Charax gibbosus</i>	madalena, cacunda	carnívoro	lótico
<i>Charax caudimaculatus</i>	saicanga	-	-
<i>Creagrutus anary</i>	-	-	lêntico e lótico
<i>Cynopotamus amazonus</i>	-	-	-
<i>Cynopotamus gouldingi</i>	-	-	lêntico e lótico
<i>Hemigrammus unilineatus</i>	-	-	-
<i>Hydrolycus pectoralis</i>	cachorro, pirandirá	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Hydrolycus scomberoides</i>	cachorro, pirandirá	carnívoro	lêntico, e lótico
<i>Hyphessobrycon sp.</i>	-	-	-
<i>Microschemobrycon sp.</i>	-	-	-
<i>Moenkausia intermedia</i>	lambari, matupiri, piaba	-	-
<i>Moenkausia lepidura</i>	lambari, matupiri, piaba	onívoro	lêntico e lótico
<i>Odontostilbe fugitiva</i>	-	-	-
<i>Phenacogaster sp.</i>	-	-	-
<i>Poptella compressa</i>	-	-	-
<i>Rhaphiodon gibbus</i>	cachorro	psívoro	-
<i>Rhaphiodon vulpinus</i>	cachorro	psívoro	lêntico e lótico
<i>Roeboides thurni</i>	madalena, cacunda	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Roestes molossus</i>	madalena, cacunda	carnívoro	lêntico



<i>Stethaploticon erythroptus</i>	-	-	-
<i>Thayeria sp</i>	lambari, matupiri, piaba	-	-
Characidae			
<i>Triportheus angulatus</i>	sardinha	onívoro	lêntico e lótico
<i>Triportheus culter</i>	sardinha	-	lêntico
<i>Triportheus elongatus</i>	sardinha	onívoro	lêntico e lótico
<i>Triportheus rotundalos</i>	sardinha	onívoro	lêntico e lótico
<i>Tyttocharax madeirae</i>	-	-	-
Chilodontidae			
<i>Caenotropus labyrinthicus</i>	joão cabeça dura	onívoro	lótico
Crenuchidae			
<i>Ammocryptocharax elegans</i>	-	-	-
<i>Elachocharax junki</i>	-	-	-
<i>Characidium fasciatum</i>	charuto, piaba	onívoro	lótico
Ctenolucidae			
<i>Boulengerella maculata</i>	arumará, urumará	onívoro	lêntico e lótico
<i>Boulengerella ocellata</i>	arumará, urumará	psívoro	lótico
Curimatidae			
<i>Cyphocharax notatus</i>	-	-	-
<i>Cyphocharax spiluroopsis</i>	-	-	-
<i>Curimata meyeri</i>	-	-	-
<i>Curimata microcephala</i>	branquinha	iliófogo	lótico
<i>Curimata ocellata</i>	branquinha	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Curimata plumbea</i>	-	iliófogo	-
<i>Curimata roseni</i>	branquinha, peito chato	iliófogo	lêntico
<i>Curimata sp 1</i>	-	-	-
<i>Curimata spirula</i>	branquinha	iliófogo	-
<i>Curimata vittata</i>	branquinha	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Curimatella albura</i>	branquinha	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Curimatella meyeri</i>	branquinha	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Pothamorhina altamazonica</i>	branquinha	iliófogo	lêntico
<i>Pothamorhina latior</i>	branquinha	iliófogo	lêntico
<i>Pothamorhina pristigaster</i>	branquinha	iliófogo	lêntico
<i>Psectrograster curviventris</i>	branquinha cascuda	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Psectrograster essequibensis</i>	branquinha cascuda	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Psectrograster rutiloides</i>	branquinha cascuda	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Steindachnerina leucisca</i>	-	-	-
<i>Steindachnerina planiventris</i>	-	-	-
Erytrinidae			
<i>Hoplias malabaricus</i>	traíra	psívoro	lêntico e lótico
Gasteropelecidae			
<i>Thoracocharax stellatis</i>	borboleta	onívoro	lótico



<i>Carnegiella sp</i>	borboleta	-	-
Hemiodontidae			
<i>Anodus elongatus</i>	-	-	-
<i>Argonectes scapularis</i>	cupio, arano, charuto	carnívoro	lótico
<i>Bivibranchia fowleri</i>	-	-	-
<i>Hemiodopsis microlepis</i>	fleixeira, orana	onívoro	lótico
<i>Hemiodopsis semitaeniatus</i>	fleixeira, orana	onívoro	lótico
<i>Hemiodus unimaculatus</i>	cruzeiro do sul	onívoro	lêntico e lótico
Lebiasinidae			
<i>Pyrrhulina sp.</i>	-	-	lêntico e lótico
<i>Nannostomus digrammus</i>	-	-	-
<i>Nannostomus eques</i>	-	-	-
<i>Nannostomus unifasciatus</i>	-	-	-
Prochilodontidae			
<i>Prochilodus beni</i>	curimatã	lilófogo	lêntico e lótico
<i>Prochilodus nigricans</i>	curimatã	lilófogo	lêntico e lótico
<i>Semaprochilodus theraponura</i>	jaraqui	lilófogo	lêntico e lótico
Serrasalmididae			
<i>Catopion mento</i>	piranha xidaua	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Colossoma macropomum</i>	tambaqui	onívoro	lêntico e lótico
<i>Myleus sp.</i>	pacu	herbívoro	-
<i>Mylossoma duriventris</i>	pacu branco	herbívoro	lêntico
<i>Serrasalmus compressus</i>	piranha	-	-
<i>Serrasalmus eigenmanni</i>	piranha	onívoro	lêntico e lótico
<i>Serrasalmus elongatus</i>	piranha	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Serrasalmus rhombeus</i>	piranha preta	carnívoro	lêntico e lótico
Gymnotiformes, Apterodontidae			
<i>Adontosternarchus sp.</i>	sarapó, tuvira	-	-
<i>Adontosternarchus balaenops</i>	sarapó, tuvira	-	-
<i>Adontosternarchus clarkae</i>	sarapó, tuvira	-	-
Electrophoridae			
<i>Electrophorus electricus</i>	poraquê, peixe elétrico	carnívoro	lótico
Rhamphichthyidae			
<i>Rhamphichtys marmoratus</i>	turira, ituí	carnívoro	lótico
<i>Gymnorhamphichthys sp</i>	sarapó, tuvira, ituí	onívoro	lótico
Stemopygidae			
<i>Eigenmannia virescens</i>	sarapó, tuvira	onívoro	lêntico e lótico
Siluriformes, Ageneiosidae			
<i>Ageneiosus atronatus</i>	-	-	-
<i>Ageneiosus brevifilis</i>	boca de chinelo	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Ageneiosus madeirensis</i>	-	-	-



Siluriformes, Ageneiosidae			
<i>Ageneiosus ucayalensis</i>	Boca de chinelo	carnívoro	lêntico e lótico
Auchenipteridae			
<i>Auchenipterichthys thoracatum</i>	cangati	onívoro	lêntico e lótico
<i>Auchenipterus ambyiacus</i>	mandi	-	-
<i>Auchenipterus nuchalis</i>	mandi	onívoro	lêntico e lótico
<i>Centromochlus heckelii</i>	cangati	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Parauchenipterus galeatus</i>	cachorro de padre	onívoro	lêntico e lótico
<i>Tatia brunea</i>	cangati	onívoro	lêntico
Callichthyidae			
<i>Corydoras similis</i>	coridoras	onívoro	lêntico e lótico
<i>Dianema longibarbus</i>	coridoras	onívoro	lêntico e lótico
Cetopsidae			
<i>Cetopsis coecutiens</i>	candiru	necrófago	lótico
<i>Hemicetopsis candiru</i>	candiru	necrófago	lótico
Doradidae			
<i>Hassar sp</i>	botinho, reco-reco	onívoro	lêntico e lótico
<i>Platydoras elongatus</i>	-	-	-
<i>Platydoras sp.</i>	-	-	-
<i>Pseudodoras niger</i>	botinho, reco-reco	-	-
<i>Trachydoras sp</i>	botinho, reco-reco	onívoro	lêntico e lótico
Hypophthalmidae			
<i>Hypophthalmus edentatus</i>	mapará	-	lêntico e lótico
<i>Hypophthalmus marginatus</i>	mapará	-	lêntico e lótico
Loricariidae			
<i>Ancistrus sp</i>	acari, acari-bodó, bodó	iliófogo	lótico
<i>Cochliodon sp</i>	acari, cascudo, bodó	iliófogo	lêntico e lótico
<i>Glyptoperichthys lituratus</i>	acari, acari-bodó, bodó	-	-
<i>Hypostomus sp.</i>	acari, cascudo	iliófogo	lótico
<i>Loricaria cataphracta</i>	jotoxi, caximbo	iliófogo - onívoro	lótico
<i>Peckoltia vittata</i>	acari, cascudo, bodó	iliófogo	lótico
<i>Pseudorinelepis genibarbis</i>	acari, cascudo, bodó	iliófogo	lótico
<i>Pterygoplichthys gibbiceps</i>	-	-	-
<i>Pterygoplichthys multiradiatus</i>	-	-	-
<i>Rineloricaria cacerensis</i>	jotoxi, caximbo	onívoro	lêntico e lótico
<i>Rineloricaria phoxocephala</i>	jotoxi, caximbo	onívoro	lêntico e lótico
Pimelodidae			
<i>Brachyplatystoma flavicans</i>	dourada	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	piramutaba	piscívoro	lótico
<i>Callophysus macropterus</i>	pintadinho	piscívoro	lótico
Pimelodidae			
<i>Callophysus sp</i>	-	-	-

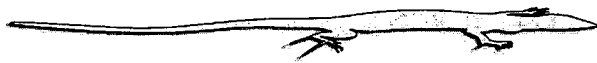


<i>Duopalatinus goeldii</i>	-	-	-
<i>Hemisorubim platyrhynchus</i>	bico de pato	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Leiarus marmoratus</i>	jandiá	-	-
<i>Pimelodina cristata</i>	mandi	carnívoro	lótico
<i>Pimelodina sp</i>	-	-	-
<i>Pimelodella sp.</i>	-	-	-
<i>Pimelodus albofasciatus</i>	mandi	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Pimelodus blochii</i>	mandi	carnívoro	lêntico e lótico
<i>Pirirampus pirinampu</i> / <i>Platynemichthys nottatus</i>	barba chata	onívoro	lêntico e lótico
<i>Platynemichthys nottatus</i>	pirá-tucandirá, corootá	psívoro	lótico
<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	surubim	psívoro	lótico
<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i>	caparari	psívoro	lêntico e lótico
<i>Scrubim lima</i>	bico de pato	carnívoro	lêntico e lótico
Trichomycteridae			
<i>Paracanthopoma sp.</i>	candiru	necrófobo	lótico
<i>Vandellia gigantea</i>	-	-	-
<i>Vandellia sanguinea</i>	-	-	-

Anexo 06

Registros Herpetológicos Secundários Assinalados para a Floresta Nacional do Jamari

Taxa	Vernáculo	Referência
Classe Amphibia, Ordem Anura		
<i>Adenomera</i> aff. <i>Andreae</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Adenomera hylaedactyla</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Bufo</i> gr. <i>Typhonius</i>	Sapo	Polonoroeste/Planaflo
<i>Bufo guttatus</i>	Sapo	Polonoroeste/Planaflo
<i>Bufo marinus</i>	Sapo	Polonoroeste/Planaflo/Primário
<i>Chiasmocleis</i> sp.	Perereca	Planaflo
<i>Colostethus</i> aff. <i>Marchesianus</i>	Rã	Planaflo
<i>Dendrobates</i> aff. <i>Vanzolinii</i>	Rã	Planaflo
<i>Elachistocleis</i> aff. <i>Ovalis</i>	Perereca	Planaflo
<i>Eleutherodactylus fenestratus</i>	Rã	Planaflo
<i>Epipedobates femoralis</i>	Rã	Planaflo
<i>Epipedobates trivittatus</i>	Rã	Planaflo
<i>Hyla</i> aff. <i>Minuta</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla multifasciata</i>	Perereca	Polonoroeste
<i>Hyla geographica</i>	Perereca	Planaflo
<i>Hyla granosa</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla lanciformis</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla leucophyllata</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla marmorata</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla parviceps</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla punctata</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla raniceps</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla rhodopepla</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla sarayacuensis</i>	Perereca	Planaflo
<i>Hyla</i> gr. <i>Microcephala</i>	Perereca	Planaflo
<i>Hyla triangulum</i>	Perereca	Planaflo
<i>Hyla walfordi</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Hyla wavrini</i>	Perereca	Planaflo
<i>Leptodactylus mystaceus</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptodactylus fuscus</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptodactylus</i> gr. <i>wagneri</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptodactylus knudseni</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptodactylus leptodactyloides</i>	Rã	Planaflo
<i>Leptodactylus macrosternum</i>	Rã	Planaflo



<i>Leptodactylus pentadactylus</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptodactylus petersi</i>	Rã	Planaflo
<i>Leptodactylus rhodomystax</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Lithodytes lineatus</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Lysapsus limellus</i>	Sapo	Polonoroeste/Planaflo
<i>Osteocephalus taurinus</i>	Perereca	Planaflo
<i>Phrynohyas venulosa</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Phrynorhyas resinifictrix</i>	Perereca	Planaflo
<i>Phyllomedusa bicolor</i>	Perereca	Planaflo
<i>Phyllomedusa tarsius</i>	Perereca	Planaflo
<i>Phyllomedusa tomopterna</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Phyllomedusa vaillanti</i>	Perereca	Polonoroeste/Planaflo
<i>Physalaemus aff. centralis</i>	Rã	Planaflo
<i>Physalaemus gr. cuvieri</i>	Rã	Planaflo
<i>Physalaemus petersi</i>	Rã	Planaflo
<i>Pipa pipa</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Rana palmipes</i>	Rã	Polonoroeste/Planaflo
<i>Scinax aff. cruentoma</i>	Perereca	Planaflo
<i>Scinax aff. rostratus</i>	Perereca	Planaflo
<i>Scinax aff. rubra</i>	Perereca	Planaflo
<i>Scinax fuscomarginata</i>	Perereca	Planaflo
<i>Scinax garbei</i>	Perereca	Planaflo
<i>Scinax nebulosa</i>	Perereca	Planaflo
<i>Sphaenorhynchus lacteus</i>	Perereca	Planaflo
Classe Amphibia, Ordem Gymnophiona		
<i>Typhlonectes compressicauda</i>	Cecília	Planaflo
Classe Reptilia, Ordem Chelonia		
<i>Chelis fimbriatus</i>	Cágado	Planaflo
<i>Geochelone carbonaria</i>	Jabuti	Planaflo
<i>Phrynops geoffroanus</i>	Cágado	Planaflo
<i>Phrynops raniceps</i>	Cágado	Planaflo
<i>Platemys platycephala</i>	Cágado	Planaflo
<i>Podocnemis expansa</i>	Tartaruga	Planaflo
<i>Podocnemis unifilis</i>	Tartaruga	Planaflo
Classe Reptilia, Ordem Squamata, Subordem Sauria		
<i>Ameiva ameiva</i>	Lagarto	Polonoroeste/Planaflo/Primário
<i>Amphisbaena alba</i>	Cobra-de-duas-cabeças	Polonoroeste/Planaflo/Preservado
<i>Anolis ortonii</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Anolis fuscoauratus</i>	Lagarto	Polonoroeste/Planaflo
<i>Anolis transversalis</i>	Lagarto	Planaflo
<i>Coleodactylus amazonicus</i>	Lagartixa	Polonoroeste/Planaflo
<i>Crocodilurus lacertinus</i>	Lagarto	Planaflo/Primário



<i>Gonatodes hasemanni</i>	Lagartixa	Polonoroeste/Planaflores/Primário
<i>Gonatodes humeralis</i>	Lagartixa	Polonoroeste/Planaflores
<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa	Planaflores/Primário
<i>Iguana iguana</i>	Iguana, sinimbu	Planaflores/Entrevista
<i>Iphisa elegans</i>	Lagarto	Planaflores
<i>Kentropyx altamazonica</i>	Lagarto	Planaflores
<i>Kentropyx calcarata</i>	Lagarto	Polonoroeste/Planaflores/Primário
<i>Leposoma parietale</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Leposoma percarinatum</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Mabuya bistrata</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Mabuya nigropunctata</i>	Lagarto	Planaflores
<i>Neusticurus</i> sp.	Lagarto	Planaflores
<i>Plica plica</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Plica umbra</i>	Lagarto	Polonoroeste
<i>Prionodactylus eigenmanni</i>	Lagarto	Polonoroeste/Planaflores
<i>Thecadactylus rapicaudus</i>	Lagartixa	Planaflores
<i>Tropidurus</i> sp.	Lagarto	Planaflores/Preservado
<i>Tupinambis teguixin</i>	Teiú	Planaflores
<i>Uranoscodon superciliosus</i>	Tamacuaré	Planaflores/Primário
Classe Reptilia, Ordem Squamata, Subordem Ophidia		
<i>Anilius scytale</i>	Cobra-coral (falsa)	Polonoroeste
<i>Apostolepis rondoni</i>		Polonoroeste
<i>Atractus albuquerquei</i>		Polonoroeste
<i>Atractus elaps</i>		Polonoroeste
<i>Atractus latifrons</i>		Polonoroeste
<i>Atractus snethlageae</i>		Polonoroeste
<i>Boa constrictor</i>	Jibóia	Polonoroeste/Planaflores
<i>Bothrops atrox</i>	Jararaca-do-norte	Polonoroeste/Planaflores
<i>Bothrops brazili</i>	Jararaca-vermelha	Polonoroeste
<i>Bothrops neuwiedi</i>	Jararaca-pintada	Polonoroeste
<i>Chironius carinatus</i>	Cobra-cipó	Planaflores
<i>Chironius exoletus</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste/Planaflores
<i>Chironius fuscus</i>		Polonoroeste
<i>Chironius multiventris</i>		Polonoroeste
<i>Chironius scurrulus</i>		Polonoroeste
<i>Ielia delia</i>	Muçurana	Polonoroeste/Planaflores
<i>Corallus enydris</i>	Cobra-de-veado	Polonoroeste/Planaflores
<i>Corallus caninus</i>	Periquitambóia	Polonoroeste/Preservado
<i>Dendrophidion dendrophis</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste/Planaflores
<i>Dipsas catesbyi</i>		Polonoroeste
<i>Dipsas indica</i>		Polonoroeste
<i>Dipsas pavonina</i>		Polonoroeste



<i>Drepanoides anomalus</i>	Cobra-coral (falsa)	Polonoroeste/Planaflo
<i>Drymarchon corais</i>		Polonoroeste
<i>Drymoluber rhombifer</i>		Polonoroeste
<i>Drymoluber dichrous</i>		Polonoroeste
<i>Echiantera</i> sp.	Cobra	Planaflo
<i>Epicrates cenchria</i>	Salamanta	Polonoroeste/Planaflo/Entrevista
<i>Erythrolamprus mimus</i>		Polonoroeste
<i>Helicops angulatus</i>	Cobra-d'água	Polonoroeste/Planaflo
<i>Helicops leopardinus</i>	Cobra-d'água	Planaflo
<i>Helicops polylepis</i>	Cobra-d'água	Planaflo
<i>Hydrops triangularis</i>		Polonoroeste
<i>Hydrodynastes gigas</i>	Cobra-d'água	Planaflo
<i>Imantodes cenchoa</i>		Polonoroeste
<i>Leptodeira annulata</i>		Polonoroeste
<i>Lachesis muta</i>	Surucucu, bico-de-jaca	Polonoroeste/Planaflo/Entrevista
<i>Leptophis ahaettula</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste/Planaflo
<i>Leptotyphlops macrolepis</i>	Cobra-cega	Polonoroeste
<i>Leptotyphlops tenella</i>	Cobra-cega	Planaflo
<i>Liophis chrysostoma</i>		Polonoroeste
<i>Liophis cobellus</i>	Cobra-de-capim	Planaflo
<i>Liophis longiventris</i>		Polonoroeste
<i>Liophis reginae</i>	Cobra-de-capim	Polonoroeste/Planaflo
<i>Liophis typhlus</i>	Cobra-verde	Polonoroeste/Planaflo
<i>Mastigodryas boddaerti</i>		Polonoroeste
<i>Micrurus filiformis</i>	Cobra-coral	Planaflo
<i>Micrurus hemprichii</i>	Cobra-coral	Polonoroeste/Preservado
<i>Micrurus lemniscatus</i>	Cobra-coral	Polonoroeste
<i>Micrurus mipartitus</i>	Cobra-coral	Polonoroeste
<i>Micrurus spixii</i>	Cobra-coral	Polonoroeste
<i>Micrurus surinamensis</i>	Cobra-coral	Polonoroeste
<i>Oxybelis aeneus</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste
<i>Oxybelis argenteus</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste/Planaflo
<i>Oxybelis boulengeri</i>	Cobra-cipó	Planaflo
<i>Oxybelis fulgidus</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste
<i>Oxyrhopus melanogenis</i>		Polonoroeste/ Planaflo
<i>Oxyrhopus petola</i>		Polonoroeste
<i>Oxyrhopus rhombifer</i>		Polonoroeste
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>		Polonoroeste
<i>Philodryas olfersii</i>		Polonoroeste
<i>Philodryas viridissimus</i>	Cobra-cipó	Polonoroeste/Planaflo/Preservado
<i>Pseudoboa</i> sp.	Cobra-coral (falsa)	Planaflo/Preservado
<i>Pseustes poecilonotus</i>		Polonoroeste



<i>Siphlophis cervinus</i>	Dorminhoca	Planaflo
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana	Polonoroeste/Planaflo
<i>Tantilla melanocephala</i>		Polonoroeste
<i>Tripanurgos compressus</i>	Cobra	Polonoroeste/Planaflo
<i>Typhlops</i> sp.		Preservado
<i>Xenodon rabdocephalus</i>		Polonoroeste
<i>Xenopholis scalaris</i>		Polonoroeste
Ordem Reptilia, Classe Crocodilia		
<i>Caiman crocodilus</i>	Jacaré	Planaflo
<i>Melanosuchus niger</i>	Jacaré-açú	Planaflo/Entrevista
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	Jacaré	Planaflo
<i>Paleosuchus trigonatus</i>	Jacaré	Planaflo



Anexo 07

Regimento Interno do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari – RO

CAPÍTULO I DOS OBJETIVOS

Art. 1º O Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari, com domicílio no Município de Itapuã do Oeste, Estado de Rondônia, é uma instância voltada para a orientação das atividades desenvolvidas nesta Unidade de Conservação, nas suas áreas de entorno e nas suas zonas de amortecimento, conforme disposições da Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, e do Decreto n.º 4.340, de 22 de agosto de 2002, e do seu Plano de Manejo e do Regimento Interno.

Art. 2º Os objetivos do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari, resguardados os preceitos da Lei n.º 9.985, de 2000, e do Decreto n.º 4.340, de 2002, são:

I – contribuir para a implantação de uma política pública florestal que possa garantir o desenvolvimento da sociedade e a conservação dos recursos naturais;

II – agregar apoio político e institucional para promover a gestão e o planejamento da Floresta Nacional do Jamari, de forma consultiva e propositiva, envolvendo as diversas organizações da sociedade civil e do poder público, mediante atribuições previamente estabelecidas para cada ator envolvido;

III – propor ações para auxiliar a sensibilização da população local e regional sobre a necessidade da conservação do meio ambiente e da natureza, para a garantia da qualidade de vida atual e futura;

IV – contribuir como experiência piloto, para a gestão participativa em outras Unidades de Conservação;

V – propor critérios e procedimentos técnico-científicos para direcionar ações de proteção ambiental e de desenvolvimento econômico, social e científico da Floresta Nacional do Jamari;

VI – propor programas, projetos e atividades relacionadas à Floresta Nacional do Jamari, garantindo uma gestão participativa e fomentando a integração das Unidades com o seu entorno e zona de amortecimento;

VII - contribuir para a divulgação de ações promissoras desenvolvidas na Floresta Nacional do Jamari, que possam servir de subsídios para futuras ações:

VIII – demais objetivos previstos na Lei 9.985/2000 e no Decreto n.º 4.340, de 2002.

Parágrafo único. Em todas as decisões do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari deverão ser observadas as normas e leis relacionadas com as Unidades de Conservação, com as Florestas Nacionais, com o meio ambiente e as políticas florestais vigentes, inclusive as específicas estabelecidas em seu Plano de Manejo.



CAPITULO II DA COMPOSIÇÃO

Art. 3º O Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari será composto por representantes e respectivos suplentes de órgãos governamentais – Instituições Públicas Federais, do Governo do Estado de Rondônia, dos municípios de Itapuã do Oeste, Cujubim e da sociedade civil organizada, devidamente habilitados conforme Portaria de criação nº 18, de 11 de abril de 2003.

Art. 4º São instâncias do Conselho Consultivo:

I - Assembléia Geral;

II - Presidência e Vice-Presidência;

III - Coordenação;

IV - Câmaras Técnicas.

§ 1º A Assembléia Geral é a instância soberana do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

§ 2º O Presidente do Conselho Consultivo será o Chefe da Floresta do Nacional do Jamari, que presidirá também a Assembléia Geral.

§ 3º O Vice-Presidente do Conselho Consultivo será eleito em Assembléia Geral, entre os demais membros.

§ 4º A Coordenação do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari, será assim constituída:

I - Coordenador Geral;

II - Vice-Coordenador Geral;

III -Secretário Executivo;

IV - Vice-Secretário Executivo.

§ 5º O Coordenador Geral será o Presidente do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

§ 6º A escolha do Vice-Coordenador Geral, do Secretário Executivo e do Vice-Secretário Executivo, dar-se-á por Assembléia Geral, entre representantes de instituições que compõem o Conselho Consultivo.

§ 7º A duração dos mandatos será de 02 (dois) anos, iniciando-se no mês de maio de cada biênio, podendo haver reeleição.

§ 8º As Câmaras Técnicas serão compostas por técnicos especializados nas áreas de meio ambiente, manejo florestal, direito, educação, saúde, pesquisa, extensão, fomento, segurança e etc, convidados pelo Conselho Consultivo a colaborar prestando apoio técnico e científico, em caráter eventual, ao Conselho Consultivo e a Chefia da Floresta Nacional do Jamari, sobre assuntos de elevado interesse da Unidade de Conservação.



§ 9º O técnico responsável pela elaboração de parecer não deverá estar envolvido diretamente em projetos ou matéria em execução na Floresta Nacional do Jamari.

§ 10. As Câmaras Técnicas serão acionadas pelo Conselho Consultivo ou pela Chefia da Floresta Nacional do Jamari sempre que considerar necessário e por período pré-determinado, sendo dissolvida quando esgotados os assuntos relativos às matérias submetidas a sua apreciação ou por decisão do Presidente do Conselho.

SEÇÃO I DAS COMPETÊNCIAS

Art. 5º Compete aos membros do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari:

I – orientar e acompanhar o desenvolvimento de programas, projetos e atividades ligadas à Floresta Nacional do Jamari, de forma a harmonizar e compatibilizar suas ações;

II – atuar na Floresta Nacional do Jamari de forma consultiva, com possibilidade de ampliar sua atuação junto ao IBAMA a partir do amadurecimento de ações conseqüentes e propositivas da Assembléia;

III – emitir parecer sobre o Plano de Manejo previamente à sua aprovação pelo órgão competente;

IV – Incentivar e acompanhar a elaboração, implementação e revisão do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari, garantindo seu caráter participativo e fomentando a integração da Unidade com o seu entorno e zona de amortecimento;

V – requerer estudos técnicos para embasar a revisão e atualização do Plano de Manejo da Floresta do Jamari e seu zoneamento, quando necessário;

VI – analisar e manifestar-se, sempre que solicitado pelo IBAMA, sobre obras ou atividades potencialmente causadoras de impactos nas respectivas unidades e suas zonas de entorno, amortecimento e/ou corredores ecológicos e propor medidas mitigadoras e compensatórias, nestes casos, convocando as câmaras técnicas;

VII – aprovar ou não as entidades que poderão fazer parte do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

VIII – apreciar e propor alterações no Relatório de Atividades desenvolvidas;

IX – apreciar e propor alterações no Plano de Atividades do ano subseqüente;

X – apreciar a Prestação de Contas Anual e emitir parecer;

XI – aprovar e alterar, quando necessário, o Regimento Interno;

XII – supervisionar todo o processo de concessão e exploração de recursos naturais, assim como os programas de pesquisas e visitação pública propostos para a Floresta Nacional do Jamari;

XIII – sugerir critérios para eventual seleção quanto a proposta de Termo de Parceria com Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, para a Gestão compartilhada da Floresta Nacional do Jamari;



XIV – demais competências previstas na Lei 9.985/2000 e no Decreto de Regulamentação nº 4.340/2002.

Art. 6º Compete ao Presidente:

I – receber, documentar e informar ao Conselho Consultivo a composição da Coordenação;

II – convocar e presidir as Assembléias Gerais ordinárias e extraordinárias;

III – presidir o processo de renovação da Coordenação do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari;

IV – presidir o processo de habilitação e credenciamento das entidades que queiram compor o Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

Art. 7º Compete ao Vice-Presidente do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari:

I – substituir o Presidente em seus impedimentos e eventuais ausências;

II – assessorar o Presidente.

Parágrafo único. Substituir eventualmente o Presidente, no caso de assuntos a serem tratados juntos aos superiores do Chefe da Floresta Nacional do Jamari.

Art. 8º Compete à Coordenação:

I – propor, estudar, discutir os assuntos submetidos ao exame do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari;

II – cumprir e zelar pela observância das normas deste regimento;

III – propor ao Conselho alterações na execução de programas, projetos e atividades relacionadas à Floresta Nacional do Jamari;

IV – contribuir para a divulgação das ações desenvolvidas na Floresta Nacional do Jamari que possam servir de subsídios para futuras ações;

V – convidar técnicos especializados nas áreas de meio ambiente, manejo florestal, educação, saúde, pesquisa, extensão, fomento, segurança, jurídica e outros para assessorá-lo, sempre que necessário, com vistas a compor as Câmaras Técnicas.

Art. 9º São atribuições do Coordenador Geral:

I – convocar reuniões da Coordenação e enviar suas respectivas pautas, com antecedência mínima de 10 (dez) dias, aos membros do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari;

II – presidir as reuniões da Coordenação;

III – propor questões de ordem e pauta das reuniões da Coordenação.

Art. 10. São atribuições do Vice-Coordenador:

I – substituir o Coordenador Geral em seus impedimentos e eventuais ausências;

II – assessorar o Coordenador Geral.



Art. 11. São atribuições do Secretário Executivo:

I – redigir e assinar as Atas das reuniões da Coordenação e da Assembléia Geral e distribuí-las após cada reunião;

II – redigir correspondências, relatórios, comunicados e demais documentos necessários, mediante aprovação da Coordenação e da Assembléia Geral;

III – divulgar no Conselho Consultivo as informações, decisões e ações da Coordenação, após a sua apreciação;

IV – receber todas as correspondências e documentos endereçados ao Conselho Consultivo e encaminhá-los à Coordenação, para as providencias necessárias;

V – manter atualizado e organizado o arquivo de documentos e correspondências do Conselho Consultivo;

VI – divulgar para a sociedade as informações, decisões e ações do Conselho Consultivo após apreciação da Coordenação.

Art. 12. São atribuições do Vice-Secretário Executivo:

I – substituir o Secretário Executivo em seus impedimentos e ausências;

II – assessorar o Secretário Executivo.

Art. 13. Compete às Câmaras Técnicas:

I – estudar, analisar, emitir parecer e planejar projetos e matérias submetidas à sua apreciação, expressos em documentos ou relatórios;

II – proporcionar o suporte técnico e científico necessários às decisões do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari em matérias específicas.

SEÇÃO II DA HABILITAÇÃO E CREDENCIAMENTO DAS ENTIDADES

Art. 14. As entidades que pretenderem compor o Conselho Consultivo devem submeter-se a critérios de habilitação e credenciamento, para então concorrer a cargos eletivos.

§ 1º Os critérios para habilitação e credenciamento das entidades, contempladas no Convite Oficial, são os seguintes:

I - para os órgãos públicos: apresentar documentos de sua criação, Regimento Interno, CNPJ e relatório de atividades da gestão e os objetivos das entidades compatíveis com as atividades da Floresta Nacional do Jamari;

II - para as entidades não governamentais: apresentar Ata de fundação da entidade e Ata da reunião de posse da Diretoria devidamente registradas em Cartório no livro de títulos e documentos, CNPJ e os objetivos das entidades compatíveis com as atividades da Floresta Nacional do Jamari.



§ 2º A habilitação e credenciamento de novas entidades como membro do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari dar-se-á com aprovação na Assembléia Geral.

§ 3º O Presidente do Conselho Consultivo convocará todas as entidades para renovação e/ou nova habilitação para composição do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

SEÇÃO III DAS ELEIÇÕES

Art. 15. A eleição para renovação dos membros da Coordenação será realizada no período máximo de 60 (sessenta) dias, e mínimo de 30 (trinta) dias que antecederem o término dos mandatos vigentes, obedecendo ao disposto no art. 4º, § 6º, deste Regimento.

SEÇÃO IV DA PERDA DO MANDATO E DA VACÂNCIA

Art. 16. Perderá a condição de membro do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari a instituição ou organização que:

I – deixar de comparecer a três assembléias consecutivas ou cinco intercaladas, sem justificativa aceita pela Coordenação;

II – manifestar-se publicamente de forma que, por algum motivo, possa denegrir, perante a opinião pública, a imagem da Floresta Nacional do Jamari e do órgão responsável por sua gestão;

III – solicitar oficialmente ao Presidente do Conselho seu descredenciamento.

§ 1º A falta do representante da instituição membro será comunicada ao gestor da mesma e ao representante do Conselho por escrito pelo Presidente do Conselho Consultivo.

§ 2º A justificativa de falta deverá ser feita por escrito ao Presidente do Conselho Consultivo, pela autoridade máxima da instituição-membro.

§ 3º Será solicitada a substituição do representante de instituição-membro do Conselho Consultivo ou de seu suplente, quando:

I – for descredenciado pela Instituição que representa;

II – a critério da Coordenação e da Assembléia Geral, cometer falta grave por ocasião de sua atuação no Conselho Consultivo;

III - A perda do mandato do membro do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari ou de seus representantes, será efetivada a partir de resolução em Assembléia Geral, sancionada pelo Presidente do Conselho Consultivo.

Art. 17. Ocorrerá a vacância do mandato do membro da Coordenação nos seguintes casos:

I – renúncia voluntária, formulada por escrito, em expediente endereçado à Coordenação;



II – perda do mandato;

III – morte.

§ 1º Em caso de vacância, a Coordenação tomará as providências imediatas para que ocorra a eleição de novo membro.

§ 2º A ausência injustificada dos membros efetivos e suplentes da Coordenação, este último no caso de substituição, em três reuniões consecutivas ou cinco intercaladas, implicará na perda do mandato, sendo passível de substituição por outra entidade da mesma categoria, de acordo com o estabelecido no § 2º do art. 14, deste Regimento.

SEÇÃO V DAS REUNIÕES

Art. 18. O Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari juntamente com suas instâncias, reunir-se-ão ordinariamente a cada 06 (seis) meses e, extraordinariamente, sempre que convocada pelo seu Presidente ou por, no mínimo, 50% dos seus conselheiros.

§ 1º A convocação da reunião ordinária da Assembléia Geral acontecerá através de Convite Oficial, devendo ser dada ampla divulgação entre os seus membros, com antecedência mínima de 10 (dez) dias antes da data de sua realização.

§ 2º As reuniões devem ser públicas, com pauta preestabelecida no ato da convocação e realizadas em local de fácil acesso e com ampla divulgação.

§ 3º As Assembléias Gerais Extraordinárias poderão ser solicitadas por maioria simples dos membros do Conselho Consultivo; em caso de relevância julgada pela Coordenação e convocadas pelo Presidente, obedecendo ao disposto no *caput* deste artigo.

§ 4º As reuniões ordinárias da Coordenação terão periodicidade trimestral.

§ 5º As reuniões extraordinárias da Coordenação poderão ser solicitadas sempre que necessário, por qualquer membro, e convocadas com 24 (vinte e quatro) horas de antecedência.

§ 6º As reuniões da Assembléia Geral terão início, respeitando o número de membros presentes, de acordo com a seguinte ordem de abertura:

I - em primeira convocação, com presença de pelo menos metade mais um de seus membros;

II - em segunda convocação, com presença de pelo menos um terço de seus membros, após trinta minutos da primeira convocação; e

III - em terceira convocação, com qualquer número, após trinta minutos da segunda convocação.

§ 7º A sede executiva do Conselho Consultivo será a Sede Administrativa da Floresta Nacional do Jamari, localizada no município de Itapuã do Oeste, podendo qualquer Instituição-membro sediar as reuniões, a critério do Conselho, devendo esta colocar à disposição do Conselho Consultivo infra-estrutura de apoio para a realização dos trabalhos.



Art. 19. As deliberações da Assembléia Geral e da Coordenação serão tomadas por maioria simples dos votos dos membros presentes.

Parágrafo único. As deliberações relativas às propostas de alteração do Regimento Interno serão tomadas por maioria simples de votos dos membros do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari.

Art. 20. Será lavrada Ata em cada Assembléia Geral e em cada reunião da Coordenação, que após sua leitura e aprovação serão assinadas, pelo Presidente, pelo Secretário e por todos os membros presentes, e enviadas às entidades envolvidas nas questões da Floresta Nacional do Jamari e ainda colocadas à disposição dos membros do Conselho Consultivo.

CAPÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 21. A Primeira Assembléia Geral de constituição e posse do Conselho Consultivo será convocada pelo Chefe da Floresta Nacional do Jamari, junto aos órgãos e entidades habilitados.

Art. 22. O primeiro ato da Primeira Assembléia Geral será a definição dos representantes, por categoria, previamente habilitados.

Art. 23. Na primeira Assembléia Geral serão eleitos os membros da Coordenação, com mandato de 02 (dois) anos.

SEÇÃO IV DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 24. Os representantes das instituições membro do Conselho Consultivo da Floresta Nacional do Jamari, não perceberão nenhuma vantagem a título de remuneração e será considerada atividade de relevante interesse público.

Art. 25. Compete ao IBAMA prestar apoio à participação dos conselheiros nas reuniões, sempre que solicitado e devidamente justificado.

Parágrafo único. Eventualmente, a seu critério, outra instituição membro poderá custear despesas necessárias às atividades do Conselho Consultivo.

Art. 26. As decisões que o Conselho Consultivo julgar necessárias serão formalizadas em documentos, dando-se ampla publicidade às mesmas.

Art. 27. O Conselho Consultivo atuará e se posicionará de forma independente da administração do IBAMA.

Art. 28. Os casos omissos deste Regimento Interno serão dirimidos pelo Conselho Consultivo, em reunião de Assembléia Geral.

Art. 29. Consideram-se partes integrantes deste Regimento Interno, as demais condições, critérios, objetivos e atribuições de competência dos Conselhos Consultivos das Florestas Nacionais, previstos na Lei 9.985, de 2000, no Decreto de Regulamentação nº 4.340, de 2002 e demais legislação complementar e Regulamentos.



Floresta Nacional do Jamari, Itapuã do Oeste- RO, de de 2003.

BAMA/ Floresta Nacional do Jamari

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA

Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM;

Prefeitura de Cujubim/RO;

Prefeitura Municipal de Itapuã do Oeste/RO;

Fundação Instituto do Meio Ambiente de Itapuã do Oeste - FIMAIO;

Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia - EMATER;

Associação Rondoniense de Engenheiros Florestais - AREF;

Federação das Industrias do Estado de Rondônia - FIERO;

CESBRA S.A;

RIO TERRA – Centro de Estudos de Pesquisas do Mergulho e do Meio Ambiente da Amazônia;

Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Itapuã do Oeste.

Anexo 08

Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo Experimental

Na Floresta Nacional do Jamari serão implantados dois Planos de Manejo Florestal de Uso Múltiplo em caráter experimental:

- Plano De Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo Empresarial – Pmfs empresarial (Experimental)
- Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo – PMFS comunitário (Experimental)

Área Prevista para implantação do Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo é de 30.000 Ha. Sendo que a Unidade de Produção Anual – UPA, para o Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo em escala empresarial é de 2.000 ha/ano e o em regime comunitária é de 200 ha/ano. Para a implementação destes Planos de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo deverão ser obedecidos os seguintes procedimentos:

Escolha da Área deve observar as informações do Inventário Florestal Diagnóstico, Levantamento Ecológico Rápido e o Zoneamento da Área da FLONA.

Definida a área de implantação do Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo deverão cumpridas as seguintes etapas:

Inventário Florestal de Reconhecimento

Levantamento inicial da floresta a ser manejada, utilizando-se de um sistema de amostragem que servirá de base para elaboração do Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo. Este inventário deverá ser realizado tão logo que seja definida a área ser manejada. Os principais objetivos desses inventários são: caracterizar os tipos e formações florestais; determinar a composição em espécies; determinar estimativas de volume sem controle de precisão; definir áreas de preservação, unidades de manejo e potencial madeireiro da área em estudo.

Macrozoneamento

É a divisão da Área de Manejo Florestal – AMF em zonas devidamente delimitados que caracterizam certas peculiaridades de vegetação, topografia, hidrografia, solo, microclima ou mesmo aspectos sociais. O macrozoneamento é importante para que o PMFS possa definir normas específicas para o desenvolvimento de certas ações voltadas para a conservação da floresta a ser manejada, ou para a preservação do patrimônio cultural, belezas cênicas, etc.

O macrozoneamento objetiva a discriminação das fitofisionomias florestais locação geral da rede hidrográfica, reconhecimento mais detalhado da topografia e a identificação de áreas antropizadas presentes na AMF.



O macrozoneamento deve apresentar:

Mapas da área total da FLONA, em escala adequada, mostrando localização da AMF, acesso, confrontantes, rios, estradas, tipos florestais, área(s) de reserva legal – RL, área(s) de preservação permanente – APP, reserva(s), área do plano de manejo florestal sustentável de uso múltiplo – PMFS, áreas antropizadas e áreas utilizadas ou destinadas a outros usos de solo.

Definição e descrição da(s) área(s) que compõem a propriedade e a AMF localizadas nos mapas, anteriormente citadas.

Macroplanejamento

É a definição e dimensionamento da infra-estrutura e da administração do manejo florestal na AMF, segundo um roteiro e métodos de planificação, estabelecendo um conjunto de ações visando à consecução dos objetivos do manejo florestal sustentável de uso múltiplo.

Os objetivos do macro-planejamento são: AMF; UPA e UT;

Rede viária (vias de acesso, primárias e quando possível, as secundárias);

Instalações do acampamento;

Equipes operacionais, e;

Máquinas e equipamentos, entre outras ações do projeto.

Definição da Área de Manejo – AMF

Baseados no levantamento do inventário de reconhecimento, levantamento ecológico rápido, macro-zoneamento e no zoneamento da FLONA, temos uma visão do real tamanho de aproveitamento da AMF (área da AMF que realmente será destinada à produção de madeira e outros produtos da floresta).

Definição da Unidade de Produção Anual – UPA

O tamanho da UPA no caso da FLONA deve ter sua localização, forma e tamanho dimensionados em função:

Objetivo proposto pelo PMFS (experimental);

Capacidade de produção da AMF proposta e o ciclo definido.

As UPA deverão ser distribuídas em função das informações originárias do macro-zoneamento e do macro-planejamento da AMF, observando a:

Características físicas da área, quando possível, para facilitar o planejamento e o desenvolvimento das atividades operacionais, a UPA deve ser definida numa forma retangular e quando necessário assumir uma irregular, de acordo com a rede hidrográfica e demais acidentes naturais do terreno. (topografia, hidrografia, etc.) e;

Distribuição da malha viária (estradas de acesso e principais).

As atividades desenvolvidas na UPA deverão obedecer às atividades previstas no Plano Operacional Anual (POA).



Definição das Unidades de Trabalho – UT

As unidades de trabalho (UT) devem ser dimensionadas em função da capacidade de produção operacional do executor da exploração, visando o melhor cumprimento do cronograma e a execução das atividades do POA.

Plano Operacional Anual – POA:

É o plano de execução do manejo florestal sustentável de uso múltiplo.

Um POA é um plano de curto prazo que deve estar voltado diretamente para o planejamento, execução, orientação e supervisão das atividades de manejo a serem realizadas na AMF.

Este plano deve ser elaborado tão logo estejam definidas as UPA e UT, ou seja, após a conclusão do macro-zoneamento e macro-planejamento.

Um POA bem elaborado, executado e supervisionado deverá alcançar os seguintes objetivos:

- Aumentar a produtividade operacional;
- Reduzir os danos e impactos à floresta remanescente;
- Desenvolver as atividades operacionais com segurança, tanto para os operários como visitantes;
- Proteger a AMF de fogo, invasões e caça predatória;
- Reduzir os custos da exploração e do manejo (outras atividades);
- Procurar aproveitar produtos não madeireiros;
- Adequar o planejamento do escritório às condições da floresta;
- Desenvolver ou manter relação com a sociedade local, fortalecendo e divulgando o manejo;
- Facilitar o acesso à pesquisa florestal.

Plano Pré-Exploratório:

As atividades descritas nesse plano antecedem a exploração, devem ser realizadas pelo menos um ano antes desta.

Preparação da UPA, UT e Micro-zoneamento

Definida a localização, forma e tamanho da UPA e das UT, essas devem ser delimitadas e preparadas através de abertura de picadas.

Essa atividade tem por finalidade:

- Facilitar a realização do inventário;



- Aumentar a precisão da localização das árvores;
- Identificar e localizar as características físicas das áreas que não foram possíveis de serem observadas no momento do macro-zoneamento;
- Facilitar o mapeamento da UT, dando condições de um melhor planejamento das estradas, pátios e das trilhas de arraste de toras.

Inventário Pré-Exploratório – Inventário a Nível de 100%

Essa atividade é realizada após a preparação da UT e, durante esse inventário é concluído o micro-zoneamento.

O inventário florestal pré-exploratório (100%) é um levantamento de todas espécies florestais com diâmetro igual ou maior a 35 cm, procurando atender as necessidades e objetivos do PMFS e da exploração florestal.

Corte de Cipós

Esta é uma atividade que pode ser realizada juntamente com o inventário a 100%, sempre que a UPA ou UT apresentar incidência de cipós entrelaçados às copas das árvores, será necessário o corte dos mesmos. Os objetivos dessas atividades são:

- Facilitar a operação de derrubada de árvores comerciais, não comprometendo o direcionamento da queda da árvore;
- Diminuir os danos causados às árvores remanescentes, durante a exploração;
- Reduzir o número de árvores remanescentes danificadas e:
- Aumentar a segurança das equipes operacionais durante a exploração da floresta.

Seleção das Árvores

Realizado o inventário pré-exploratório os dados devem ser processados com o objetivo de fornecer informações de forma organizada para facilitar a condução das atividades de planejamento de vendas e comercialização da madeira, planejamento da exploração, tratamentos silviculturais, entre outros.

A seleção das árvores a serem exploradas deve ser baseada em critérios definidos em função do mercado, diâmetro ou circunferência mínima de corte (DMC ou CMC), qualidade de fuste e distribuição espacial das árvores

Mapeamento AMF, UPA e UT

O mapeamento é a transposição das informações coletadas no campo durante a definição da UPA e UT, preparação e micro-zoneamento da UT e inventário pré-exploratório, para a melhor forma de visualização da distribuição das árvores das características físicas da área.

O mapeamento fornecerá as informações acerca de:

- Micro-zoneamento (topografia, hidrologia, solo, e etc.)



- Distribuição das árvores de acordo com o inventário;
- Infra-estrutura (estradas, pátios, pontes e etc.), e
- Árvores selecionadas para exploração e remanescentes.

Esta atividade é realizada desde a definição da UPA e UT, passando pela exploração e durante toda manutenção do manejo florestal.

Os mapas que devem ser utilizados no manejo florestal sustentável de uso múltiplo são:

- Mapas da AMF;
- Mapa de micro-zoneamento com as características físicas da UT;
- Mapa do inventário com o micro-zoneamento e todas as árvores inventariadas na escala 1:1000 ou 1:2000 (mapa logístico);
- Mapa de exploração mostrando o micro-zoneamento às árvores a serem exploradas e se possível o planejamento das estradas e pátios e, se possível das trilhas de arraste na escala 1:1000 ou 1:2000;
- Mapa de corte/arraste com estradas secundárias, o pátio e as árvores a serem arrastadas para o pátio na escala 1:2000;
- Mapa pós-exploratório com micro-zoneamento, estradas e pátios, árvores selecionadas exploradas e não exploradas e trilhas de arraste, na escala 1:1000 ou 1:2000.

Plano Exploratório

São descritas as atividades da exploração a serem realizadas na UPA a ser explorada no decorrer do período de execução do POA.

Planejamento e Construção da Infra-estrutura de Exploração Florestal

São consideradas infra-estruturas da exploração florestal as vias de acesso, armazenamento e escoamento da produção florestal. Essas infra-estruturas devem ser construídas para serem permanentes, ou seja deverão ser utilizadas em várias explorações, são consideradas como infra-estruturas a serem planejadas e construídas na AMF, UPA e UT a rede viária florestal (estradas), os pátios de estocagem e em alguns casos as trilhas de arraste. O planejamento e a construção das infra-estruturas tem por objetivo:

- Reduzir os custos operacionais do manejo florestal;
- Aumentar a segurança no tráfego de veículos na AMF;
- Aumentar a produtividade eficiência de máquinas e equipes;
- Otimizar o arraste das toras e;
- Diminuir os danos à floresta.



Planejamento e Construção da Rede Viária Florestal: Estradas de Acesso, Principais, Secundárias, Terciárias

É a definição da distribuição do tamanho e tipo de estradas a serem planejadas e construídas na AMF, UPA e UT, segundo critérios de planejamento e construção previamente definidos, utilizando-se de tecnologia apropriada.

O planejamento e construção da rede viária florestal deverão ter como finalidade viabilizar à execução das atividades do manejo, objetivando:

- Proporcionar um deslocamento rápido e seguro para a AMF, através das estradas de acesso;

- Otimizar o tráfego durante o transporte das toras e garantir uma estrutura viária permanente para futuras explorações nas UPA, através das estradas principais;

- Diminuir a distância de arraste de toras, pela sistematização das estradas secundárias;

- Proporcionar acesso permanente à floresta para a realização do monitoramento, proteção florestal e tratos silviculturais.

As estradas que compõem a rede viária são: estradas de acesso, principais, secundárias e terciárias.

Os planejamentos das estradas primárias, secundárias e terciárias podem ser classificados em dois tipos:

- Sistemático, onde as estradas são planejadas obedecendo a uma distância previamente definida. Esse tipo é recomendado e utilizado em áreas de topografia plana;

- Em função das características físicas da área, onde as estradas são planejadas considerando-se tais características. Esse tipo é recomendado e utilizado em áreas de topografia acidentada e/ou presença de cursos d'água.

O planejamento das estradas deve seguir os seguintes critérios:

- Estar baseado nos mapas da AMF, UPA e UT (inventário e exploração);

- A área total das estradas planejadas não deve ultrapassar a 1% da área da UPA;

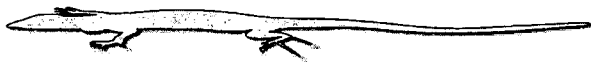
- Deve limitar a distância máxima de arraste;

- Toda as estradas planejadas devem ser mapeadas.

O planejamento das estradas é realizado em duas etapas:

- No escritório, faz-se o planejamento sobre os mapas da AMF, mapas de inventário e de exploração. Nesse momento é importante que sejam consideradas as condições do solo, deve-se evitar o cruzamento de cursos de água e, se cruzá-los que planejado um sistema de drenagem, utilizando-se de pontes ou bueiros;

- No campo, faz-se a transferência do planejamento do escritório para a floresta, seguindo os critérios de planejamento, procurando o caminho de menor resistência na floresta suavizando as curvas e desvios, evitando árvores de grande porte, preservando as árvores remanescentes/porta-sementes. E, evitando acidentes topográficos e cursos d'água, sinalizando e mapeando a estrada.



Construção da Rede Viária Florestal (Estradas)

A construção da rede viária é em primeiro lugar a execução do planejamento efetuado. A construção das estradas deve seguir pelo menos os seguintes procedimentos metodológicos:

- Confirmar o planejamento;
- Desobstruir o leito da futura estrada;
- Desmatar o leito da estrada;
- Recortar e rebaixar as árvores quebradas ao longo do leito da estrada;
- Limpar o leito da estrada;
- Raspar e nivelar a estrada.

Planejamento e Construção de Pátios de Toras (Esplanadas)

Nesta atividade são definidas as dimensões, distribuição e número de pátios de estocagem de toras a serem planejados e construídos na UPA ou UT.

O planejamento dos pátios pode ser classificado em dois tipos:

- Sistemático, onde as estradas são planejadas obedecendo a uma distância previamente definida. Esse tipo é recomendado e utilizado em áreas de topografia plana;
- Em função das características físicas da área, onde as estradas são planejadas considerando-se tais características. Esse tipo é recomendado e utilizado em áreas de topografia acidentada e/ou presença de cursos d'água.

Para definir as dimensões, distribuição e número de pátios a serem planejados e construídos, devemos obedecer a critérios específicos para escolha da área onde os mesmos serão construídos, considerar pelo menos:

- A distribuição das árvores e volume de madeira a ser estocado;
- A topografia e a vegetação também devem ser avaliadas no momento do planejamento e da construção dos pátios;
- A distância máxima de arraste;
- A área de menor resistência, com menos árvores de grande porte.

O planejamento para construção dos pátios deve ser feito em duas etapas:

- No escritório, é realizado o planejamento com dimensionamento e pré-localização dos pátios sobre o mapa de inventário ou mapa de exploração.
- No campo, é realizada a execução do planejamento, seguindo - se os critérios do planejamento, sinalizando e mapeando o perímetro, os obstáculos e as características físicas da área.

A construção dos pátios de estocagem é a execução do planejamento segundo técnicas já definidas. A equipe de construção deve ter recebido treinamento e especialização em técnicas de construção de infra-estrutura, obedecendo os seguintes procedimentos:

- Confirmar o planejamento;



- Desobstruir a área do pátio;
- Desmatar a área do pátio;
- Recortar e rebaixar as árvores quebradas dentro do pátio;
- Limpar o pátio;
- Raspar e nivelar o pátio;
- Limpar o pátio, cortando cipós e raízes.

Corte das Árvores

Esta atividade só pode ser realizada após a conclusão das atividades de inventário, seleção de árvores, mapeamento, construção de infra-estrutura e, quando o POA estiver aprovado e autorizada a exploração pelo órgão competente. A derrubada das árvores selecionadas deve ter como objetivos:

- Derrubada das árvores selecionadas para a exploração;
- Diminuir os danos à floresta remanescente, através da proteção das árvores remanescentes, evitando a abertura de grandes clareiras e a derrubada de árvores ocas, ninhos e CAP ou DAP muito elevados ou abaixo do Diâmetro mínimo de corte – DMC ou Circunferência mínima de corte –CMC;
- Aumentar o aproveitamento de madeira das árvores derrubadas, evitando perda de toras por rachaduras e proporcionando maior aproveitamento do fuste, devido ao corte baixo;
- Reduzir custos operacionais, através do aumento do número de árvores derrubadas, maior vida útil dos equipamentos, menos desperdício de material e equipamentos e maior retorno de investimentos pré-exploratório;
- Facilitar o planejamento do arraste de toras, aumentando a produtividade de operações de arraste.

A derrubada das árvores pode ser classificada em três tipos que são: convencional, direcionada e direcionada de impacto reduzido.

Planejamento de Arraste

O planejamento de arraste é a definição das trilhas que localizam as árvores derrubadas, tornando o arraste das toras mais fácil e curto.

As trilhas devem ser planejadas e sinalizadas com o objetivo de:

- Facilitar a movimentação do skider dentro da UT, reduzindo os danos a vegetação remanescentes, através da diminuição do número de árvores danificadas;
- Reduzir os custos operacionais, reduzindo o tempo de arraste, aumentando a produção das equipes de arraste, arrastando todas as árvores derrubadas e planejadas para o arraste;
- Aumentar a segurança de operação de arraste.



O Planejamento do arraste é realizado após a derrubada das árvores e, pode ser classificada em dois tipos:

Sistemático, onde as trilhas de arraste são distribuídas ao longo das estradas secundárias ou terciárias, em distâncias regulares, previamente definidas, em função da distribuição das árvores. Esse tipo é recomendado e utilizado em sistemas de pré-arraste e arraste;

Em função das características físicas da área, onde as trilhas de arraste são planejadas considerando-se tais características, distribuídas a partir de pátios de estocagem, em função da distribuição das árvores. Esse tipo é recomendado e utilizado em sistemas de arraste único (sem pré-arraste).

O planejamento do arraste deve ser conduzido por equipes treinadas utilizando-se do mapa de corte/arraste, e obedecendo a critérios específicos para planejamento do arraste, considerando pelo menos:

A distribuição das árvores;

A topografia e a vegetação remanescente;

A distância máxima de arraste;

A área de menor resistência, com menos árvores de grande porte;

O número máximo de toras a serem arrastadas numa mesma trilha;

As trilhas de arraste saindo do fundo do pátio para aumentar a produtividade do arraste e das atividades de pátio.

Essa atividade é executada em duas etapas que são:

No escritório, é realizado o planejamento sobre os mapas de exploração e corte/arraste, levando em consideração a distribuição das árvores derrubadas, a topografia, a rede de drenagem e a distância máxima de arraste.

No campo, são seguidos os critérios do planejamento, buscando o caminho de menor resistência, desviando das árvores de grande porte, de topografia acentuada e, cursos d'água, entre outros.

Arraste das Toras

O arraste é o transporte das toras das árvores derrubadas, do interior da floresta até pátio de estocagem. A operação de arraste deve ser executada por uma equipe bem treinada, obedecendo a critérios específicos para o arraste, como:

A equipe de arraste deve estar de posse do mapa de corte/arraste;

O planejamento deve ser seguido e obedecidas as sinalizações das trilhas e as convenções do mapa de corte/arraste.

Qualquer que seja o tipo de máquina (trator), o mesmo deverá estar equipado com torre e guincho, ou pelo com torre, para que todas as toras sejam arrastadas com uma das suas pontas erguida, evitando assim, a retirada de matéria orgânica (liteira) e a compactação do solo.



O arraste quando iniciado deve seguir os seguintes procedimentos:

O operador leva consigo o mapa de corte/arraste para saber a localização exata de cada árvore a ser arrastada;

O trator entra na floresta abrindo a trilha, indo buscar a árvore planejada para o arraste;

A tora é guinchada e/ou presa e arrastada até o pátio de estocagem, seguindo – se pelo mesmo ramal anteriormente aberto;

Cada árvore arrastada tem sua numeração conferida e sinalizada no mapa;

Esses procedimentos são repetidos até que todas as árvores cortadas tenham sido arrastadas.

Controle das Atividades (Cadeia de Custódia)

A cubagem, traçamento, manuseio e empilhamento das toras são realizadas durante o arraste. Já o carregamento pode ser realizado nesse momento ou depois concluído o arraste.

Essas atividades devem ser realizadas por pessoal treinado e capacitado, utilizando-se de fichas de acompanhamento, seguindo os seguintes procedimentos:

A medida que as toras são arrastadas e largadas no pátio, essas devem ser medidas (comprimento e diâmetro), e tais mensurações devem ser anotadas em fichas apropriadas para posterior cubagem;

Quando necessário, deve-se executar o traçamento das toras, de acordo com as bitolas de comprimento utilizadas pela indústria e tamanho da carroceria do veículo;

Em seguida, as toras devem ser empilhadas ou carregadas nos veículos que as transportarão até o seu destino;

Sempre que possível, depois de empilhadas ou antes do transporte, as toras deverão receber nos topos, uma pintura com preservativo para evitar rachaduras e o ataque de insetos.

O controle das atividades de exploração terá como base o manuseio das toras observando-se a numeração das árvores feita quando da realização do inventário florestal à 100%. A numeração das árvores e das toras servirá de base para a cadeia de custódia.

Plano de Manutenção da AMF

Este plano refere-se a todas as UPA e conseqüentemente à área de manejo florestal (AMF). Nesse plano são descritas as atividades realizadas no decorrer de toda a execução do manejo florestal sustentável de uso múltiplo, algumas são realizadas desde as atividades pré-exploratórias, outras a partir da exploração e outras iniciam a exploração.

Monitoramento: da Floresta, Operacional (Silvicultura, Ecologia, Preservação da Flora e Fauna)

Devem ser realizados dois tipos de monitoramento que são: monitoramento do comportamento da floresta e o monitoramento das operações realizadas na floresta durante o ciclo de corte.



No monitoramento da floresta pós-exploração que tem por objetivo identificar a necessidade da aplicação de tratamentos silviculturais, acompanhar o crescimento da floresta e definir o momento ideal para uma nova exploração.

O sistema de monitoramento a ser adotado num PMFS pode se basear em:

Inventários contínuos a serem realizados em parcelas permanentes;

Inventários temporários;

Inventários pré-exploratórios, e;

Outros.

Os objetivos do monitoramento operacional são: identificar falhas no processo produtivo do manejo florestal; redução dos danos à floresta remanescente e desperdício da madeira explorada; acompanhamento diário da produção por atividade; apropriação dos custos operacionais do manejo e da exploração; além de garantir a qualidade das atividades desenvolvidas.

Manutenção da Infra-estrutura

As técnicas de manutenção mais simples e de baixo custo, que mais são utilizadas no manejo florestal e exploração são:

Limpeza e nivelamento dos pátios e das estradas secundárias e terciárias, através de uma raspagem superficial do seu leito, realizada logo após as atividades de exploração;

Desobstrução/retirada dos galhos de árvores e troncos de árvores que caem nas estradas principalmente, no inverno;

Raspagem e/ou nivelamento e, quando for o caso; revestimento com piçarra do leito das estradas principais e de acesso. Atenção especial deve ser dada à manutenção da rede de drenagem, com limpeza de pontes e bueiros construídos durante a exploração madeireira. A manutenção das estradas secundárias e ou terciárias deverá ser realizada após o término do transporte das toras, e periodicamente a cada dois ou três anos para facilitar o acesso das equipes ao interior das UT.

Proteção Florestal

Esta atividade envolve a proteção das áreas de preservação permanente da AMF, bem como a proteção da AMF contra incêndios florestais, invasões, caça, pesca predatória e exploração ilegal de madeira. Tais atividades devem ser planejadas e executadas de acordo com as necessidades da AMF e do desenvolvimento do manejo.

Proteção das Áreas de Preservação Permanente

As áreas consideradas de proteção ambiental constituem áreas vitais para a manutenção do equilíbrio do ecossistema. Durante a execução do PMFS seus executores devem ser orientados acerca da importância de, durante a exploração, essas áreas serem cuidadosamente preservadas ou conservadas especialmente os rios, igarapés, córregos, banhados e demais áreas identificadas no micro-zoneamento.



Proteção contra Incêndios Florestais

Para prevenir incêndios florestais ou para combater o fogo na floresta devem ser realizadas campanhas internas na área de manejo. Essas campanhas devem envolver os operários florestais que atuam na AMF, aos comunitários, prestadores de serviços e outros que freqüentem ou visitem a AMF. As campanhas devem ser basicamente educativas e informativas, alertando sobre prejuízos para fauna, flora, equipamentos e instalações.

O acampamento deverá estar equipado com sistema de comunicação que permita a transmissão e o recebimento de informações para que, em casos de incêndios, a solicitação de socorro seja imediata. A equipe de manejo deverá receber treinamento de combate a incêndios florestais, e deverá ser organizada uma brigada de combate a incêndios florestais para controle destas ocorrências na AMF.

Proteção contra a Caça Predatória

Em toda a AMF devem ser colocadas placas indicativas alertando que é proibido caçar na área de manejo ressaltando o direito de caça, para subsistência, das populações tradicionais que habitam na AMF. Para funcionários de terceiros contratados para operações dentro da AMF e visitantes, deverá ser enfatizada a proibição da caça, captura ou perseguição de animais silvestres, de acordo com a legislação vigente.

Tratamentos Silviculturais

Os tratamentos silviculturais deverão ser realizados de acordo com a característica da floresta manejada e suas necessidades e com base nos resultados do inventário florestal contínuo e se necessário inventários diagnósticos realizados na UPA.

Com esses tratamentos busca-se o favorecimento das árvores remanescentes e principalmente dos indivíduos de maior interesse econômico na floresta através de:

Eliminação de árvores não desejáveis, sem valor comercial, com qualidade de fuste e copa inferiores;

Eliminação de árvores de espécies não comerciais que ocorram com maior abundância e freqüência na área. Porém, somente daquelas que estejam inibindo ou retardando o desenvolvimento das espécies indesejáveis;

Diminuição da competição por nutrientes e aumentar a penetração de luz na floresta, facilitando o desenvolvimento das espécies desejáveis;

Diminuição da dispersão de sementes das espécies não desejáveis e, conseqüentemente a sua regeneração natural na área;

Eliminação de árvores severamente danificadas durante a exploração que não terão mais nenhum valor comercial e que estejam dificultando o crescimento de outras árvores.

Plano de Atividades Complementares

Nesse plano estão contempladas as atividades que não são operacionais do manejo, mas, que podem influenciar no seu sucesso. Essas atividades e ou ações serão desenvolvidas na AMF ou fora dela e, estão relacionadas à capacitação, treinamento e reciclagem do pessoal



gerencial e técnico-operacional que executam o manejo florestal, atividades sócio-educativas e culturais, além, de parcerias com instituições de ensino e pesquisa que possam desenvolver atividades na AMF.

Reciclagem e Capacitação da Equipe de Manejo Florestal

Durante a execução de um PMFS e de um POA deve haver um programa de treinamento e reciclagem voltados para capacitar os operários que executam as atividades do PMFS, tornando-os aptos a executarem corretamente as atividades necessárias para o manejo florestal.

Atividades Sociais

Essas atividades devem ser voltadas para proporcionar uma integração entre o colaborador (trabalhador), seus familiares, as comunidades tradicionais e a sociedade local e os responsáveis pelo manejo florestal. É importante que sejam realizadas atividades educativas, culturais, esportivas e de lazer para que os trabalhadores florestais possam desenvolver suas atividades com maior qualidade e satisfação.

Relatório de Execução das Atividades do POA

Este relatório deverá conter os resultados da execução de todas as atividades no POA anterior, contemplando o Plano pré-exploratório, o plano de exploração, plano de manutenção do plano de manejo florestal e o plano das atividades complementares.

Cronograma de Execução do POA

Este cronograma deve mostrar o que será realizado? Onde será realizado? Quando será realizado? E se possível, quem realizará?

Desta forma, nesse cronograma devem ser listadas todas as atividades a serem realizadas no POA. Mostrando, em que UPA e UT as atividades serão realizadas, o período planejado para a realização das atividades e as pessoas, equipes ou parceiros responsáveis pela execução da atividade.

Esse cronograma é fundamental para a execução de todas as atividades que foram planejados para serem executados durante o período de vigência do POA.

Cumpridas as etapas acima descritas está pronto o Plano de manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo para ser analisado e implantado na FLONA.

No item abaixo apresento uma contribuição para os programas de Manejo Florestal da FLONA do Jamari.

Programa de Manejo Florestal

1. Elaborar um programa para demonstrar as sistemáticas técnicas e legais existentes para o Uso Racional dos Recursos Naturais através do Manejo, enfocando:

- Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo em escala empresarial – PMFS Empresarial.



- Plano de Manejo Florestal Sustentável de Uso Múltiplo em pequena escala – PMFS Pequena Escala , Simplificado
- Plano de Manejo Florestal de Uso Múltiplo Comunitário – PMFS Comunitário
- Plano de Manejo Florestal de Uso Múltiplo em florestas com Palmeiras – PMFS Palmeiras
- Uso dos recursos naturais por meio do Turismo Ecológico

2. Realizar estudos específicos para definir a capacidade de exploração de recursos não madeireiros, que poderão ser explorados pelas comunidades, mediante procedimentos administrativos.

3. Realizar programas de pesquisas apresentando alternativas econômicas mediante a exploração de novos recursos, transformando ou agregando valores, a fim de evitar a pressão sobre determinadas áreas.

- Os estudos e pesquisas devem incluir:
 - Técnicas que viabilizem o cultivo de espécies florestais nativas com potencial alimentar e comercial;
 - Tecnologia para produção e comercialização de frutos silvestres;
 - Adaptação de máquinas e tecnologias para extração de óleos, resinas e essências vegetais;
 - Tecnologias para melhoria da qualidade dos produtos e para gerenciamento das unidades produtivas;
 - Técnicas para coleta, armazenamento de sementes florestais
 - Técnicas para a coleta, reprodução de bromélias e orquídeas
 - Sistemas de manejo e cultivo de espécies da flora nativa com potencial para uso cosmético e medicinal;
 - Técnicas para implantação de viveiros para produção de mudas florestais

4- Elaborar um programa para implementar um plano de manejo florestal de uso múltiplo em regime comunitário na forma experimental.

Durante os dois primeiros anos, a partir da aprovação deste Plano, será elaborado um projeto e selecionada uma comunidade para fazer a utilização integral e integrada dos recursos florestais, madeireiros e não madeireiros. Este projeto deverá ser analisado, monitorado e avaliado quando da sua implementação e execução, podendo servir de modelo para as outras comunidades da FLONA. Caso haja dificuldades para fazer um projeto global, deverá ao menos abranger os recursos madeireiros.

Projeto de Treinamento Visando o Uso dos Recursos Florestais

Trata-se de um projeto para capacitar os moradores da Flona e do seu entorno para o uso racional de todos os produtos que a floresta pode oferecer, distribuindo-os da seguinte forma:



- Curso prático e treinamento em campo para identificação de recursos florestais não madeireiros potenciais.
- Curso prático e treinamento em campo e escritório para elaboração de projetos de uso sustentado de múltiplos produtos da floresta(levantamentos de quantificação com níveis de exploração e conservação)
- Curso prático e treinamento em campo para coleta, armazenamento, reprodução, plantio, conservação e comercialização de sementes, frutos, orquídeas, bromélias, plantas medicinais, cipós, bambus e cascas.
- Curso prático e treinamento de campo para a extração, armazenamento e comercialização de óleos e resinas vegetais.
- Curso prático e treinamento em campo para a exploração, armazenamento, beneficiamento e comercialização do palmito que ocorre na área e seu entorno.
- Curso prático e treinamento em campo para identificação e quantificação de produtos madeireiros
- Curso prático e treinamento em campo e escritório para elaboração de Planos de Manejo Florestal Sustentado simplificado a nível comunitário.
- Curso prático e treinamento em campo para todos os níveis de idade dos moradores da Flona e do seu entorno para incentivar a produção de artesanatos já fabricados e a criação de novos. Agregando ensinamentos de produção, armazenamento e comercialização.
- Eventos de capacitação para as lideranças atuarem melhor no acompanhamento dos Planos de Manejo Florestal Comunitários.

Anexo 09



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
DIRETORIA DE FLORESTAS
COORDENAÇÃO GERAL DE FLORESTAS NACIONAIS**

**APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E USO DE RECURSOS
PELA POPULAÇÃO TRADICIONAL DA
FLORESTA NACIONAL DO JAMARI**

Relatório

Marcelo M. Cavallini
Analista Ambiental / IBAMA

BRASÍLIA – DF / 2005



1) Introdução

As culturas e sociedades tradicionais se caracterizam pela dependência da relação de simbiose entre a natureza, os ciclos e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida; pelo conhecimento da natureza e de seus ciclos, que se reflete nas estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais; pela transmissão oral desse conhecimento ao longo das gerações; pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; pela ocupação deste território por várias gerações; pela importância das atividades de subsistência, ainda que haja produção de mercadorias; pela reduzida acumulação de capital; pela importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal; pela utilização de tecnologia relativamente simples e de impacto limitado sobre o ambiente; pela reduzida divisão técnica e social do trabalho; pelo fraco poder político e, finalmente, pela auto-identificação e identificação pelos outros em pertencer a uma cultura distinta das demais¹.

A emergência de questões relativas à conservação do ambiente natural e seus recursos associados tem lançado uma nova visão sobre o modo de vida das chamadas populações locais. Ao se deslocar a análise dos sistemas produtivos modernos para o manejo sustentado de recursos naturais, tem se evidenciado a importância dos modelos de exploração das culturas consideradas tradicionais sob a ótica conservacionista.

Neste sentido, o **objetivo geral** do presente estudo é caracterizar sócio-ecologicamente a comunidade tradicional da FLONA do Jamari, de forma que os resultados obtidos em campo permitam nortear os Programas de Uso e Inserção Social previstos para esta unidade de conservação. Uma vez integrados os resultados, espera-se contribuir para o estabelecimento de mecanismos que permitam conciliar os objetivos de conservação da Floresta Nacional do Jamari com o manejo, em bases sustentáveis, por parte de sua população tradicional. São **objetivos específicos**:

- Levantamento histórico
- Caracterização socioeconômica e cultural
- Descrição dos sistemas moradia/terreiro e roça/capoeira
- Caracterização dos sistemas produtivos e de extrativismo
- Identificar a sazonalidade das atividades e de disponibilidade de recursos
- Identificar as principais dificuldades e aspirações
- Propor um zoneamento para áreas de uso
- Avaliar, preliminarmente, a potencialidade econômica dos sistemas investigados

¹ DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. HUCITEC, SP, 169p.,1996.



2) Abordagem Metodológica

Este trabalho teve como pressuposto a abordagem sistêmica, por considerar esta mais apropriada para a análise e o estudo de sistemas complexos, desenvolvendo uma visão que vai além da compartimentalização, conduzindo à determinação não apenas dos elementos de um sistema, mas suas relações, sua condição e seu significado como um todo. Permite, ainda, considerar o sistema estudado como um fenômeno vivo, resultado da integração de seus componentes internos e seu relacionamento com o ambiente. Sua grande contribuição resulta da preocupação com problemas efetivos, em que a pesquisa é realizada dentro do contexto real dos problemas, com a procura de soluções locais, adaptadas à realidade e, não raro, remetendo à participação da comunidade local.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram predominantemente qualitativos. Entrevistas livres, questionários abertos e observação direta dos membros familiares em suas atividades cotidianas foram as principais ferramentas utilizadas para o levantamento dos resultados obtidos. Também a realização de caminhadas e *transectos*, auxiliado por aparelho GPS, foi essencial ao entendimento do processo de espacialização e territorialidade na apropriação e uso de recursos naturais.

Deve-se frisar que um trabalho desta natureza, por seu caráter complexo, dificilmente pode ser esgotado, no sentido de obter todo um conjunto de informações necessárias ao completo cumprimento dos objetivos propostos, em uma única campanha de campo. A disponibilidade sazonal de grande parte dos recursos naturais e, conseqüentemente, das atividades humanas ligadas ao manejo dos ecossistemas naturais exige, idealmente, que as campanhas em campo se realizem em épocas opostas do ano. Considerando que o trabalho de campo foi realizado no período de 07 a 10 de março de 2005, período de cheia dos rios, algumas das informações aqui apresentadas têm caráter preliminar, devendo ser aprofundadas em trabalhos posteriores.

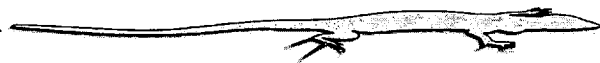
3) Resultados

I. Breve Histórico da Ocupação e Composição Atual

A ocupação do alto rio Jacundá, nas áreas hoje limitadas pela Flona Jamari, está intimamente associada à exploração de seringa. Informações preliminares obtidas em campo permitem afirmar que se estabeleceram, na primeira metade do século XX, seis colocações (sítios) para a extração e pré-processamento do látex da seringueira. Das cabeceiras do rio Jacundá em direção à sua foz tínhamos: Nova Esperança, Primavera, Bom Futuro, Salva Terra, Salvação e Santa Rita.

Na época que o velho (sr. Benjamim) era vivo, era só mexer com seringa (até 1978). Farinha era só para comer mesmo. Se voltasse a seringa, eu trabalhava nela (José – filho mais velho que explorou seringa dos 15 aos 18 anos).

A produção de seringa das colocações era escoada pelo rio Jacundá, por canoa em viagem que durava seis dias. Por sua vez, o batelão subia do rio Madeira até a cachoeira do rio Manoá, barreira intransponível para o deslocamento fluvial. Era nesse ponto em que havia a compra da produção e a venda de produtos aos seringueiros. O Sr. Benjamim,



maranhense e falecido na década de 50 (a confirmar), fixou-se na colocação Salva Terra. Ele casou-se e teve dois filhos: Sr. Raimundo e Sr. Francisco (ambos falecidos em 2003).

Com o declínio do sistema de extração de látex, as famílias abandonaram suas colocações permanecendo apenas a colocação Bom Futuro e a Salva Terra. Na colocação Bom Futuro, habitava o Sr. Raimundo que, por ser solteiro e sem filhos, mudou-se para a colocação Salva Terra na medida em que adquiriu mais idade. Na colocação Salva Terra estava o outro filho do Sr. Benjamim, o Sr. Francisco. Ele se casou com D. Nazaré (nascida em Humaitá, à beira do rio Madeira), que atualmente ainda habita o local juntamente com três de seus oito filhos vivos, mais a nora e um neto.

Assim, atualmente habitam a colocação Salva Terra: D. Nazaré e os filhos José (mais velho e nascido em 1960), Juvenal e Francisco, este casado com Geani e possuindo um filho de sete anos, o Gabriel. Os demais filhos de D. Nazaré (quatro mulheres e um homem) moram no município de Porto Velho. O Raimundo, outro filho homem de D. Nazaré mora e trabalha em Porto Velho, uma vez que tem filhos em idade escolar. Não fosse esse fato, segundo D. Nazaré, provavelmente morasse na colocação Salva Terra.

II. Caracterização Sócio-econômica e Cultural

a. Escolaridade

A distância e dificuldade de acesso para a colocação Salva Terra tem reflexos notáveis no grau de escolaridade de seus atuais habitantes.

D. Nazaré – Analfabeta

José – Assina o nome

Francisco – Assina o nome

Juvenal – Segundo ano do ensino fundamental

Geani – Não informado

Gabriel (7 anos) – Nunca frequentou escola

b. Ocupação

Atualmente, as atividades relacionadas ao trabalho são aquelas referentes aos sistemas de produção descritos no presente relatório. Porém, à exceção de D. Nazaré, todos já trabalharam como assalariados em Porto Velho ou em Itapuã do Oeste.

c. Renda familiar

A renda familiar é variável, sendo determinada principalmente pela produção total de farinha de mandioca. Também varia ao longo dos meses, intensificando-se ao final do ano. Segundo informações da produção em 2004, o valor bruto total foi estimado em R\$ 4.000,00. Complementa-se esse valor como outras fontes de renda, basicamente copaíba e castanha, mas que foram pouco significativas naquele ano. D. Nazaré recebe aposentadoria já há dois anos. Para 2005, a expectativa de renda bruta familiar tende a ser 150% maior que aquela obtida em 2004, isto devido ao significativo aumento das áreas de plantio de mandioca.



d. Saúde

Muito pouca informação referente às questões de saúde foi obtida. Não existe surtos recorrentes de malária na colocação Salva Terra. D. Nazaré perdeu dois filhos (aparentemente aos 2-3 anos de vida), o que coloca, para a família, índice de mortalidade infantil em 17%. O Sr. Francisco faleceu devido a acidente vascular cerebral (AVC) e atualmente D. Nazaré apresenta problemas relacionados à anemia.

A impossibilidade de recorrer facilmente a consultas médicas, bem como a tratamentos da medicina convencional, faz com que medicamentos alternativos sejam utilizados com alguma frequência, contribuindo, inclusive, para que este importante conhecimento popular seja mantido a despeito do processo de homogeneização cultural que caracteriza as sociedades ditas modernas.

Ainda que muito mais informações poderiam ser obtidas, vale aqui registrar aquelas que naturalmente foram apresentadas durante os poucos dias em campo. Do quintal, a área que circunda a moradia, faz-se uso de diversos chás, especialmente de laranja, erva-ciderira, boldo e capim-santo. Também outros recursos da floresta fazem parte das terapias utilizadas. Alguns deles são: da sucuba faz-se chá da casca utilizado para males do estômago, como a gastrite; o chá da moela queimada (torrada) de mutum é bom para hemorragia (mulher durante a menstruação); o chá da casca do jatobá é utilizado para inflamações e; o xarope da casca de imburana é indicado para casos de gripe.

e. Associação / Organização comunitária

Não existe qualquer associação comunitária presente. Porém deve-se atentar ao fato de que existe forte organização social para o trabalho, em âmbito familiar.

f. Água de consumo e residuária

A água utilizada para banho, lavagem de roupas, louças e ingestão é aquela proveniente do rio Jacundá. Praticamente inexistente água residuária da forma como a concebemos no ambiente urbano. As atividades de uso d'água são realizadas diretamente à beira do rio e a água para consumo humano é carregada em potes ou garrafas para a moradia. Convém observar que durante a estação das chuvas, quando as matas de igapó ficam inundadas, a qualidade da água tende a diminuir em função do grande aporte de matéria orgânica para o sistema hídrico.

Já o banheiro localiza-se nas proximidades das casas, em meio a árvores e fruteiras. É do tipo “fossa negra”.

g. Moradia – estrutura e funcionalidade

Considera-se, neste tópico, a descrição estrutural e funcional da moradia (casa / barraco) e de seus arredores (terreiro / quintal), como apresentado na Figura 1. Em grande parte, trata-se de local diferenciado quanto às atividades ligadas às questões de gênero. Normalmente, intensificam-se as atividades da(s) mulher(s), sejam aquelas típicas do lar ou relacionadas ao trato de plantas e animais de criação.

A moradia na colocação Salva Terra originalmente apresenta cobertura de palha de babaçu, que tem duração de cinco anos. Também é utilizado material industrializado, telhas de folha de zinco obtidos em área de mineração sem atividade (Potossi). A casa possui assoalho



elevado cerca de um metro do solo e confeccionado com caules de açaí ou patiúba. Os esteios da construção são feitos com madeira de grande durabilidade: quari-quari, aquari e aquariúba. Já a massaranduva é indicada para a confecção do madeiramento da cobertura.

O terreiro circunda a moradia num raio médio de 30 metros, onde também estão presentes construções como galpão, casa de farinha, com prensa e forno, e galinheiro. O *portinho* fica às margens do rio Jacundá e é o local em que se realiza a coleta de água, lavagem de louça e roupas. Este local pode ser considerado estrutura acessória à morada.

Bastante significativa é a presença de frutíferas no terreiro: laranja, café, murici, manga, limão, cupuaçu, abacate, caju, ingá, algodão, pimenta, banana, pupunha, abiu e tucumã contribuem para a autonomia e segurança da alimentação. Em meio às frutíferas pode-se notar a presença de pequenos montes onde são depositados os escassos resíduos provenientes da cidade, basicamente plástico, vidros e latas.

h. Religião, datas e eventos comemorativos

Possivelmente explicado pelo grau de isolamento geográfico e social, não foi constatada manifestações religiosas. No entanto, D. Nazaré afirmou sentir falta de ir à missa (igreja católica). Maiores informações sobre datas e eventos comemorativos não foram obtidas.

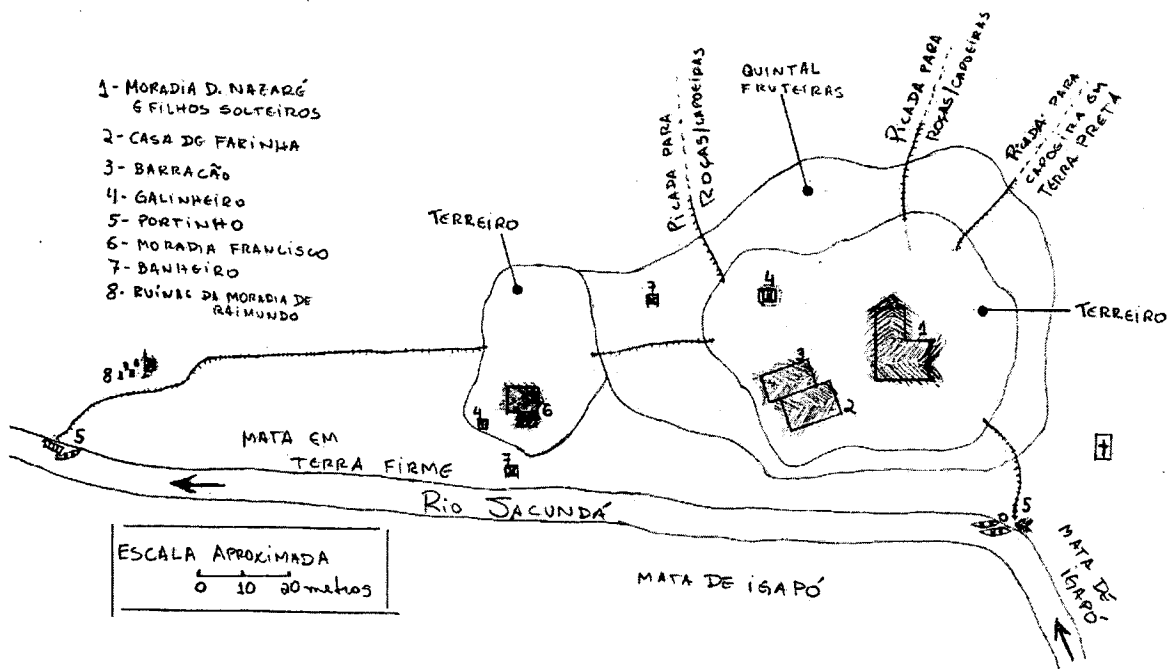


Figura 01 – Croqui das áreas de moradia e arredores na colocação Salva Terra.

III. Sistemas de Produção

a. Agricultura

O sistema agrícola local é importante atividade produtiva, pois objetiva tanto a autosuficiência alimentar da família, quanto fonte de renda, esta através do cultivo e processamento da mandioca. A estruturação e o funcionamento das áreas de *roça* são



relativamente complexas, obedecendo a uma dinâmica particular ao longo do tempo e do espaço. Áreas em cultivo, capoeiras recentes e tardias se sucedem continuamente. Ainda que o plantio de mandioca seja mais significativo, observa-se o consorciamento com culturas como o milho, melancia, melão, macaxeira, entre outros. Arroz e feijão têm sido esporadicamente cultivados.

O processo de sucessão natural de espécies nas áreas cultivadas intensifica-se quando se completa a colheita, configurando o estágio de *capoeira*, que assim permanece normalmente por 3 ou 4 anos. Ainda que se destinem a recuperação da fertilidade do solo, as áreas de capoeira perpetuam características de produção do sistema agrícola local. Cultivares como bananeiras, cana-de-açúcar, goiabeira, cipós, carás e maracujás, entre outros, são identificados nessas áreas. Exemplifica-se abaixo:

“Na capoeira tem muita cutia, paca e tatu por que tem muito tucumã que brota, não é tirado e atrai bicho” – Juvenal.

“Aqui perto tem uma capoeira de Terra Preta (de índio). Tem muito urucuri. Tem mamaói, que os índios plantava também. Antes achava machadinho. Faz muitos anos que não planta. A saúva ataca demais” – José.

A *broca* (derrubada) da capoeira começa em março, se a capoeira está grande, ou abril/maio se a capoeira está baixa. A queimada ocorre dois meses após a derrubada.

“A queima nós faz até o mês de agosto. Em setembro já pega fogo na mata” – Juvenal.

O plantio é realizado durante 2 ou 3 semanas, de agosto a setembro. Usa-se uma maniva de mandioca por cova. Cada homem adulto normalmente cuida de um roçado de 20x20 ou 20x30 braças, e que variam de três a quatro mil pés. Os cuidados com a cultura envolvem até cinco capinas, cada uma demandando quatro ou cinco dias de trabalho. Esta atividade se inicia nas primeiras horas da manhã até as 10:00h e depois após as 14:00h.

São cultivadas três variedades de mandioca: a Pirarucu (branca e pouco tóxica, pois quando nova pode-se comer cozida), a Tucumã (amarela) e a Amarelão (também amarela, porém precoce), além da macaxeira, utilizada para cozinhar.

“Na época do Ramil Cavalcanti, chegou 7 tipos de mandioca. Antes era só a Orana que é braba de verdade. Se o bicho beber o tucupi dela, já era. Antes também tinha a Jaboti, que é mais braba. Se você faz a farinha dela, ela fica ainda amargando” – José.

A mandioca é colhida a partir de um ano de plantio. A atividade se inicia em setembro, indo até final de março. Porém, quando intensifica-se a quantidade plantada, como esperado para 2005, a colheita pode se estender até o tempo da broca. Em 2004, a colheita começou em agosto e terminou “no tempo da castanha”.

Quanto à produção, as informações obtidas indicam que 4000 covos de mandioca (área de uma roça cuidada por um homem) produzem 60 sacas (1 saca = 50Kg) de farinha. A produção total tem variado de 40 a 60 sacas/ano/homem.

Para a obtenção da farinha de mandioca, o trabalho inicia-se com a retirada da casca que envolve a raiz. Depois de descascadas, são lavadas na beira do rio e postas de molho por quatro dias, para o amolecimento e fermentação. Após esse período, as raízes são



amassadas em gamela (feita de faveira, ipê ou itaúba) e peneiradas, obtendo-se uma massa que necessita perder água. Assim, a massa é colocada em prensa por um dia para então ser levada ao fogo (*fornada*), obtendo-se o produto final. Uma fornada corresponde a quantidade de farinha que é torrada em um tacho e são realizadas três ou quatro fornadas de cada vez, das 4:00h as 11:00h. Abaixo algumas informações sobre esse processo:

- 2 dias de serviço para colher mandioca para 3 fornadas, em 2 homens.
- 1 dia para carregar e descascar mandioca para 3 fornadas, em 2 homens
- 1 fornada produz cerca de 2 sacos e meio de farinha (125 Kg)
- No auge do processamento de farinha de mandioca, pode haver contratação de mão-de-obra de conhecidos e parentes de Porto Velho.

O quadro abaixo representa o calendário de atividades para o cultivo de mandioca.

Atividade / mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Broca			x	xxx	xxx							
Queimada							xxx	xxx				
Plantio								xx	xxx			
Capina	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx	xxx					xxx	xxx
Colheita/processamento	xxx	xxx	xxx						x	xxx	xxx	xxx
Comercialização	xxx	xxx	xxx	xxx								xxx

Por fim, o escoamento da produção se realiza de forma intensa nos primeiros meses do ano. Parte da produção obtida é vendida em Itapuã do Oeste e na própria CESBRA, em pagamento aos produtos adquiridos no mercado do Pintado. No entanto, esses mercados consumidores são limitados para a quantidade total produzida e faz-se necessária a venda em mercados de Porto Velho, inclusive por que o preço pago é mais compensador.

Para transportar o montante da produção, é necessário o frete de caminhão. No entanto, o Posto de Fiscalização em Candeias do Jamari exige nota certificando origem do produto, o que tem se tornado um empecilho à comercialização. Abaixo, algumas informações complementares:

- Em Porto Velho, o valor médio da saca de farinha (50Kg) é de R\$ 50,00
- Em 2004, a produção total foi de 100 sacas de farinha de mandioca
- Em 2005, a expectativa é uma produção de 250 sacas de farinha de mandioca

b. Extrativismo

O sistema de extrativismo de produtos florestais não madeireiros envolve, em sua articulação com a economia de mercado, a castanha, a copaíba e, em proporções bem reduzidas, o patuá e o açai. Esses dois últimos estão relacionados a pedidos dos moradores ligados à vila da CESBRA. O açai é repassado sem processamento (fruto *in natura*). Já do patuá, por vezes, é retirado o óleo comestível.



A castanha-do-pará não tem sido coletada sistematicamente, sendo mais explorada quando há necessidade de complementar renda ou há melhoria no preço de revenda, como ocorrido em 2004. A atividade de coleta de castanha é realizada na estação chuvosa, potencialmente ocorrendo de outubro a fevereiro. Na colocação Salva Terra, são três as picadas em meio à floresta visando sua coleta (duas delas foram percorridas, como apresentado no anexo A). Segundo informações locais, para cada picada o trabalho de coleta abrangeria três dias: um dia para juntar os ouriços e dois dias para quebrá-los e levar a castanha para a moradia.

Foi estimado que a área como um todo (as três picadas) teria condições de fornecer um montante de 100 latas (1 lata = 20 litros) por estação. Na última safra (2004/2005) o preço da saca (4 latas) foi comercializada a R\$ 35,00, o que remete a um ganho monetário de R\$ 875,00 e está relacionado ao trabalho de 9 dias.

Já para a copaíba, a extração pode ser realizada ao longo de todo o ano, segundo as informações repassadas. A exploração tem se restringido, nestes últimos anos, a pequenas “encomendas” locais. As entrevistas apontaram que já ocorreram extrações que excederam 200Kg de óleo. No entanto, a área explorada extrapolava a colocação Salva Terra. A esse respeito, afirma José:

“O pico de copaíba do véio (Sr. Benjamim) passava em cima do morro do Potossi”.

Também a colocação Bom Futuro tem sido importante área para exploração desse recurso.

“Copaíba no Bom Futuro é mais fácil. Pra lá tem muito Angelim” – José

“O serviço que eu achei melhor para trabalhar é na copaíba” – José

Segundo informações de campo, ocorrem na região a copaíba angelim, espécie de maior produção, óleo mais espesso e sem aplicação medicinal, e a copaíba mari-mari, de menor produção e cuja seiva tem tonalidade clara e aplicação medicinal.

Quanto ao preço de mercado, a venda de pequenas quantidades com finalidade medicinal tem valor médio de R\$15,00/Kg.

c. Pesca

A pesca para os habitantes da colocação Salva Terra é, sem dúvida, importante fonte de proteína alimentar. Porém adquire inegável importância na estação das águas que, com a elevação do nível do rio Jacundá, aumenta a disponibilidade do recurso em variedade e quantidade. Já no período de agosto a outubro, o sucesso de captura fica restrito à peixes *miúdos*, basicamente cará, traíra e jacundá.

“No verão chega a faltar peixe, por que não vai de canoa e nos poços tem muito poraquê. Quem que vai entrar? Também a lontra ataca bastante. Encontra de 6-7 rio acima, nos poços...” – Francisco.

Quanto aos instrumentos de captura utilizados, pesca-se preferencialmente de canoa, esta feita de tábuas e remo feito de sapopema do tuari, rede de pesca e vara (verão) ou linhada (inverno) com anzol. Como isca é usada minhoca, larva de cupim e gongo de babaçu, além de iscas de peixe para pegar traíra, sacaca e jacundá. Normalmente, a pescaria é realizada nos horários de 7:00h as 10:00h e, quando o sucesso da pescaria pela manhã é baixo, a partir das 14:00h. D. Nazaré também pesca, no barranco. De canoa só acompanhada.



O deslocamento com canoa é realizado entre vários pontos de pesca até que se tenha conseguido o montante desejado, que pode abranger até duas horas de deslocamento, rio acima ou abaixo. As espécies capturadas são: piau cabeça gorda, piau três pintas, charuto, pacu, pacu macurá, piranha preta, piranha vermelha, rabo de fogo, sacaca, mandi grande, mandi pequeno, cará, cará bandeira, traíra, jacundá, bodó, gejú, tucunaré e poraquê, este raramente. Peixes como o pacu e o piau são feitos na *caldeirada*. Mandi e outros peixes pequenos são fritos e assam-se os peixes maiores.

A pesca realizada pelos demais moradores da Flona Jamari (basicamente trabalhadores da CESBRA) parece não interferir na disponibilidade do recurso. Segundo Francisco:

“Quando eles começam a pescar, a enxurrada da chuva já deixou o peixe subir”.

No entanto, é percebida alguma alteração na ocorrência de algumas espécies e que deve ser fruto de investigações futuras:

“Faz uns três anos que não encontra mais piranha preta e jatuarana. Eu acho que é por causa da lontra. Então elas desceram, nos poços aí pra baixo. Por que pra lá da ponte tem, encontra deles” – Francisco.

d. Caça

A atividade de caça foi o aspecto menos explorado durante o trabalho de campo. O constrangimento dos entrevistados em comentar uma atividade que já foi considerada ilegal sob qualquer circunstância, aliado ao grande volume de informações a serem obtidas, explicam tal fato.

As informações obtidas parecem indicar que as maiores freqüências de abate relacionam-se ao porco (duas espécies), o mutum, o jacu, veados (reconhece-se três espécies), a cutia e a paca. Macaco prego e macaco velho (parauacu) também são consumidos. Por outro lado, não entram na dieta alimentar dos moradores o jacaré, tamanduás (reconhece-se três espécies), onças, gatos do mato, lontra e ariranha. Anta, normalmente não é abatida devido à grande proporção da caça. A arma utilizada para caçadas é uma espingarda calibre 20.

Ainda que as áreas de capoeira e de roça sejam pontos potenciais de caça, a *espera* junto ao *barreado* (local em que se ceva de sal para atrair a caça) é técnica ainda utilizada.

Por último, vale citar algumas informações relativas ao hábito alimentar de algumas espécies, conhecimento de grande valia para o maior sucesso na obtenção do recurso:

“A paca come desse fruto (Itaubarana)”.

“Desse fruto (Jaboti), a caça come demais”.

“Piquiá? Alimenta paca, cutia, tatu”.

“Mutum, porco do mato gosta da massa do coco do babaçu (mesocarpo)”.

“Se o queixada chegar numa roças dessas é 4 dias e acabô. Mas quem acaba mais é o caiteto. Ele é mais sem vergonha”.

“O porco, quase todo bicho, come a fruta da copaíba, desde a imbiara (caça pequena, de pena – nhambu, uru, jacu)”.



“Tem o apuruí da mata, tipo genipapo, dá um vinho... A irara come muito. Ela tira verde e esconde na palheira (folhagem do babaçu). E volta pra comê quando amadurece. Também tem a Pama. Tem de dois tipos. Bicho come demais”.

“Só a cutia, a paca e o quatipuru consegue tirar a castanha do ouriço. Arrebenta ele...”

“Nessas capoeira nova, anta gosta muito desses olho (brotos) de embaúba. Aí ela faz uma quebradeira danada”.

e. Artesanato

O artesanato não é fonte de renda para os habitantes da colocação Salva Terra. Utiliza-se diversos cipós para fazer *pandeiros* (cestas usadas para carregar produtos diversos): timbó titica, timbó guela de jacu e timbó ambé. No entanto, houve interesse na produção de pandeiros visando comercialização, caso haja demanda.

IV. Uso do Espaço e Zoneamento

A categoria de unidade de conservação Floresta Nacional prevê a permanência das populações consideradas tradicionais, bem como a manutenção do modo vida que as caracterizam. Neste sentido, garantir o acesso aos recursos necessários à sobrevivência dessas populações é pressuposto básico para que sejam compatibilizados os interesses de conservação biológica e etno-cultural.

De forma geral, as populações tradicionais da região amazônica apresentam um modelo de apropriação de recursos naturais baseado na diversidade de uso do espaço. Conseqüentemente, tem-se a utilização de mais de uma unidade eco-geográfica, a integração e combinação de diferentes práticas produtivas e a diversificação de produtos obtidos dos ecossistemas. Para os habitantes da colocação Salva Terra, essa *estratégia de uso múltiplo* tem reflexos notáveis na forma em que o ambiente natural é utilizado e no modo de apropriação de seus recursos associados.

Neste sentido, o trabalho de campo permitiu identificar três unidades espaciais que se diferenciam quanto à localização espacial, às suas características naturais, ao grau de intervenção antrópica e à disponibilidade e fornecimento dos recursos naturais existentes (Figura 2). Com base nessas características, procedeu-se ao zoneamento da área de uso dos moradores da colocação Salva Terra, como decripto abaixo:

- **Zona Agrícola** – Se caracteriza por ser área de uso intensivo. Abrange tanto o domínio casa-terreiro, quanto as áreas de roça-capoeira. Compreende espaço essencialmente voltado para a produção de bens de troca, via economia de mercado, através da produção de farinha de mandioca. Apresenta nível de intervenção antrópica mais acentuado, caracterizando-se pela presença de diferentes estágios de sucessão ecológica, propiciado por um modelo de exploração agrícola tradicional (coivara). Com área estimada em 52 hectares, foi determinada com base na distribuição espacial das áreas de vegetação secundária e de roças, pois como afirmado pelos moradores, as áreas de cultivo no extremo norte estão no limite de distância desejável, pois acima disso a colheita e transporte da mandioca torna-se muito trabalhosa.



Esta zona destina-se a suprir as necessidades agrícola locais. Nela, o ciclo “derrubada da capoeira – queima – plantio – colheita – pousio/regeneração – derrubada da capoeira” deverá ser permitido e até apoiado, uma vez que se trata de um modelo agrícola bem adaptado ao contexto sócio-econômico e natural local. O não uso de insumos e defensivos agrícolas exige a manutenção e o respeito a esse modelo produtivo.

“Esses sitiantes por aí... Derruba logo o lote todinho. Aí vira tudo capoeirão. Eu acho que isso não é de acordo. Ele não vai usar aquela área toda... Tem que mexer só com o que vai usar, né? Olha se eu fosse aderrubá a mata aqui. Já não tinha mais... Com esse negócio de fazenda, muita gente não qué mais botá roça. O negócio é gado...” – José

• **Zona Extrativista** – É a área de uso extensivo dos habitantes da colocação Salva Terra, abrangendo formações de Floresta Ombrófila. Nela são realizadas as atividades de extrativismo de diversos produtos florestais não madeireiros. O modelo de uso para essa zona não implica em alteração direta das características estruturais e funcionais dos ecossistemas, porém contribui decisivamente para a viabilização do modo de vida que caracteriza sócio-ecologicamente os habitantes locais. Recursos como a castanha-do-pará, óleo de copaíba e patuá têm o potencial de direcionamento para o mercado, num modelo de exploração em bases sustentáveis. No entanto, diversos outros produtos são extraídos visando complementação de recursos necessários ao modo de vida local (cipós, caça, frutos, sementes, princípios medicinais...).

A determinação da localização e abrangência desta zona foi baseada na realização de caminhadas em campo e no levantamento histórico de uso do espaço obtido por meio de entrevistas. Foram identificadas três trilhas para extração de castanha. Por último, houve adaptação de seus limites ao contexto hidrográfico local (Figura 2), compreendendo uma área aproximada de 1.835 hectares.

• **Zona de Pesca** – Também é área de uso extensivo dos habitantes da colocação Salva Terra. Compreende o leito do rio Jacundá onde são realizadas as atividades de pesca de subsistência. Sua determinação foi baseada na informação de que tal atividade envolve deslocamento de até duas horas em canoa, rio acima ou abaixo. Desta forma, a Zona de Pesca compreende o trecho do rio Jacundá situado entre o igarapé Açai, ao norte e um igarapé sem denominação, ao sul. Perfaz um total aproximado de 10 Km em extensão e objetiva contribuir com a segurança alimentar da família.

V. Pressões externas

Já há alguns anos a Floresta Nacional do Jamari vem sofrendo tentativas de ocupação e roubo de madeira, especialmente ao longo dos limites leste da unidade. No entanto, tais atividades ilegais têm se intensificado a ponto de, no momento atual, se sobrepor às áreas de uso dos tradicionais. Informações contidas no anexo A documentam algumas constatações em campo. Também este fato acaba por influenciar negativamente o processo de obtenção de recursos pelos moradores, comprometendo a sustentabilidade das atividades.

“Esse povo (invasores) tão avançando na nossa área. O senhor viu as marcações... eles passam balizando. E a gente não pode embalá (tentar impedir) por que não temo nada comprovando que a área... que pode embargá, né?”

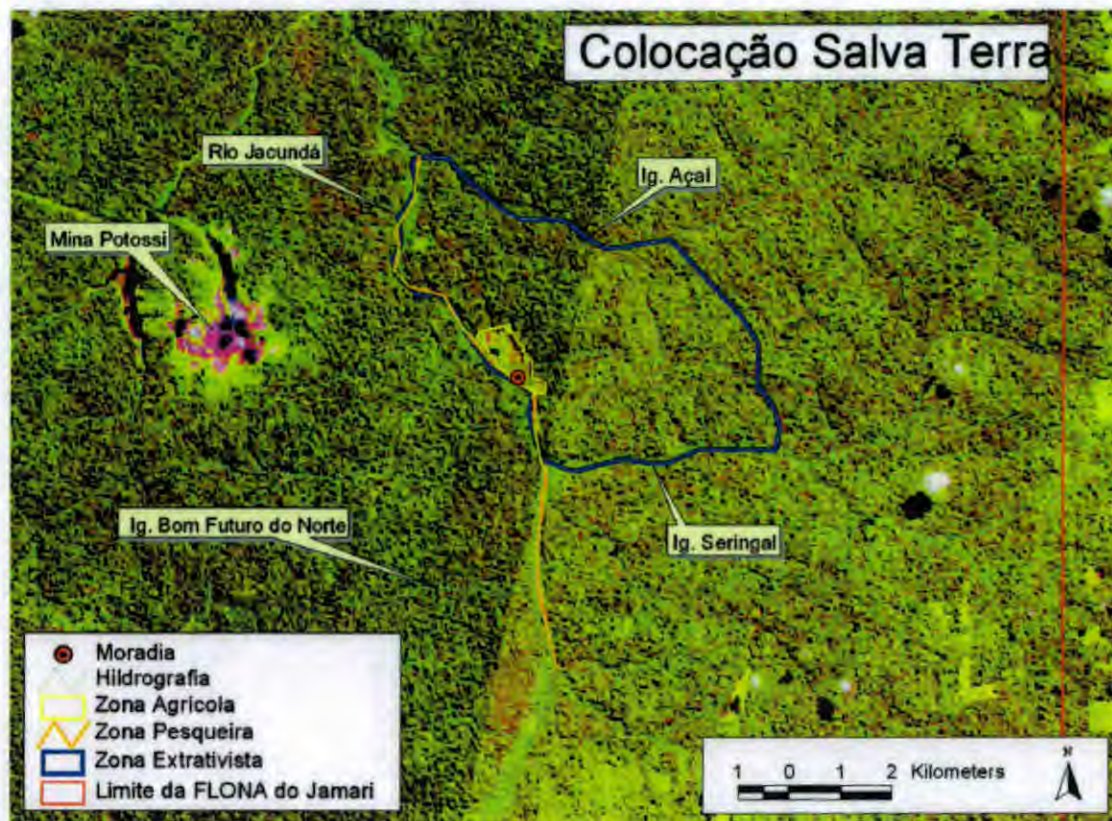


Figura 02 – Proposição de Zonas de Uso para a população tradicional da Flona do Jamari.

“Caça no tempo (passado) tinha demais. Hoje é menos por que não tinha essa ocupação toda aí do lado (referência ao estabelecimento de propriedades rurais na linha B-86). E agora, então... Barulho de motor, motosserra, espanta o bicho. Eles vão pra outro lugar”.

Também percebe-se conflitos relacionados à exploração de recursos não madeireiros. Durante caminhada em campo foi constatada a exploração de óleo de copaíba de forma inapropriada, em que foi usada motosserra para auxiliar na retirada do recurso.

“Isso é copaibero brabo. Muitos não sabem trabalhá, passa o torno mal botado, o óleo perde todinho. Agora os copaiberos, eles sempre que chegam numa área, eles respeitam. Costuma respeitá. Eles são mais obedientes que os toeiros”.

Como pôde ser constatado em campo, a área de uso dos moradores da colocação Salva Terra está sendo ocupada/utilizada de forma mais intensa por terceiros em suas vertentes leste e sudeste.

VI. Necessidades e aspirações futuras

As necessidades consideradas prioritárias pelos moradores da colocação Salva Terra estão relacionadas, em maior ou menor intensidade, ao isolamento geográfico e social em que se encontram. Ainda que este seja um aspecto que dificulta a sobrevivência, não parece



existir o desejo de mudança, inclusive por que o Sr. Francisco, antes de falecer, pediu que os filhos tomassem conta do lugar, não abandonassem a colocação. Também a insegurança em reiniciar a vida em outro local é fator a considerar:

“Não tenho intenção de sair daqui. Por que a gente já tá afeiçoado. Se a gente for para outro canto, vai ter que começar tudo de novo e vai ficar mais difícil pra gente, né? Por que até a gente fazê um lote, pra fica no ponto desse aqui... vai muito ano. Esse aqui já tem muita fruteira dando fruta. E a terra aqui é boa...” – José.

As principais reivindicações registradas foram:

- A possibilidade de aquisição de um rádio amador para que haja contatos freqüentes com a sede da unidade foi bastante comentada durante o trabalho de campo. Além de aumentar a segurança dos moradores da colocação, em casos emergenciais, possibilita o melhor monitoramento e fiscalização das atividades ilegais que vem ocorrendo na vertente leste da Flona do Jamari;
- Outro aspecto diz respeito ao transporte para as áreas habitadas. Não raro, os moradores se vêem na condição de ter que se locomover de bicicleta por quase 50 Km, até a sede do Ibama ou da Cesbra. Tal fato, torna-se ainda mais dificultoso quando a estrada que liga o rio Jacundá à mina Potossi, fica sem manutenção por longo período.
- Como anteriormente mencionado, a dificuldade em poder transportar a produção de farinha de mandioca para os mercados consumidores de Porto Velho é uma preocupação declarada. O Contrato de Concessão de Direito Real de Uso parece ser o instrumento adequado para sanar esse problema

Quando indagados sobre como aplicariam os recursos monetários provenientes dos atuais sistemas de produção, transpareceram duas necessidades básicas. A primeira diz respeito ao estabelecimento de moradia em Porto Velho, evitando o constrangimento de ficar na casa de parentes e amigos, no caso de necessidade. Também seria uma solução para resolver a necessidade de estudo de crianças. A outra, está relacionada à aquisição de veículo apropriado para estrada de terra, garantia de autonomia no deslocamento.

VII. Potencialidade e interação econômica

Com base nas informações preliminares apresentadas acima, pode-se afirmar que existe um bom potencial econômico para que sejam desenvolvidas atividades produtivas e extrativistas que possibilitem associar melhoria da qualidade de vida aos moradores tradicionais com sustentabilidade ambiental.

Como anteriormente mencionado, a principal atividade produtiva direcionada ao mercado é o cultivo de mandioca visando a produção de farinha. No contexto local, esta atividade é intensiva, mobilizando grande parte da mão-de-obra familiar ao longo do ano. Por outro lado, tem possibilitado um retorno econômico satisfatório frente as reduzidas necessidades de consumo existentes.

Já o extrativismo de castanha e óleo de copaíba tem se configurado como renda complementar, sendo compatibilizado com a demanda de trabalho da atividade agrícola. Requer menor tempo de trabalho para a realização da atividade e pode contribuir



significativamente com a complementação da renda obtida com a farinha de mandioca². Esta contribuição pode ser ainda mais significativa no caso de se conseguir mercados diferenciados para os produtos.

Da mesma forma que os produtos de extrativismo, o artesanato feito com cipós tem bom potencial para contribuir com a complementação de renda familiar. Possui, ainda, o diferencial de poder contar com a participação de mão-de-obra feminina. No entanto, os moradores não percebem demanda de compra para iniciar a produção deste produto. Neste contexto, propiciar uma maior articulação entre os tradicionais e os Programas de Apoio Comunitário realizados pela Flona do Jamari é altamente desejável.

Demais informações obtidas em campo também permitem apontar como possíveis sistemas de produção com interface comercial, especialmente para mercados diferenciados, outros produtos de extração por vezes utilizados visando o consumo familiar. São eles:

- Óleos de coiarana, de babaçu, de patuá e de castanha-do-pará - Todos comestíveis.
- Látex da seringa - Por ser espécie de ocorrência de áreas inundáveis (igapós), apresenta a vantagem de ter a atividade de extração concentrada na estação seca, onde a demanda de trabalho das outras atividades produtivas é menor.

No entanto, um aspecto a se atentar é o fato de que o contingente populacional dos tradicionais da Flona do Jamari e, conseqüentemente sua disponibilidade de mão-de-obra, é bastante reduzido. Tal fato, associado à demanda razoavelmente intensa de trabalho associado aos sistemas produtivos já realizados, torna a proposição de novas atividades algo que requer atenção quanto às reais possibilidades de execução.

Quanto a interação econômica dos tradicionais com a sociedade envolvente, fica patente que os processos têm sido realizados sem maior estruturação e integração, por vezes ocasionando transações econômicas com baixo retorno financeiro o que, a longo prazo, pode conduzir a super exploração dos recursos. Neste sentido, vale ressaltar a importância em articular mecanismos apropriados que visem aumentar o retorno econômico oriundo da venda de produtos e que, basicamente, devem envolver a estruturação do processo de escoamento de produção, busca de mercados diferenciados, buscar agregar valor aos bens produzidos e, possivelmente, buscar representação junto à associações ou cooperativas.

4) Considerações Finais

Conforme preconiza o Plano de Manejo da Floresta Nacional do Jamari, o instrumento que estabelece normas, condutas e acordos entre a unidade de conservação e sua população tradicional é o Contrato de Concessão de Direito Real de Uso. Neste sentido, deseja-se, neste momento, fazer algumas considerações visando o aprimoramento de tal instrumento.

² Para a extração anual de 100 latas de castanha e de 50 litros de óleo de copaíba, prevê-se uma contribuição adicional de 33% da renda obtida com a venda de farinha de mandioca em 2004, ou 14% daquela prevista para 2005.



Ainda que o presente relatório aponte para o fortalecimento dos sistemas extrativistas para produtos florestais não madeireiros, deve-se ter em mente que parâmetros de sustentabilidade devem nortear os processos de exploração. Deve-se compatibilizar a exploração economicamente viável do recurso, respeitando-se a dinâmica das interações ecológicas associadas, como reposição do estoque, manutenção de populações viáveis e disponibilidade de alimento para demais componentes da rede trófica.

Neste contexto, faz-se necessário que normas sejam estabelecidas visando garantir a sustentabilidade do sistema extrativista. Ainda que seja de vital importância, traçar diretrizes neste sentido foge aos objetivos do presente estudo. Assim, dever-se-ia realizar uma oficina, num processo de comunhão de conhecimentos (técnico e tradicional) e por isso com forte caráter participativo, no sentido de obter um acordo de uso e exploração de recursos que cumpra tal finalidade, formalizando direitos e deveres por parte dos tradicionais e a administração da unidade.

Com relação à pesca, as espécies com maior restrição de captura que constam na portaria IBAMA n.08 de 02/02/96 não ocorrem no alto Jacundá. Já as proibições e permissões específicas para o estado de Rondônia discriminadas na IN n.18 de 14/10/04, consta a Jatuarana *Brycon spp* como espécie de pesca proibida na bacia do rio Madeira.

O tamanho mínimo de captura é outro importante parâmetro no sentido de garantir a sustentabilidade na exploração do recurso. No entanto, não existem estudos específicos para determinar o tamanho mínimo de espécies para esta região. Tampouco tais determinações (Portarias IBAMA n. 08/96 e IBAMA-AM n. 01/01) para espécies da região amazônica e consideradas no PNDPA (Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora) não se aplicam para a área em questão.

Uma vez que a atividade de pesca se constitui em importante fonte alimentar protéica, sendo exclusivamente relacionada à alimentação da família local, que o contingente de habitantes da colocação Salva Terra é bastante reduzido, e que não há outras fontes diretas de pressão sobre o recurso pesqueiro na região do alto Jacundá, não se deve, nesse momento, pensar em estabelecer restrições às atividades desenvolvidas. No entanto, recomenda-se apenas o estabelecimento da suspensão da pesca da jatuarana até que informações mais detalhadas sobre sua possível extinção local sejam obtidas.

Já a caça de animais silvestres também é fonte alimentar para a família estudada. Da mesma forma, cabe aqui o estabelecimento de normas visando a sustentabilidade da atividade. Deve-se atentar para espécies que atualmente constam na lista brasileira de animais ameaçados de extinção. As espécies *Leopardus wiedii* (gato Maracajá), *Panthera onca* (onça pintada), *Pteronura brasiliensis* (ariranha), *Caluromysiops irrupta* (Cuíca de colete), *Priodontes maximus* (tatu canastra) e *Myrmecophaga tridactyla* (Tamanduá bandeira) ocorrem, em potencial, na Floresta Nacional do Jamari. Apenas tatu canastra parece fazer parte do hábito de caça dos moradores tradicionais. Neste sentido, é importante garantir o compromisso de não abate dessas espécies.

Finalmente, é desejável que as informações, diretrizes e proposições aqui retratadas sejam apresentadas e discutidas com a família da colocação Salva Terra, sob a pena de que imperfeições no processo de coleta de dados possam vir a estabelecer conflitos relacionados às reais necessidades locais.

Anexo 10

Plano de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais – Ano de 2005

1. – Introdução:

A Floresta Nacional do Jamari foi criada mediante o Decreto Nº 90.224 de 25/09/84, com uma extensão aproximada de 225.000 ha. Desta área, 95,4% pertencem ao município de Itapuã do Oeste e 4,6% ao município de Cujubim. A Flona limita também com o município de Candeias do Jamari, cuja sede se encontra a mais de 60 Km de tais limites. A posição geográfica da Unidade de Conservação mostra que possíveis influências sobre a mesma podem vir dos municípios de Itapuã e Cujubim, cujas sedes municipais encontram-se, respectivamente a 10 e 30 Km dos limites da mesma. Estes dois municípios, conforme o Censo 2000, somam uma população de 13.358 habitantes, sendo 6.873 da área urbana e 6.485 da área rural.

O município de Itapuã do Oeste foi criado em 1992 e o de Cujubim em 1994. O povoamento destas áreas foi fruto da ocupação de terras da União, por parte de migrantes, que ocorreu com maior intensidade a partir de 1980. Embora na década de 60 tenha sido aberto o eixo rodoviário Cuiabá-Porto Velho (BR 364) que deu início ao processo de colonização na margem da estrada, a área de Itapuã, com terras de média e baixa fertilidade natural, associada à distância que a separava dos dois principais centros, Porto Velho e Ariquemes, em torno de 100 km, não atraiu grande número de colonos. Houve nesta região isso sim o início da garimpagem de cassiterita e a posterior instalação de lavras mecanizadas por companhias mineradoras.

Na década de 70, ocorreu a consolidação da lavra mecanizada dentro da área que constitui atualmente a Flona, e legalmente foi proibida a garimpagem de cassiterita em todo o Estado de Rondônia. Houve também, um aumento substancial da ocupação das faixas laterais da BR 364 pelos colonos, ficando, porém, esta, restrita às margens até uma distância de mais ou menos 5 km no sentido perpendicular. Na década de 80 e 90 acentuou-se a ocupação do entorno da Flona, sendo que foram ocupadas as áreas limítrofes, não restando mais a “faixa” de segurança de floresta entre “colonizadores” e a Unidade.

O zoneamento sócio-econômico ecológico estabelece regras para a ocupação e desenvolvimento de atividades a serem desenvolvidas dentro do estado de Rondônia, mas não tem sido cumprido a contento e Rondônia encontra-se dentro do arco do desmatamento. No entorno imediato da Flona a situação não é diferente, sendo que a ocupação desenfreada e desordenada vem causando problemas diretos e indiretos a Flona.

Nos meses de julho a setembro, que é o período da seca, há uma queda na umidade relativa do ar que chega a 75 % onde o uso do fogo que é prática corriqueira na limpeza de terrenos, é utilizado mais intensamente. Essa prática vem colocando em risco o patrimônio genético do entorno e da própria Flona do Jamari.

Desta forma necessário se faz que se estabeleça um planejamento no combate a incêndios florestais na Flona do Jamari e que sejam envolvidos atores dos municípios do entorno tais como representantes de órgãos estaduais, municipais e entidades de classe.



2. – Objetivos:

Tendo em vista que se encontra em fase final a elaboração do Plano de Manejo da Unidade, este projeto visa colaborar para a elaboração de um plano contínuo e integrado de prevenção e combate a incêndios florestais, que subsidiado por pesquisas científicas poderá permitir a médio prazo a elaboração de um Plano de Manejo com o uso controlado do fogo, que será um elemento estratégico imprescindível à conservação deste ecossistema.

Pretende-se também implementar medidas preventivas que venham a controlar possíveis focos de incêndios dentro e no entorno da Flona, com um planejamento e estratégias pré-definidas e que possam ser reajustadas de acordo com as necessidades, procurando a integração com as comunidades do entorno, órgãos do governo, prefeituras e entidades não governamentais, prevenindo possíveis focos de incêndios e deixando claro quem deverá tomar as medidas necessárias a prevenção e combate aos incêndios. Vale ressaltar que já foram efetuados contatos com o IDARON e EMATER em Itapuã do Oeste e será estabelecida uma metodologia de trabalho que proporcione aos integrantes desses órgãos conhecimentos que viabilizem o repasse de informações aos agricultores da região, facilitando assim a ação do controle e prevenção dos incêndios.

Realizar treinamentos e palestras visando a aquisição de conhecimento e habilidades no uso controlado do fogo, estabelecendo procedimentos que possibilitem a aquisição de mão de obra qualificada, equipamentos e materiais que possam ser utilizados em metodologias já utilizadas e comprovadamente eficazes.

Serão utilizados os seguintes procedimentos:

- Sistema de prevenção, com vigilância fixa, por meio de torres e pontos de observação em pontos estratégicos;
- Sistema móvel para equipar viaturas;
- Sistema de comunicação via rádio na vigilância e patrulha móvel;
- Trabalho permanente de prevenção, com cursos de educação ambiental envolvendo os moradores das comunidades;
- Treinamentos periódicos, com transmissão de conhecimentos teóricos e práticos, aos integrantes das brigadas, para uso do fogo, prevenção e controle de incêndios;
- Aquisição e manutenção de equipamentos e materiais para o combate a incêndios florestais.

A ampla divulgação das atividades de prevenção e combate a incêndios florestais quer seja através de palestras, visitas a todas as comunidades do entorno da FLONA do Jamari, às escolas urbanas e rurais e às prefeituras dos Municípios vizinhos, enfocando a importância da preservação deste bioma, utilizando fitas de vídeos, folhetos, folder, etc... É importante salientar que este Plano deverá envolver, pela primeira vez, a participação voluntária dos diversos atores que dependem economicamente da U.C., no controle de incêndios florestais, tornando-se *modelo multiplicador para todas as outras U.C's em Rondônia*, no que se constitui uma das motivações mais importantes para uma política pública de conservação do meio ambiente natural. Esta motivação se traduz no envolvimento efetivo dos agentes sociais diretamente interessados e capazes de executar e se comprometer com estas políticas.



3. – Caracterização Física e Ambiental de Área da Floresta Nacional do Jamari

3.1 – Meio Físico:

A Floresta Nacional do Jamari está localizada integralmente na Unidade Morfoestrutural denominada Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental (RADAMBRASIL, 1978, Folha SC.20 Porto Velho) entre as Coordenadas Geográficas: Latitude 09 00' 00" a 09 30'00" S e Longitude 62 44' 05" a 63 16'54" W.

No Estado de Rondônia, predomina o clima tropical, úmido e quente, durante todo o ano, com insignificante amplitude térmica anual. Segundo a classificação de Köppen, esta área possui um clima do tipo Aw - Clima Tropical Chuvoso, com período seco bem definido durante a estação de inverno, quando ocorre na região um moderado déficit hídrico.

O clima caracteriza-se por sua homogeneidade sazonal da temperatura média do ar, o que não ocorre em relação à precipitação pluviométrica, que apresenta variabilidade temporal.

Estando sob a influência do clima Aw, a média anual da precipitação pluvial, na região onde a Floresta Nacional está inserida, varia entre 2.200 e 2.600 mm/ano, onde mais de 90% desta ocorre na estação chuvosa. A média anual da temperatura do ar fica entre 24° e 26 °C.

A média anual da umidade relativa do ar varia de 80% a 90% no verão, e em torno de 75%, no outono e inverno. A evapotranspiração potencial (ETP) é alta durante todo o ano, apresentando valores superiores a 100 mm/mês. O total anual da ETP só atinge valores superiores aos da precipitação mensal nos meses de maio a agosto.

Nos meses de verão, de outubro a abril, ocorre o período mais chuvoso, onde se observa uma grande atividade convectiva causada por uma maior incidência de radiação solar durante o ano.

O período mais seco ocorre entre junho e agosto, sendo maio e setembro, meses de transição.

3. – Meio Biótico

3.1. – Vegetação

A tipologia vegetal que cobre a região se reveste de relevante interesse ecológico, uma vez que este componente dos recursos naturais renováveis, além de servir de habitat para diversas espécies da fauna, flora, fornece produtos e subprodutos para as populações do entorno. A recarga dos aquíferos se dá pelas precipitações pluviométricas, cuja capacidade hídrica está diretamente relacionada com a manutenção da cobertura natural dos solos contra processos erosivos, acrescidos das exuberantes belezas cênicas e paisagistas, de forma que a sua manutenção é imprescindível para a região circunvizinha e para toda a humanidade.



Na área da Floresta Nacional do Jamari esta unidade de relevo apresenta-se bastante uniforme, com o planalto suavemente dissecado, originando extensos interflúvios tabulares, com drenagem secundária e terciária, apresentando padrão dentrítico. Nestas áreas as litologias são de idade pliopleistocênica (Formação Solimões) e a vegetação florestal é a predominante.

Segundo a classificação fisionômica-ecológica do Projeto Radambrasil (1978), na área da Unidade prevalece a Floresta Tropical Ombrófila Aberta das Terras Baixas (Abp), que podem apresentar-se com predominância de palmeiras ou com cipós. São formações florestais típicas das sub-regiões dos baixos platôs da Amazônia, com vegetação diversificada e sub-bosques compostos por denso extrato de plântulas. Ocorre também a Floresta Ombrófila Densa das Terras baixas (Dbp), algumas vezes de difícil diferenciação da anterior, sendo mais típica de áreas de relevo dissecado.

Estas formações florestais recobrem áreas do Domínio Morfoclimático dos Planaltos e Depressões Dissecadas e Superfícies Pediplanadas. A Floresta Ombrófila, Aberta ou Densa, é a cobertura vegetal predominante na Floresta Nacional, ocupando mais de 98% da área da Unidade. Estas formações recobrem áreas de relevo variado, especialmente as formas dissecadas aplainadas em interflúvios tabulares e, em menor escala, em colinas.

Este tipo de vegetação caracteriza-se pela ocorrência de gradientes climáticos com mais de 60 dias secos por ano, indivíduos arbóreos espaçados, podendo ou não apresentar agrupamentos de palmeiras e fanerófitas sarmentosas, e sub-bosque composto por plântulas e árvores jovens das espécies dos extratos superiores.

3.1.2 – Aspectos Gerais de cada Fitofisionomia:

A. - Floresta de Terra Firme

As Florestas Ombrófilas do tipo aberta ou densa, considerada neste estudo como Floresta de Terra Firme, predominam nas colinas e nos interflúvios tabulares do Terciário, sob solos profundos e bem drenados, geralmente do tipo latossolos amarelo, latossolos vermelho-amarelo ou podzolicos vermelho-amarelo. Caracterizam-se pela presença de árvores espaçadas formando um dossel com altura de aproximadamente 40m e grandes árvores emergentes com 45m a 55m. Formações adensadas de palmeiras, especialmente o babaçu *Orbignyia martiana*, inajá *Athalea maripa* e tucumã *Astrocaryum aculeatum* ocorrem irregularmente, formando mosaicos nas florestas com e sem agrupamentos de palmeiras.

B. – Florestas de Baixo

São formações florestais que ocorrem em planícies aluviais recentes e ao longo dos leitos dos pequenos igarapés que drenam nos interflúvios tabulares. São relacionadas a solos aluviais distróficos, de baixa permeabilidade e mal drenados, ocasionalmente inundados durante os episódios de chuva. Caracterizam-se pela abundância de palmeiras. Nas áreas mais baixas destacam-se especialmente o pataúá *Oenocarpus bataua*, a paxiúba de escora *Iriartella setigera*, paxiúba barriguda *Iriartella deltóidea* e o açai da mata *Euterpe precatoria*.

C. – Florestas de Várzea.

São formações vegetais que recobrem as planícies de inundação dos rios, margens de lagos e de igarapés que drenam a região, caracterizadas por serem submetidas sazonalmente a períodos variados (1 a 4 meses) de inundação, em função da altura do nível das águas.



As espécies arbóreas que mais freqüentemente são encontradas neste tipo de ambientes são: táxi *Tachigalia velutinoso*, *Leuheopsis duckeana* Burret, *Rhodoganalopsis faroensis* (Ducke) A. Robyns, tauarí-da-várzea *Couratari tenuicarpa* A.C. Smith, matá-matá-da-várzea *Eschweilera albiflora* (A.P.D.C.) Miers, *Qualea acuminata* (Spruce ex Warm.), *Swartzia brachyrachis*, *Swartzia dolichopoda*, capitarí *Tabebuia barbata*, visgueiro *Parkia nítida*, araparí *Macrolobium acaciifolium*, *Macrolobium angustifolium*, *Macrolobium multijuga*, seringai *Mabea caudata*, *Erythroxylum campinense* A. Amaral Jr., seringueira *Hevea brasiliensis* Muell. Arg., piquiá-bravo, *Caryocar microcarpum*, copaíba *Copaifera multijuga*, geniparana *Genipa americana*, *Panopsis sessilifolia* (Proteaceae), entre outras.

D. – Veredas de Buritis ou Buritizais

São formações vegetais com dominância fisionômica da palmeira buriti *Mauritia flexuosa*, e, eventualmente, em cotas mais altas, das palmeiras caraná *Mauritiella aculeata* e o açai *Euterpe precatoria*. Ocorrem em depressões encharcadas ou em áreas de lençol freático superficial, próximas às nascentes de rios. São consideradas formações pioneiras pelo Projeto Radambrasil (1978) e anomalias de vegetação, por Vitulich (1998), que freqüentemente ocupam áreas baixas de paleolagoas, hoje preenchidas por sedimentos quaternários, inundadas temporariamente. Estas formações suportam longos períodos de encharcamento, necessitando, no entanto, de alguma variação no nível de água nos solos para a sua manutenção.

O maior buritizal da Floresta Nacional inicia-se na porção meridional de seu limite oeste, estendendo-se a partir deste ponto por cerca de 16km para o interior da Unidade. Nesta vereda destacam-se além do buriti *Mauritia flexuosa*, que ocorre nas cotas mais baixas, o caraná *Mauritiella aculeata*, o açai *Euterpe precatoria*, o genipapo *Genipa americana* e uma espécie de *Clusia*. Nas lagoas permanentes ou temporárias crescem macrófitas aquáticas dos gêneros *Nymphaea*, *Eichomia*, *Montrichardia*, *Utricularia* e *Salvinia auriculata*, dentre outras.

As veredas de buritis são, via de regra, áreas de baixa diversidade florística, mas de grande importância ecológica, pois protegem mananciais e nascentes, bem como criadouros para peixes e anfíbios. Abrigam também ninhais de diversas aves aquáticas e servem com sítio de alimentação para Psitacídeos.

E. – Vegetação dos Afloramentos e Grotões Rochosos

Os afloramentos rochosos graníticos subvulcânicos, denominados Granitos Rondonianos, encontrados com freqüência nos platôs da área de Santa Bárbara, são recobertos por vegetação rupestre peculiar e diferenciada da matriz florestal regional. Caracterizam este habitat rupestre específico a palmeira pupunha de porco *Syagrus inajaí*, os arbustos maniva-de-viado *Manihot* cf. *esculenta*, *Pseudobombus*, *Abarema piresii* e a hebéceae *Phaseolus adenanthus*. Podem também ser observados grupos de epífitas, como *Clusia* sp. (Clusiaceae) e *Anthurium graciipe* (Araceae), se assentados diretamente sobre o substrato rochoso, bem como as orquídeas *Cyrtopodium andersonii* e *Pticairnia* cf. *crinita*.

É comum nestas formações, a ocorrência de espécies de caráter endêmico, devido ao isolamento físico (e conseqüentemente o isolamento genético) em relação a outras áreas similares, sendo, portanto, prioritária a sua localização, mapeamento e conservação no interior da Unidade.



Nas áreas do entorno dos afloramentos, caracterizadas pela presença de solos litólicos, pouco profundos, e nos grotões rochosos, encontram-se espécies arbóreas, tais como quais: morotó *Schefflera morototoni*, pimenta de nambu *Erythroxylum campinense*, *Rollinia exsucca* (Annonaceae), Acácia *Cássia multijuga*, dima *Cróton lanjowensis*, sumaúma-branca *Cochlospermum orinoccense*, caroba *Jacarandá copaia*, cedro *Cedrella fissilis*, cerejeira *Torresia acreana*, cumarú *Dipteyx odorata*, castanha-do-pará *Bertholletia excelsa*, Angelim-pedra *Dinizia excelsa*, sumaúma-da-terra-firme *Bombacopsis* sp. e mandioqueira *Erismia bicolor*.

F. – Vegetação presente em áreas antropizadas

As atividades de lavra de cassiterita a céu aberto no interior da Floresta Nacional do Jamari originaram superfícies com total remoção da cobertura vegetal que variam de 5 ha a 60 ha. Ao redor das áreas de lavra era mantida uma faixa de segurança de cerca de 70m, onde a vegetação era removida. Várias áreas de serviços e estradas também foram abertas para a atividade de lavra. Com a diminuição das atividades de lavra na última década, cerca de 1.000 ha estão atualmente em processo de regeneração natural ou recuperação induzidas no interior da Unidade.

Os primeiros estágios da regeneração de áreas antropizadas apresentam árvores e arbustos típicos, como goiaba-de-anta *Bellucia grossularioides*, lacre *Vismia cayenensis*, *V. guianensis*, *V. japurensis*, capitiu *Siparuna guianensis*, grão-de-galo *Cordia nodosa*, murici da mata *Byrsonima* sp., Acácia *Cássia multijuga*, marmeleiro *Aparisthmium cordatum*, ingá *Inga* sp., imbaúba *Cecropia sciadophylla*, *Cecropia* sp., pente de macaco *Apeiba albiflora*, faveira camuzé *Stryphonodendron pulcherrimum*, envirataia vermelha *Xylopia amazônica*, Envira-bobó *Rollinia exsucca*, morototó *Schefflera morotoni*, laranjinha *Zantoxylum rhoifolium*, sabiá-de-espinho *Acacia* sp., *Isertia hypoleuca*, *Palicourea* sp., *Tratinickia* sp., *Mabea* sp., *Clidemia* sp., entre outras.

3.1.3. – Táxons da Flora Raros e de Interesse para a Conservação

Apesar das perturbações sofridas pela Floresta Nacional do Jamari durante as última décadas, ainda é possível encontrar nesta Unidade vastas áreas de floresta exuberante e sem sinais de perturbação. A Floresta Nacional resguarda amostras da flora características da Amazônia sul-ocidental, região submetida a altas taxas de desmatamento.

Devido à homogeneidade topográfica e a cobertura florestal relativamente uniforme, a presença de habitats peculiares, como os afloramentos dos Granitos Rondonianos, devem merecer especial atenção na definição das áreas prioritárias para a conservação.

Os afloramentos rochosos e suas áreas de entorno apresentam vegetação diferenciada da matriz florestal, com maiores chances de endemismos ou da ocorrência de populações de alto nível de diferenciação genética. A presença, nesses afloramentos, de orquídeas do gênero *Pticairmia*, gênero com grande nível de diferenciação mesmo em escala microgeográfica, sugere que endemismos podem ocorrer para este grupo na área.

Algumas espécies encontradas na Unidade possuem distribuições restritas, justificando um programa especial de conservação das populações no interior da Floresta Nacional. Como exemplo, alguns indivíduos espaçados de cocoloba-da-folha-grande *Coccoloba* sp; espécie que possui a maior folha entre as dicotiledônias da Amazônia e do Brasil (Guinnes Book, 19997), são encontrados em diferentes áreas de floresta secundária



dentro da Unidade. A mungubarana *Huberodendron swietenoides* (Bombacaceae), também é uma espécie com distribuição restrita a Amazônia sul-ocidental, sendo provavelmente endêmica para a bacia do rio Madeira, da mesma maneira que a cocoloba-da-folha-grande.

Algumas espécies têm grande importância econômica, tornando-se muito raras na região. Espécies como a itaúba *Mezilaurus itauba*, o cedro *Cedrella fissilis*, a macacauba *Platymiscium duckei* e cerejeira *Torresia acreana*, de alto valor comercial, ocorrem em densidades baixas e estão incluídas entre as espécies ameaçadas de extinção. Programas de localização de matrizes, coleta de sementes e produção e plantio de mudas para reposição de suas populações contribuiriam para a conservação destas espécies.

3.1.4. – Fauna;

No que se refere à fauna existente na Floresta Nacional do Jamari, foi realizada recentemente uma AER (Avaliação Ecológica Rápida) onde foram realizados estudos sobre mastofauna, avifauna, ictiofauna e herpetofauna, conforme apresentado a seguir.

A. – Mastofauna:

Os levantamentos realizados na AER mostraram a ocorrência de 39 espécies de mamíferos distribuídas em 17 famílias diferentes.

Porém, outros levantamentos já realizados na Unidade apontam a ocorrência de cerca 101 espécies de mamíferos pertencentes a 27 famílias e 8 ordens.

Nos levantamentos da AER foram detectadas 03 espécies constantes da lista de espécies brasileiras ameaçadas de extinção, quais sejam:

- gato maracajá *Leopardus wiedii* (vulnerável);
- onça-pintada *Panthera onca* (vulnerável);
- tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla* (vulnerável).

A maioria dos ambientes visitados contém extensões consideráveis de mata, e nestas pode-se observar uma intensa movimentação de mamíferos, principalmente pela grande quantidade de pegadas, como pode ser observado nas Figuras 06 e 07. Tais pegadas são encontradas, principalmente, em locais com presença de água.



Figura 06
Pegada de Cervídeo Encontrada
no Sítio Duduca



Figura 07
Pegadas de Catetu Encontradas
Próximo ao Sítio Viveiro



Algumas espécies esperadas para ambiente similares ao da Floresta Nacional do Jamari não foram detectados nos levantamentos da AER, como é o caso do guariba *Alouata caraya*, único primata que não foi registrado apesar de no passado ter sido comum para a região e existir na área de preservação da Reserva de Samuel, mata contígua à Unidade. Este fato pode estar ligado a vários fatores, sendo, o fato das matas da Unidade apresentarem avegetação de sub-bosque bastante alterada, o mais forte deles, uma vez que o sub-bosque das matas propicia condições favoráveis à fixação de várias espécies de mamíferos.

A pressão de caça, provavelmente, é outro forte fator limitante da existência de algumas espécies na Floresta Nacional, sendo mais presente em membros das famílias Tapiridae, Dasypodidae, Cebidae, Procyonidae, Mustelidae, Felidae, Tayassuidae, Cervidae, Hydrochaeridae, Dasypodidae e Agoutidae.

B. – Aves:

Os levantamentos de avifauna da AER, realizada na Floresta Nacional do Jamari, detectaram a presença de 151 espécies de aves distribuídas em 43 famílias diferentes. Das espécies encontradas durante os levantamentos, consta da lista nacional das espécies de aves da fauna brasileiras ameaçadas de extinção, indicada como espécie vulnerável, o araçari-de-nuca-vermelha *Pteroglossus bitorquatus*. Apesar da maioria dos ambientes da Unidade ainda conterem extensões consideráveis de mata, estas se encontravam pobres em relação à diversidade de espécies de aves encontradas nas mesmas.

C. – Ictiofauna:

Nos levantamentos feitos para a Ictiofauna na AER da Floresta Nacional do Jamari, na época da cheia, foram observadas 33 espécies de peixe,

Já, baseados em dados secundários para as regiões da Unidade, foi possível elaborar uma lista contendo 183 espécies, como demonstra o Anexo 03.

Segundo estimativa de Roberts (1972), o número de espécies de peixes encontradas na Bacia do Rio Amazonas supera 1.300. Conforme os dados do Zoneamento Ecológico Econômico do estado de Rondônia (2000) são 373 espécies registradas para o estado de Rondônia (30% da biodiversidade ictiológica da Bacia Amazônica) e 242 para o rio Jamari (Iteron - Planaflores, 1998).

O movimento migratório é sazonal. A migração para reprodução se dá no início do período de inundação, quando os espécimes que se encontram nos tributários se agrupam em grandes cardumes e migram rio abaixo para desovar no rio Madeira. Após essa desova, os peixes migram para as várzeas do rio Madeira ou a dos seus tributários, para depois dispersarem na floresta inundada, permanecendo nela durante quatro a cinco meses para se alimentar. Nesse contexto as barragens interpostas nas micro-bacias do Jacundá, Preto e Japim no interior da Floresta Nacional podem estar inviabilizando essa migração como já acontece na hidrelétrica Samuel (Santos, 1995).

D. – Herpetofauna :

Nos levantamentos da Herpetofauna da Floresta Nacional do Jamari, realizados na AER, as espécies encontradas foram relativamente poucas, 24 espécies. Há que se considerar que a quantidade de horas de campo, o horário disponível para estas ações, logística e recursos disponibilizados constituíram fator limitante para um resultado mais vultoso neste levantamento.



Já nos levantamentos secundários, a herpetofauna levantada para a Floresta Nacional do Jamari e região, característica do ambiente florestal do ocidente amazônico que tem biodiversidade reconhecida, apresentou 167 espécies.

Apesar de preliminarmente estudada e caracterizada, por ocasião dos trabalhos do projeto Polonoroeste (Vanzolini, 1986) e Planaflores (Moreira et al., 1987), é interessante a promoção de novos esforços de levantamento herpetológico, para serem avaliados os impactos das alterações ambientais na região. Avaliações ecológicas sobre o estabelecimento de novo equilíbrio dinâmico nos ambientes agredidos têm grande interesse para a área científica.

Nos levantamentos, os leitos de folhiço, em locais florestados, atenderam às expectativas destes ambientes em relação aos espécimes da herpetofauna presentes. Nestes locais, foi observada a abundância de poças d'água temporárias, as quais são atraentes para pequenos anfíbios e quelônios. Os corpos d'água originais e artificiais mais antigos (igarapés, rios, barragens) são também muito atraentes para o bom sortimento de espécies, oferecendo alimento para espécies piscívoras (jacarés, cágados, tartarugas, alguns ofídios - *Hydrodynastes*, *Helicops*, *Eunectes*, *Micrurus surinamensis* - e *Crocodilurus lacertinus*).

Existe também na Floresta Nacional do Jamari, quantidade suficiente de abrigos para a herpetofauna de floresta de terra firme, fornecidos pelo sub-bosque e outras estruturas, como troncos caídos, tocas de animais maiores etc.

Apesar de naturalmente serem animais de difícil localização nas condições em que os levantamentos foram realizados, pela sua baixa densidade populacional, aparência crítica e hábitos tímidos, o encontro de uma maior quantidade de ofídios era esperado para a área da Floresta Nacional. Nos levantamentos foram registradas a ocorrência de *Eunectes murinus*, espécie esta documentada pela primeira vez para a Floresta Nacional do Jamari, a qual pode ser observada na Figura 39, e dois ofídios semelhantes, indubitavelmente da família Xenodontinae.



Figura 39
Eunectes Murinus,
Encontrada no Sítio Duduca

4. – Relevo:

No Estado de Rondônia, desde a década de 70, estudos geomorfológicos vêm sendo efetuados por instituições de pesquisas como a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) – Serviço Geológico do Brasil e o Projeto Radambrasil, produzindo documentos



temáticos parciais. Com a realização do Zoneamento Sócio-econômico-Ecológico (ZSEE) de Rondônia, desenvolvido nos últimos anos da década de 90, subsidiados pelo Zoneamento Econômico-Ecológico (ZEE) Brasil-Bolívia, foram elaborados os primeiros mapas integrados do Estado.

A análise regional das formas de relevo distribuídas no Estado indica a existência de cinco grandes ambientes geomorfológicos: áreas de domínio de superfícies regionais de aplanamento divididas em Níveis I, II e III; serras constituídas por rochas sedimentares antigas na forma de superfícies tabulares; áreas de denudação em rochas sedimentares terciárias; colinas e morros associados à presença de rochas resistentes à erosão e que se destacam sobre as superfícies regionais de aplanamento e o sistema fluvial do rio Madeira, que inclui ainda os subsistemas Mamoré, Guaporé, Ji-Paraná e Roosevelt.

Nas proximidades e na área correspondente à Floresta Nacional do Jamari, há a predominância das Unidades Denudacionais, do tipo Superfície de Aplainamento Nível II. Esta superfície constitui uma unidade com ampla distribuição na área ocorrendo sobre rochas do embasamento cristalino. As cotas atingidas por esta superfície distribuem-se no intervalo de 200 a 300 metros, apresentando igualmente uma densidade variável de inselberges.

Localmente, identificaram-se cinco feições geomorfológicas principais: Superfícies Tabulares (S1), Agrupamentos de Morros e Colinas (D3), Superfície de Aplainamento (D2), Planícies Inundáveis e Vales (A3), Depressões, Lagos, Deltas/Cones (A1), sendo apresentada, abaixo, a descrição de cada uma:

Superfícies Tabulares – estão inseridas dentro das unidades estruturais/ denudacionais. Constituem as formas de relevo elaboradas sobre rochas sedimentares, organizadas como superfícies tabulares com variável grau de dissecação. Revelam uma frente abrupta, onde se desenvolvem *footslopes*, estando geneticamente relacionadas a um controle estrutural. Apresentam-se fortemente erodidas, sendo comuns blocos-testemunhos. Encontram-se em uma pequena porção da região nordeste da Floresta Nacional do Jamari.

Agrupamentos de Morros e Colinas – estão inseridas nas unidades denudacionais.

Compreendem relevos residuais associados, principalmente rochas do embasamento cristalino, podendo possuir ou não controle estrutural. A maior densidade dessas formas conduz a adjetivação de serras. Na Floresta Nacional do Jamari, estas feições concentram-se, em maior parte, na porção sul, apresentando, ainda, corpos na porção central, nordeste e leste da área.

Superfície de Aplainamento – também inserida nas unidades denudacionais é a principal feição presente em toda a Floresta Nacional. Esse ambiente possui grande importância, formando áreas de arrasamento em rochas antigas e cobertas parcialmente por coberturas sedimentares indiferenciadas (Terciário-Quaternário). Sobre essas superfícies ocorrem quantidades variáveis de inselberges e tors, indicando a erosão de uma considerável espessura do manto de intemperismo. Feições comuns a essas superfícies, como forte intemperismo químico, formação de lateritas, depósitos sedimentares e inselberges e tors, indicam um relevo poligenético complexo, formado após um tempo geológico considerável. Alguns autores classificam estas unidades como pediplanos.

Planícies Inundáveis e Vales – dentro da unidade de Planícies Aluviais e Depressões, estas feições encontram-se dispersas na porção centro-norte, e uma pequena representação na parte sudoeste da Floresta Nacional, sob influência do rio Jamari. Este domínio é caracterizado por uma grande complexidade geomorfológica, exibindo planícies aluviais



e vales, e se trata de uma unidade de deposição. Dada sua representatividade, os rios, suas planícies fluviais, juntamente com seus vales, em função de suas formas, podem expressar a energia de transporte das drenagens.

Depressões, Lagos, Deltas/Cones – ainda na unidade de Planícies Aluviais e Depressões, encontra-se na porção norte da Floresta Nacional. São regiões de baixo topográfico, onde ocorre a acumulação de água. Em sua maioria, estão associados ao sistema de drenagem dos rios, ocorrendo ora em trechos interfluviais, ou então próximos à drenagem. Uma das feições típicas são as rias, de origem associada ao bloqueamento de um afluente a partir do curso fluvial principal. Os deltas/cones são sedimentos depositados em amplas áreas em forma espalhada e originados da erosão de serras e chapadas.

5. – Aspectos Básicos e Socioeconômicos da Região.

Inserida no estado de Rondônia a Floresta Nacional do Jamari é hoje uma das poucas áreas com mais de 100.000 há de cobertura florestal contígua e nesse contexto no ritmo atual tende a se tornar uma ilha de vegetação, pois a ocupação do seu entorno com elevado índice de desmatamento e queimadas têm aumentado consideravelmente.

Essa situação deu-se por conta de um sistema de colonização centrado no famoso jargão “integrar para não entregar” ainda da época do militarismo e que em Rondônia não foi diferente, incentivando a colonização do Estado de maneira desenfreada.

Atualmente a população da região sobrevive da produção agropastoril em pequena escala, marcadas por algumas grandes fazendas em áreas adjacentes a Flona. Mais localmente em Itapuã do Oeste a atividade de mineração executada pela Cesbra no interior da Flona, também gera uma boa quantidade de empregos, fazendo girar a economia na cidade de Itapuã.

Cabe salientar ainda que a produção madeireira no município de Cujubim tem propiciado a criação de um grande número de empregos diretos e indiretos, e por outro lado causa problemas para a Flona com a extração ilegal de madeira.

A principal pressão dentro da Unidade se dá por invasão da floresta na tentativa de “ganhar um pedaço de terra”, onde executam o desmatamento e se evadem na esperança de regularização por parte do Incra, sendo o lado leste da Flona a área que mais sofre com esses danos.

Há também no sudoeste da Flona, setor conhecido por Cachoeirinha, uma área com ocupação ilegal por garimpeiros, sendo que algumas informações dão conta que existiriam na área mais de 1.500 garimpeiros, que trabalham na extração de cassiterita e tantalita, que além da ilegalidade tem ocasionado problemas com a utilização de fogo para a limpeza das áreas a serem garimpadas.

6. – Estratégia de Ação:

Estabelecemos uma série de procedimentos voltados para a otimização dos recursos humanos e materiais existentes, bem como a utilização de técnicas e métodos disponíveis, que deverão ser aplicados na Floresta Nacional do Jamari no decorrer do ano de 2005.



6.1 – Treinamento de Pessoal:

Desde o ano de 2000, o Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais - PREVFOGO, adotou como estratégia de ação, o Sistema Nacional de Brigadas, que são treinadas, contratadas e alocadas na unidade de conservação. Lá realizam atividades de prevenção e combate aos incêndios florestais durante o período de seis meses (estiagem), de acordo com peculiaridades regionais. As atividades de prevenção e especialmente o combate a um eventual incêndio florestal, por envolver riscos em sua execução, exige a formação adequada de brigadistas (moradores locais), que nesta Unidade tem sido contratados preferencialmente agricultores do entorno e da cidade de Itapuã do Oeste, a fim de dotá-los de metodologias destinadas a enfrentar situações imprevisíveis. Serão ministrados cursos com aulas teóricas, acompanhadas de ensaios práticos sobre aplicação de mecanismos de prevenção, uso adequado do equipamento e técnicas de combate direto e indireto. O adestramento os capacita a entender o papel de cada membro da equipe em situação de combate.

6.2 – Medidas de Prevenção ao Fogo:

6.2.1 – Leitura da Realidade da Área:

Consiste num levantamento da área onde foram observados os aspectos da fitofisionomia, identificação das áreas de riscos de incêndios, ou seja, aquelas onde as variáveis: ações antrópicas, vegetação, topografia, dados climatológicos interagem de forma favorável sobre o comportamento do fogo, gerando como consequência à maioria dos incêndios na U.C. Em conformidade com este diagnóstico foi realizado o mapeamento das condições de acesso das vias de circulação internas e externas, pontos para abastecimento de água a serem implantados, os dados foram geoprocessados, originando o Mapa – Prevenção e Combate a Incêndios Florestais (anexo 01).

Esse trabalho foi realizado em outubro de 2004 em conjunto com os Analistas Ambientais Guanadir Sobrinho e Paulo A. Gomes de Souza lotados no IBAMA/PREVFOGO/BSB.

Todos os dados concernentes a flora, fauna e constituição geológica da Flona do Jamari constam nos itens 3 a 4 deste plano.

Levantamento circunstanciado dos equipamentos e materiais existentes, infraestrutura, viaturas, sistema de comunicação, etc, constam no anexo 03 (Equipamentos e Material de Combate a Incêndios Florestais existentes).

6.2.2 – Sistema de Prevenção contra Incêndios Florestais:

Para evitarmos maiores danos com relação ao fogo, serão realizados trabalhos de conscientização ambiental, em conjunto com órgãos públicos locais tais como a Emater, Idaron e Prefeituras de Cujubim e Itapuã do Oeste. Para tanto também contaremos com o apoio de 01 analista ambiental da Gerex/RO. Os técnicos irão repassar aos agricultores da região, instruções corretas de como se utilizar os recursos naturais, tais como métodos de realização de queimadas controladas, construção de aceiros e outros, sendo que nesse momento, período crítico na região entre os meses de junho a novembro, os técnicos contarão com o apoio dos



brigadistas contratados. As datas da realização dos eventos serão previamente agendadas, respeitando-se as peculiaridades de cada local e das necessidades dos agricultores. Os contatos serão realizados com as Associações de agricultores como a ASPRODILIT e Sindicato dos trabalhadores Rurais, que já exercem parcerias com o IBAMA. Adotando essas providências, iremos com certeza evitar que a maior parte dos focos de incêndio estejam fora de controle, resgatando a imagem do IBAMA, que com essas atividades estará realizando uma aproximação ainda maior com a comunidade.

Durante os trabalhos em outubro e com o conhecimento prévio da área da Flona, foram identificadas 07(sete) áreas de risco, onde deverão ser executados aceiros no período antecedente a estiagem, e 02 (duas) áreas de conflito com problemas de garimpagem ilegal, conforme mapa geral da Unidade (anexo 01) e mapas por áreas anexos (anexo 02), sendo elas:

A – Chico Pisca: anexo 02, mapa 01.

Área localizada a noroeste da Flona onde aglomeram-se propriedades rurais que fazem divisas imediatas com a Flona, com plantio de pastagens. É prática cultural a queima de pastagens quase que todos os anos e corremos o risco de que as “queimadas” ultrapassem o limite das pastagens e adentrem a floresta.

Para evitarmos tal dano, iremos realizar um aceiro com 02 (dois) metros de largura por 2.100(dois mil e cem) metros de comprimento.

Nesta região os aceiros serão realizados pelos brigadistas da Flona, contando com a participação dos agricultores da região, que serão previamente comunicados.

No ano de 2000 foi detectado dentro da Flona um foco de incêndio nas margens do igarapé Japim em área próxima ao igarapé Japim, sendo que cerca de 04 hectares foram queimados até o controle por parte da brigada da Flona.

Em área adjacente, após o igarapé Japim, na área conhecida como 14 de abril deverá ser instalada uma torre de observação com equipamento de rádio de longo alcance, com apoio de barraca de camping, onde ficarão dois brigadistas em horário diurno, sendo conduzidos até o local pela manhã e retorno à tarde.

B – Linhas 113, 117 e 119: anexo 02, mapa 02

Área localizada a Oeste da Unidade, também ocupada por agricultores em sua maioria com criação de gado e conseqüentemente plantio de pastagens até o limite da Flona. Em agosto de 1998 ocorreu um incêndio dentro da Flona, sendo que mais de 100,000ha foram afetados e o fogo teve sua origem em propriedade localizada na linha 113.

No ano de 2000 mais um foco de incêndio foi detectado na linha 113 adentrando a Flona, e que foi debelado com a ação dos brigadistas, sendo que 02 hectares de floresta em formação foram queimados.

Nas linhas 117 e 119 a situação é a mesma, sendo que também deverão ser efetuados aceiros como prevenção, sendo utilizada a brigada da Flona para a execução.

Nessa região serão necessárias as construções de 13.300 (treze mil e trezentos) metros de aceiros de 02 metros de largura, contando também com a parceria dos agricultores locais.



C – Fazenda Nova Esperança: anexo 02, mapa 03

Este trecho é ocupado por uma grande fazenda com atividade de pecuária a sul e leste da Flona, sendo que historicamente não tivemos problemas com incêndios na região, mas atualmente devido aos problemas de tentativas de invasão da Flona pelo lado leste, muitas pessoas tem transitado pela pastagem e podem ocorrer incêndios criminosos.

Esse aceiro deverá ser executado em parceria com a fazenda, mas devido a distância do local para a sede da Flona onde ficam os brigadistas, deverá ser terceirizado, ou seja, efetuando-se o pagamento para pessoas da região. Esse aceiro terá uma extensão de 21.200 (vinte um mil e duzentos) metros, com um custo de R\$100,00 por kilometro, totalizando R\$2.120,00.

D – Didi: anexo 03, mapa 03

Área localizada também a leste da Flona com pastagem até o limite da Flona, propriedade pequena, mas que pode trazer danos à floresta com a penetração de fogo oriunda da queima da pastagem. Com extensão de 600 (seiscentos) metros, o aceiro também deverá ser terceirizado com custo de R\$100,00 por kilometro, totalizando á ser terceirizado devido a distância da sede da Flona, com custo de R\$100,00 por kilometro, totalizando R\$60,00.

F – Posselt: anexo 03, mapa 05.

Área localizada a leste da Flona com limite imediato com a Flona e com pastagem em toda a extensão da divisa, sendo que os aceiros deverão ser executados também de forma terceirizada, com extensão de 7.800 (sete mil e oitocentos) metros, tendo um custo de R\$100,00 por kilometro, totalizando R\$780,00.

G – Áreas de conflito em Cachoeirinha, Bom Futuro e Sathel: anexo 02, mapa 06

As áreas citadas devido a situação atual de invasão por parte de garimpeiros, sendo que as informações dão conta que mais de 02(duas) mil pessoas estariam exercendo a garimpagem ilegal nessas regiões.

Tal situação tem trazido também alguns problemas relativos a incêndios florestais, pois os garimpeiros antes da lavagem desmatam a área e ateam fogo no material lenhoso para a limpeza da área.

Devido a grave situação e a periculosidade que envolve patrulhas nessas áreas, ainda não estabelecemos nenhuma ação específica, sendo que os aceiros nessas áreas não serão realizados até cessarem os problemas, mas no momento em que a área for desocupada e os riscos de vida deixarem de existir, já temos detalhadas as ações que devem ser executadas para evitar danos com incêndios florestais.

Apesar do problema, estabelecemos um ponto de coleta de água no ponto conhecido por Sathel, sendo que nesse local existe uma antiga barragem utilizada pela mineradora e que é possível a coleta através de helicóptero, caso seja de extrema necessidade.

6.2.3 – Pontos de Abastecimento de Águas a serem Implantados:

Para facilitar as ações de eventual combate a incêndio florestal estabeleceu-se 05 pontos de coleta d'água:



- Sede:

Ponto de captação de água próxima a sede administrativa da Flona, em barragem construída pela mineradora Cesbra, com possibilidade de coleta tanto por caminhão tanque quanto por helicóptero, com profundidade variando de um a três metros, sendo o acesso por estrada de chão, nas coordenadas UTM 493.500 e 8983.700.

- Santa Maria:

Barragens também construídas pela empresa mineradora Cesbra, com possibilidade de coleta tanto por caminhão tanque quanto por helicóptero, com profundidade variando de três metros e na cava até 20 metros, sendo o acesso por estrada de chão, distante 26 km da sede da Flona, 02 pontos nas coordenadas UTM 509.800 e 8991.900 e 509.700 e 8990.000.

- Dudaça:

Barragem artificial também construída pela empresa mineradora na década de 70, com área de 1.100 ha de lâmina d'água, tendo acesso via terrestre por estrada de terra, na base da barragem a profundidade chega a 10 metros, distante 32 km da sede da Flona, nas coordenadas UTM 516.100 e 8995.200.

- 14 de abril:

Barragem artificial também construída pela empresa mineradora, distante 30 km da sede da Flona, com acesso terrestre em estrada de terra, com profundidade na base da barragem chegando a 8 metros, localizada a noroeste da Flona, com 02 pontos nas coordenadas UTM 481.000 e 8997.700 e 482.081 e 8997.639.

- SATHEL:

Barragem construída pela mineradora Oriente Novo na década de 70, sendo possível o acesso via terrestre para veículos com tração nas quatro rodas, devido a situação de abandono da estrada, deverá ser utilizada somente em caso de extrema necessidade devido ao fator de risco, já citado no item 6.2.2-G., localizada a sudoeste da Flona nas coordenadas UTM 501.529 e 8963.898.

07. – Divisão da Área para Atividades Preventivas e de Combate:

A área da FLONA foi dividida em 03 (três) partes, devendo ser construídas três torres de observação, para facilitar as ações de logísticas e operacionais de prevenção e combate a eventuais incêndios florestais (Mapa – Prevenção e Combate a Incêndios Florestais, anexo 01):

Área A – sede da FLONA – Coordenadas UTM: 491.157 e 8982.735:

Em área próxima a sede da Flona (02 km) deverá ser construída uma torre de observação nas coordenadas acima, em área adjacente ao escritório da empresa mineradora CESBRA, onde permanecerão dois brigadistas durante o dia. Devendo ser instalado no local radio de comunicação fixo. Já na sede da Flona permanecerão 08 brigadistas, em escalas pré-definidas em plantões intercalados, e que deverão observar as porções centrais e sudoestes da Flona.



Área B – 14 de abril. – Coordenadas UTM: 481.476 e 8998.461:

Neste local permanecerão 02(dois) brigadistas, o local deverá dispor de sistema de rádio comunicação fixa e ser construída uma torre de observação, sendo que um veículo conduzirá os brigadistas pela manhã e com retorno a tarde, sendo que deverá possuir apoio com barraca de camping, devendo observar focos de incêndios a norte, noroeste e centro oeste da Flona.

Área C – Santa Maria: - Coordenadas UTM 509.299 e 8990.949

Neste local permanecerão 02 (dois) brigadistas, o local deverá dispor de sistema de rádio fixo, sendo que o local de observação será uma antiga caixa d'água (mapa 07) construída em concreto armado, onde deverá ser reformada a estrutura existente, sendo uma casa em alvenaria, devendo ser construído banheiro. Os brigadistas serão conduzidos ao local pela manhã e com retorno na parte da tarde, devendo observar possíveis focos de incêndios na porção norte, nordeste, centro leste e parte sudeste da Flona.

08.– Rotinas dos Componentes do Sistema de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais:

8.1 – Da Organização:

A equipe de combate a incêndios florestais da FLONA, sob ordem do (a) Gerente de Fogo e do (a) Chefe da Flona do Jamari, será constituída por 14 (quatorze) brigadistas, e por mais 01 servidor designada pela Chefia, os quais serão responsáveis pela coordenação das atividades de prevenção e combate.

8.2 – Da Coordenação:

É formada pelo Chefe da Unidade e 02 servidores por ele designados, cuja finalidade é coordenar as ações, quer sejam da fase de prevenção ou durante o combate, proceder ao reconhecimento aéreo da área, requisitar e disciplinar o emprego racional de todos os meios humanos e materiais disponíveis.

8.3 – Da Prevenção:

Grupo responsável pelo registro da ocorrência e acionamento dos meios para o combate, é formado pelo plantão permanente localizados nas: Torres 01 – Sede, Torre 02 – 14 de abril e Torre 03 – caixa d'água Santa Maria, além dos brigadistas e servidores que estarão diuturnamente realizando patrulha móvel em toda a área da FLONA.

8.3.1 – Observadores da Torre:

Grupo responsável pela observação do alto das torres 01,02 e 03. Após detectarem qualquer foco de incêndio que ameace a integridade da U.C., comunicarão via rádio aos brigadistas, passando toda informação necessária para acionar imediatamente o primeiro combate. Caso o foco esteja fora da área das U.C. e, no entanto os observadores tenham



dúvida sobre a possibilidade do mesmo ultrapassar o aceiro interno, deverão acionar a patrulha móvel que se deslocará até a área para certificar-se de que não afeta a integridade da FLONA, a qual em alguns casos poderá debelar os incêndios que possam adentrar a área da mesma.

Adotar-se-á 01 turno de observação: (07:00 às 18:00 hs), oportunidade em que 02 (duas) pessoas, equipados com rádios, se revezarão nas estruturas, permanecendo cada um 1 hora, em média, no alto, concatenando as observações entre as torres 01, 02 e 03.

8.3.2 – Patrulhas Móveis:

Constituída por veículos motorizados, vistoriar diuturnamente toda a área com a finalidade de obter e registrar informações sobre possíveis focos de incêndios devendo manter contato contínuo via rádio com as torres e Sede, e podendo eventualmente suprimir focos pequenos.

8.3.3 – Plantão das Centrais de Rádio:

- Recebe as informações so
- Abre a ocorrência de incêndios, analisando-as;
- Aciona os brigadistas para realizar o primeiro combate, num segundo momento solicita o auxílio da brigada da área mais próxima, de forma que o combate inicial é dado pelas brigadas dispostas nas áreas A, B e C. Acionar os demais membros da brigada que estiverem de folga cujos nomes, contatos, etc...; Estarão a disposição na sala do plantonista.
- Caso o fogo atinja grandes magnitudes que necessite do apoio, o mesmo deverá acionar imediatamente o Gerente do Fogo e a Chefia da Flona, que por sua vez deverá acionar a Coordenação Estadual do Prevfogo e a Brigada de Incêndios da empresa mineradora Cesbra, passando informações sobre o incêndio, localização, acesso e outras informações julgadas pertinentes;

8.3.4– Dos Veículos de Transporte:

A pessoa responsável pelos veículos de transporte no período crítico (junho a novembro) será o responsável pela manutenção das viaturas e motoristas devidamente escalados.

Uma camionete 4 X 4 – deverá ser mantida a disposição da Brigada, mantida em plantão de 24 horas pela equipe de patrulha, composta por servidores.

O chefe da FLONA expedirá as competentes Ordens de Serviços para ao bom funcionamento das atividades de prevenção e combate aos incêndios florestais no ano de 2005.

09. – Material de Consumo, Diárias e Equipamentos:

Anexo 03.

10. – Equipamentos e Material Permanente:

Anexo 04.



11. – Custo Total para Implantar o Plano:

Anexo 05.

13. Memória de Cálculo:

Anexo 06.

13. Informações Adicionais e Fotografias:

Anexo 07.

12. Cronograma Físico de Execução:

Atividades	Duração (dias)	Mês
Reuniões técnicas de grupo de trabalho para avaliação e adequação do plano de prevenção e combate a incêndios da FLONA. Atores: Chefia FLONA, Gerente do Fogo, representante da ee Cesbra, Presidente Sindicato Rural e representantes do Idaron, Emater e Prefeitura de Itapuã.	2 dias	Maio/junho
1. Levantamento e testes avaliativos sobre as condições dos equipamentos existentes	6 meses	Março-abril
2. Elaboração dos pedidos e material de combate a incêndios e recursos financeiros necessários para implementar o sistema na FLONA – encaminhamento a GEREX-RO, DIREF e PREVFOGO-DF.	4 dias	Março/abril
3. Realização de licitação e outras modalidades para adquirir os equipamentos e materiais a serem comprados.	20 dias	Abril/mayo
4. Verificação, revisão e manutenção por parte encarregado de transportes, das viaturas, motos, componentes do Plano Operacional.	10 dias	Maior
5. Levantamento das condições das estradas e aceiros internos e externos. Elaboração de relatório sobre as pequenas obras de engenharias necessárias para a recuperação, bem como estabelecer medidas para acceirar as previstas no plano ou outras julgadas necessárias.	3 dias	Maior/junho
6. Reunião com a equipe de educação ambiental para realização de campanhas, divulgação e visitas as áreas críticas do entorno da UC – sobre os danos causados pelos incêndios florestais.	2 dias	Maior
7. Treinamento de brigada de Prevenção e Combates a Incêndios Florestais (14 brigadistas), com realização de provas de seleção dos candidatos.	5 dias	Primeira semana de junho
8. Limpeza e roço de 40 km aceiros nas áreas críticas estabelecidas no Plano (ver mapa anexo).	30 dias	Junho/julho
9. Construção/Instalação de duas torres, instalação do Posto de observação na área de Santa Maria, testes dos equipamentos de rádio instalado, apoio logístico etc.	30 dias	Maior/junho
12. Realização de treinamentos, cursos de queima controlada para população do entorno conforme planejamento.	01 mes	Junho
12. Sistema de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais testado, implantado e em funcionamento.	6 meses	Junho/novembro



13 – Conclusões e Recomendações:

O Plano de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais contempla a prevenção, vigilância no período crítico, as medidas estratégicas de pré-supressão, estabelecendo os centros de responsabilidade para o primeiro combate, bem como as providências a serem tomadas na eventualidade de ocorrer um incêndio de grande magnitude. Estabelece as atividades preventivas, meios requeridos, recursos financeiros bem como o cronograma de execução das atividades a serem implementadas.

As medidas preconizadas neste documento deverão ser realizadas, cabendo a responsabilidade por sua execução, à esfera da CGREF – Coordenação Geral de Gestão dos Recursos Florestais, PREVFOGO-DF, GEREX-RO PREVFOGO-RO e execução direta à Gerência da FLONA do Jamari, para que seja reduzida a ocorrência de incêndios de grande gravidade, cabendo, portanto, ao IBAMA, prover os meios necessários para atingir os objetivos fixados no presente documento.

Deve-se ressaltar que uma cópia será enviada ao Ministério Público para conhecimento e acompanhamento das atividades que serão implantadas na Floresta Nacional do Jamari.

Flona do Jamari-RO, 04 de novembro de 2004.

Roberto Fernandes Abreu
Técnico Ambiental
Esp. Adm. Manejo de UC